



UMA VIDA EM TRÊS TEMPOS

*Memorial para promoção de classe a professor
Titular*

ROMUALDO PESSOA CAMPOS FILHO

Instituto de Estudos Socioambientais
Universidade Federal de Goiás

Luzes, em minha vida...

A minha eterna pequena ANA CAROL. Segue a nos iluminar. (In Memoriam)

Meu filho,

IAGO MONTALVÃO OLIVEIRA CAMPOS

Minha companheira de todos os momentos, de alegrias e tristezas,

CELMA GRACE DE OLIVEIRA

*[As pessoas] fazem a sua própria história,
mas não a fazem segundo a sua livre vontade;
não a fazem sob circunstâncias de sua escolha,
e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente,
legadas e transmitidas pelo passado.*

(KARL MARX. O Dezoito de Brumário de Luís Bonaparte)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
TEMPO 1 - Do Recôncavo ao Sertão baiano: De como a história se passa, e a gente passa por ela	9
As origens: em Alagoinhas uma infância apartada da história	9
No sertão profundo a aproximação com a igreja católica, e o distanciamento da realidade.	
Um pedaço de minha infância em Jeremoabo	12
Em Serrinha, os prazeres dos tempos colegiais: e o começo da paixão pelos livros.....	15
TEMPO 2 - Da caatinga ao cerrado. Tempos de escassez, resiliência e superação	20
Um recomeço em meio a muitas dificuldades. Morrinhos, a procura pelo pequi e no balcão de uma bodega.....	20
Entre a poesia, a enxada e a betoneira – eu era um proletário, sem saber	25
O prazer pela leitura: meu encontro com a história estava sendo traçado.....	27
Os tempos difíceis e iniciais em Goiânia. A luta de um peão de obra que mirava outro caminho.....	31
De apontador a almoxarife. Os estudos em fichas de resumos do curso abril vestibular... E a História traçou o meu destino.....	34
TEMPO 3 - Quatro décadas, e dois terços de minha vida na UFG.....	38
De 1980 a 1988: o fim da alienação e o envolvimento político no Movimento Estudantil. 38	
De 1988 a 1990: Um interregno em Araguaína. Dois anos que redefiniram minha vida....	48
De 1991 a 1995: na pós-graduação e o mergulho no Araguaia	57
De 1995 aos dias atuais.....	65
- Meu ingresso como docente na UFG e o começo da participação sindical.....	65
- 1997: dois partos e uma parte de mim que faltava.....	69
- O retorno ao Sindicato, e na saída uma tragédia que abalou minha vida.....	78
- Os últimos momentos da pequena Carol (dezembro de 2007).....	83
- Um sopro de resiliência em um momento de dor: o desafio do doutorado	89
- A universidade que me modelou, em todos os tons – historiador, mestre a doutor em Geografia – parecia me cobrar outro desafio.....	1044
- A candidatura a reitor.....	107
- As reflexões sobre minha vida dentro da UFG e os dilemas de se atingir o auge da carreira, com o Brasil fora de rumo e o mundo à deriva.....	111
- Fechando um ciclo: Água - meu olhar estratégico para um recurso vital em nossa existência.....	122
TODOS OS TEMPOS	128
Olhando o futuro pelo retrovisor.....	128
Um memorial que não se conclui	138
REFERÊNCIAS	141

INTRODUÇÃO

Falar sobre nós mesmos, não costuma ser tarefa fácil. Partindo de um historiador, certamente a responsabilidade se torna maior, porque não podemos cometer deslizes que nos remeta ao que Eric Hobsbawm chama de “o erro do século”. Ou seja, confundir o tempo, a época, da qual desejamos falar, e na qual estejamos vivendo.¹

A tarefa de produzir este memorial, para fins de promoção à carreira de titular como professor universitário na Universidade Federal de Goiás, é, para mim, mais do que um exercício de produção acadêmica. Todos verão, ao final, que terei fugido ao máximo dos rigores academicistas. Porque é mister me dedicar a uma abordagem em que a história de minha vida se sobressaia às necessidades de inserções de citações que me diminuiriam frente à autoridades que viessem a reforçar uma narrativa que não precisa ser escorada por essa tradição acadêmica.

Ah, mas dirão alguns, “o primeiro parágrafo já nega esse pressuposto”. Uma observação natural, pela citação daquele que é uma das referências mais importantes na minha formação de historiador. Não negarei esse fato, o que não significa a inserção de inúmeras citações. Como também me permito incluir no rol dessas exceções, minha referência na geografia, também meu conterrâneo, baiano e renomado geógrafo, Milton Santos, que em um de seus últimos livros “Por uma outra globalização”² confessou o prazer de produzir uma obra em que não fosse necessário desfilar um rosário de citações, de muito gosto da Academia, “quantas vezes ociosas e até mesmo ridículas”. E aqui reforço sua preocupação, também minha, ao dizer que isso não significa negar a importância de tantas obras e intelectuais que contribuíram com nossa formação, cujas ideias nos ajudam a construir nossos paradigmas e formatar nossa visão de mundo. Mas é a minha história, e nela me coloco como o protagonista principal e condutor de um destino naturalmente inesperado, porque não o tracei de acordo com os meus desejos, mas conforme as possibilidades permitiam.

¹ HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Cia das Letras, 1998. 1ª Edição.

² SANTOS, Milton. Por Uma Outra Globalização. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Assim me permito debruçar sobre o tempo e o espaço, voltar à minha infância e seguir todo o percurso que me trouxe do sertão baiano para o cerrado goiano, numa travessia difícil, em meio a intempéries e dificuldades geradas por uma época politicamente perversa, e economicamente permeada por sofrimentos, mas também por superações e resiliências.

Cheguei até este momento, próximo a entrar no topo da carreira docente, numa instituição universitária respeitada e de importância inestimável para o Estado em que vivo agora, nos rincões de um Brasil profundo que já não é tão distante, nem desconhecido, quanto quando para cá viemos. Muito pelo contrário, se torna hoje celeiro de oportunidades, de logísticas adequadas às mercadorias e de uma modernidade sofisticada pela técnica e pelo avanço de tecnologias agrícolas. Muito embora uma modernidade conservadora e destrutiva do nosso ambiente. Inclusive pelo aspecto cultural, carregado por esse viés rural, que enterrou o velho lamento caipira de prosas, modas e causos, pela repetição sonora de sofrências machistas. Ao mesmo tempo que negligencia competências musicais cujos espaços são restritos, mas que sobrevivem do lado bom da música popular brasileira goiana.

Minha trajetória acadêmica se inicia nos anos 1980, quando ingresso na universidade, como aluno do curso de História. Mas a linha do tempo que aponta os altos e baixos de minha vida, anterior a isso, reflete uma vida sofrida, de enorme labuta para sobreviver em meio às dificuldades enfrentadas pelo meu pai, de quem também sou homônimo por ter nascido no mesmo dia e mês, quando ele completava 35 anos, Romualdo Pessoa Campos. Era quem se desdobrava com os poucos recursos de um trabalho como assistente administrativo no antigo Departamento Nacional de Estrada de Rodagens (DNER). Ao lado dele, mas a real condutora de nossas vidas, Maura Montalvão Campos – D. Malu – minha mãe, uma mulher de tradições religiosas acostumadas a aceitar a condição de dona de casa, ainda de um tempo que não está de todo superado, mas cujos avanços já colocam as mulheres em outras condições nas relações familiares.

Vamos percorrer esse itinerário, nessa que é uma trajetória complexa, mas não muito diferente de um batalhão de trabalhadores e trabalhadoras que conseguem superar as dificuldades, ascender a uma universidade e a partir daí trilhar um caminho mais ameno em suas vidas.

A importância de narrar cada tempo de minha vida vem justamente da necessidade de demonstrar que o caminho que trilhei não foi fácil. Mas, principalmente, porque é por ele, com todos seus desvios e desníveis, que se conta a história de minha vida. O passado, aquilo que a memória carrega dos tempos vividos, é o que nos possibilita entender toda a nossa existência. Não podemos apagá-lo, e sem ele nos tornaríamos entes vazios, numa vida compartimentada

em tempos que não se ligariam. Somos o que a vida nos possibilitou ser, e o tempo é uma somatória de situações que construíram nosso corpo, nosso ser e nosso caráter. Ele não é divisível, pois não podemos negar, nem eliminar, nada daquilo que resultou no que somos no presente.

Infelizmente um pedaço de minha história se perdeu em um tempo de triste lembrança. Em 2007 perdi minha querida filha, Ana Carolina Oliveira Campos, e junto com a depressão que me consumiu por alguns anos, se foi parte de minha memória. Espero na construção desse memorial ir buscar fragmentos perdidos em meio à tristeza e depressão que me consumiram, ao me confrontar com a morte que levou parte de mim. Porque quando morre uma filha, ou um filho, morre também parte de nós, pai ou mãe.

Aos poucos tenho buscado reconstruir essas memórias, porque sempre recompomos nossas vidas, mesmo quando nos é tirado um membro de nosso corpo, e se enfraquecido a luz que iluminava nossas esperanças, tornando menos tênue nossa visão sobre o mundo e o que desejamos que seja, o futuro. Essa aliás, é a mensagem de um dos filmes mais melancólicos, e em parte autobiográfico, do gênio do cinema, Charles Chaplin: Luzes da Ribalta. A belíssima música-tema, em sua versão brasileira, cantada em 1953 por Nora Ney, diz em uma de suas estrofes aquilo que no fundo sentimos: *“Para que chorar, o que passou, lamentar perdidas ilusões, se o ideal que sempre nos acalentou, renascerá, em outros corações”*.

Por isso seguimos em frente. Sobrevivemos, porque a vida é importante. E construir esse memorial é a comprovação disso. E o dedicarei àquelas pessoas que estiveram em minha vida, passaram por ela e as que estão comigo, porque elas ajudaram a construir o que eu sou.

Sou produto da história de vida daquelas pessoas que me acompanharam ao longo desses 65 anos de idade que se completam na UFG. Portanto, não poderia esquecê-las:

Ao meu pai, ROMUALDO PESSOA CAMPOS e a minha mãe MAURA MONTALVÃO CAMPOS (In Memoriam)

Aos meus irmãos (Antonio Oscar, João Bosco, Carlos Alberto), à minha irmã (Ana Cristina) e ao meu irmão Kleber (In Memoriam)

Aos combativos companheiros e companheiras do Movimento Estudantil VIRACÃO.

Aos queridos colegas, docentes e técnicos-administrativos do Instituto de Estudos Socioambientais da UFG (IESA), que muito me ajudaram no momento mais difícil de minha vida, e por eles, e por elas, aprendi a me apaixonar pela Geografia e pelos estudos da natureza.

Aos alunos e alunas, com quem convivi por décadas de ensino e aprendizado.

Aos professores e professoras que juntos nos entregamos à luta em defesa da UFG e de nossas carreiras no Sindicato-ADUFG.

Aos amigos e amigas, que ao longo de minha vida compuseram capítulos importantes dessa história, em cada um desses Tempos, na Bahia e em Goiás.

Agradeço aos professores e professoras que compõem a banca que avaliarão esse meu MEMORIAL.

Peço desculpas por possíveis erros e omissões...

ESSA É A MINHA HISTÓRIA.

É o que pude extrair da minha memória.

TEMPO 1

Do Recôncavo ao Sertão baiano: de como a história se passa, e a gente passa por ela

As origens: em Alagoinhas uma infância apartada da história

Nos anos finais da década de 1950 o mundo praticamente se reconstruía das destruições causadas por uma guerra que afetou boa parte do mundo, e cujas implicações devastou a economia de muitos países. Mas o legado dessa guerra foi uma grande disputa ideológica que opôs capitalismo a socialismo, e mais do que a tradição da política deixara marcado após a Revolução Francesa, no século XVIII, do embate entre esquerda e direita, os tempos vindouros trariam agora o radicalismo ideológico de duas concepções de mundo absolutamente antagônicas. Guerra Fria: assim se definira o tempo em que as potências se armavam com o pretexto de garantir a paz. Foi por essa época, em Alagoinhas, modesta cidade do recôncavo baiano que cresceu muito nas últimas décadas, que vim a esse mundo, em sete de fevereiro de 1957.

Atuante no sindicalismo, como dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Curtumes de Alagoinhas, Romualdo Pessoa Campos, pai, tomou posse como vereador em 1951, para o seu primeiro mandato, que se repetiu por mais três vezes, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, que mais adiante elegeria João Goulart como

vice-presidente, se tornando presidente pela renúncia de Jânio Quadros. Como vereador meu pai adquiriu um protagonismo importante na Câmara Municipal, logo se tornando segundo vice-secretário e depois secretário. Tinha uma nítida influência nas lides políticas pela liderança assumida como líder sindical. Mas, ao mesmo tempo em que isso se constituiu num importante legado, que terminaria por elegê-lo por quatro mandatos consecutivos, se tornou também o seu calvário, como decorrência do golpe militar em 1964.

Minha mãe, uma tradicional “dona de casa”, do que era um comportamento absolutamente majoritário entre as mulheres, nas décadas de 50 e 60 do século passado, era quem de fato assumia a condução de nossas vidas. Nascida no sertão baiano, em Jeremoabo, cidade onde fui viver por um curto período, mas para onde sempre nos dirigíamos nas férias, era muito apegada aos valores religiosos católicos e por eles nos legou comportamentos que moldaram nosso caráter, naquilo que tradicionalmente se transmitia em termos desses valores. Sua rigidez religiosa, somava-se com os princípios políticos de retidão, compromisso e honestidade que acompanhavam meu pai. Para além dos vícios que esse ambiente político viceja, e dos quais ela discordava, mas que a época levava ao silenciamento, posso dizer que nosso caráter foi sendo moldado pelos exemplos que nos legavam honestidade, disciplina e respeito, sem quaisquer desvios que implicassem em desordem em nossas vidas. Essa desordem, na verdade, aconteceria pelos atos intempestivos ocasionados pelo rompimento da ordem constitucional brasileira.

Transcorria o ano de 1964 em pleno golpe de estado que instituiu um regime militar no Brasil, e lá dos meus sete anos de idade meu universo era outro. No entanto, esse acontecimento impactaria nossas vidas, como a de todos os brasileiros e brasileiras. Alguns mais diretamente, devido ao envolvimento político, principalmente aos que tinham posições ideológicas à esquerda, ou até mesmo centro-esquerda, como os que acompanhavam João Goulart e sua pauta reformista naquele momento.

As reformas de base apontadas por Goulart como uma meta de seu governo, dentre as quais a Reforma Agrária e o controle da remessa de lucros das empresas multinacionais, bem como sua aproximação com o governo da China, assustou os conservadores religiosos, os políticos de direita e um segmento das forças armadas alinhados com os Estados Unidos e sua concepção de doutrina de segurança nacional. A guerra fria passava a influenciar diretamente a política brasileira, e bloqueou nossa democracia por 21 anos.

Meu pai, político influente em Alagoinhas, passava longe dessas querelas ideológicas que movimentava a guerra fria e esquentava a política brasileira. Mas, por ser uma liderança política trabalhista, vereador havia quatro mandatos pelo mesmo partido de João Goulart, entrou na mira dos militares golpistas, e na onda do denunciismo político que tomou conta do país, com os oportunistas mirando seus desafetos e desencadeando uma sequência absurda de prisões e perseguições pelo país.

Nunca chegamos a saber, de fato, o que aconteceu com ele nessa prisão. Na época, minha mãe estava de resguardo, logo após o nascimento do filho mais novo em 29 de abril daquele ano. Foi quando, dias depois, soldados, fortemente armados, chegaram em nossa casa a procura de meu pai. Ele não estava em casa, e terminou por ser preso na Câmara Municipal, sendo depois levado para Salvador, onde ficou detido por cerca de trinta dias no complexo do Forte Monte Serrat, na Ponta do Humaitá. Ele nunca nos disse o que se passou com ele naqueles dias em que ficou preso. Mas depois do ocorrido, e da cassação de seu mandato, ele se retirou da política, tornando-se funcionário do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER).

No sertão profundo a aproximação com a igreja católica, e o distanciamento da realidade. Um pedaço de minha infância em Jeremoabo

Naqueles tempos de agonia política, eu, com sete anos de idade, e devido à gravidez de minha mãe, fui morar com minha tia, na cidade de Jeremoabo, próximo à Paulo Afonso. Uma pequena cidade no sertão profundo, que aprendi a gostar e onde, por outros anos, passávamos boa parte das nossas férias. Ali conheci o rio Vaza-Barris, que teria uma importância histórica por cortar a cidade de Belo Monte, construída por Antônio Conselheiros, e onde se deu a guerra de Canudos³ (1896-1897).

O Vaza Barris nasce próximo a Canudos, lugar que ficou marcado na história pela resistência dos jagunços liderados por Conselheiro, na famosa guerra contra milhares de soldados derrotados por três vezes. Até ser completamente dizimada. O açude de Cocorobó, que soterrou parte da história de Canudos, é formado pelas águas do Vaza Barris. Mas nos limites baiano atualmente o rio é intermitente.

De lá o Vaza Barris corta o sertão em direção a Sergipe quando se torna perene, e vai desembocar no Oceano Atlântico, formando no seu estuário na praia de Mosqueiro, em Aracaju.

Foi nesses rincões da caatinga que vivi. Permeados de histórias da jagunçada de Antonio Conselheiro, de cangaceiros (Lampião visitara várias vezes Jeremoabo, e ouvi muitas histórias do medo imposto por Virgulino e sua turma) e por aquela região também ter sido rota da Coluna Prestes.

Carrego comigo cada detalhe daquele lugar, jamais perco esse vínculo e por muitas vezes retornei ali e ainda espero ir mais vezes. A pobreza, a dureza e secura do solo, as árvores espinhentas e pouco frondosas, a raridade dos riachos e rios num ambiente de seca quase permanente, me atraem pela paixão e pela atração do

³ O termo jagunço teve o seu significado alterado ao longo dos anos que se seguiram à Guerra de Canudos, adquirindo um caráter pejorativo como “capanga”. Ver em: “Os jagunços Canudos”, no texto/artigo de Antonio Calasans. https://www.persee.fr/doc/carav_0008-0152_1970_num_15_1_1772

pertencimento. Aquele era o meu lugar. E por isso, por tanto tempo fui apaixonado pela Guerra de Canudos, quase sendo esse o tema do meu mestrado.

Tenho várias edições do livro de Euclides da Cunha, "Os Sertões". Na primeira leitura o sacrifício foi passar das cem primeiras páginas. Mas por ele aprendi a compreender a importância da geologia, embora tenha adquirido um olhar crítico e estratégico e não meramente descritivo. Já li Os Sertões três vezes, e ainda lerei mais.

Uma das primeiras refregas entre os jagunços de Antônio Conselheiro e as tropas dos soldados baianos, se deu justamente em Jeremoabo, com os insurgentes sertanejos obtendo a primeira vitória, ao expulsar a tropa que fora surpreendida na delegacia pelo ataque surpresa.

Essas histórias, o ambiente da caatinga, as aventuras no Rio Vaza Barris, e as incursões pelo mato para caçar juriti, nhambus e codornas, tornaram as memórias daqueles tempos como algo que sempre gerou em mim uma forte nostalgia. As caçadas por entre a caatinga, na direção do rio, eram aguardadas por nós com ansiedade. Eu tinha o meu estilingue, ali naqueles rincões chamados de bódogues, e meu pai carregava uma espingarda de cartucho, que ele mesmo enchia com pólvora e chumbinhos. Quase sempre retornávamos com as capangas⁴ cheias. Claro, isso para nós era caça, e eram consumidas com naturalidade, algo comum por aquelas paragens.

O fato de estar vivendo ali em Jeremoabo, no período de gravidez de minha mãe, a fim de aliviá-la, visto que já éramos cinco filhos (quatro homens e uma mulher) até aquele momento, me afastou da pressão política que levou à prisão de meu pai. O nascimento do filho mais novo, o caçula, completaria a família, com cinco homens e uma mulher. O pouco que fiquei sabendo da prisão de meu pai, foi por meio de meu irmão mais velho, o único de nós, que juntamente com minha mãe, o visitou na prisão.

⁴ Aqui o significado de *capangas* não é jagunço. Mas embornal ou bornal, uma bolsa, normalmente feita de couro, mas que uma tia nossa, Tonha, fazia com pano grosso.

Não me recordo por quanto tempo vivi em Jeremoabo, mas foi tempo suficiente para jamais me esquecer daquele lugar, dos amigos e amigas que fiz por ali, e até mesmo paixões de infância. Me lembro da escola em que estudei, da diversão em subir aos pés de mangas e quase estourar de tanto sugar aquele delicioso fruto, de diversos tipos. O prazer em ir pegar umbu naqueles campos da caatinga, onde somente aquela árvore persistia. Minha tia, e madrinha, Estelita, nunca se casou e me via como um filho, e assim me tratava. Essa proximidade que eu tinha com ela, e ela tinha com a igreja católica, visto que era responsável pela arrumação da matriz de Jeremoabo, terminou por me influenciar de tal maneira que por pouco eu não virei padre. Se tornou um desejo meu, quase sendo efetivado. Eu iria estudar em um convento de padres na cidade de Feira de Santana, mas a falta de dinheiro terminou impedindo que isso acontecesse.

Vivi em Jeremoabo tempo suficiente para fazer com que eu me apaixonasse pela Caatinga e por tudo aquilo que ela oferece naturalmente. O Rio Vaza Barris, no entanto, e infelizmente, não sobreviveu à destruição desse bioma. Tornou-se um rio intermitente, com seu leito atualmente estando cheio de água somente nos (raros) períodos de chuva, característica de diversos mananciais que cortam o sertão e o agreste nordestino.

Mas iríamos nos aproximar mais da caatinga, com nossa mudança de Alagoinhas situada no Recôncavo e agreste baiano, para a cidade de Serrinha, essa mais para dentro, na região sisaleira, em direção ao sertão.

Em Serrinha, os prazeres dos tempos colegiais: e o começo da paixão pelos livros

Ali em Serrinha eu vivi plenamente minha infância e o começo da adolescência. Cidade tranquila, pacata, com fama de ter uma água “milagrosa” e numa região grande produtora de sisal, planta que gera a matéria prima para a fabricação de cordas. Por ali também a caatinga é predominante. Recentemente retornei à cidade, no começo deste ano de 2022, já em vias de preparar este memorial, e me deslumbrei com uma visão rara da paisagem, a caatinga verdejante, beneficiada por um ciclo proveitoso de chuvas. Serrinha é a cidade com maior população da região sisaleira da Bahia.

Após o afastamento da política, e se tornar funcionário do DNER, meu pai foi transferido para a unidade desse órgão em Serrinha. Morávamos perto do trabalho dele, em um sítio, dentro da cidade, hoje transformado em um condomínio de casas. Lembro de momentos deliciosos vividos ali. Havia de quase tudo em termos de frutas, desde jaca até groselha, passando por mangas, goiabas, laranjas, tangerina, cana, abacate... criações de galinhas não poderia faltar. E ao lado funcionava uma casa que produzia farinha de mandioca, algo que também era plantado no sítio. Mas não tínhamos relação com essa casa de fabricar farinha.

Uma pena que não ficamos muito tempo morando naquele lugar. Mas nos mudamos para uma casa relativamente perto de onde estávamos, na mesma rua, que também era próxima ao DNER. A poucas quadras, em frente a uma grande área de chão batido, hoje uma praça, ficava o Ginásio Estadual Rubem Nogueira, onde estudei após prestar o exame de admissão, uma exigência naquela época para quem concluía o primário e ingressaria no ginásial. A escola primária onde estudei ficava na mesma praça, do lado oposto onde funcionava o ginásio. Nela aprendi a gostar de ler, de tal forma que mesmo após ter concluído o primário eu continuei frequentando a escola, convidado por uma das minhas professoras, a fim de cuidar dos livros. Eu fazia isso com muito prazer, e seguidamente levava alguns para ler em

casa. Foi assim que li praticamente toda a coleção de Monteiro Lobato e de José Mauro de Vasconcelos.

Eu devorava esses livros, e ler se tornou para mim uma diversão e um vício que me acompanhou por toda minha vida. Naquela escola, ainda garoto, deixei marcado o meu prazer pela leitura, na organização de uma pequena biblioteca. Dentre esses livros, eu destacaria dois que me marcaram bastante, “Meu pé de laranja lima” e “Três garotos em férias no rio Tietê”.

De Monteiro Lobato impossível destacar um em especial, pois todos os personagens de suas histórias me encantavam. Isso foi tão importante para a minha formação que com 14 anos de idade eu comprava livros de uma coleção de cientistas, bolsilivros, como eram conhecidos. Uma cientista da qual nunca esqueci de sua importância e qualidade, foi a Marie Curie. Eu me empolgava com essas histórias. Somente depois fui saber que ela era ganhadora de prêmio Nobel. Embora eu já soubesse de sua importância para a física e para a química, por essas leituras, assim como outros personagens da história da ciência. Mas a Curie foi a que mais me impressionou, e eu jamais esqueci de seu nome e de sua história. Talvez porque tanto pela importância do que ela descobrira, em relação à teoria da radioatividade, como pelo fato dela ter morrido por consequência da exposição sobre aqueles produtos químicos que ela pesquisava, e que alguns dos quais passaram a compor a tabela dos elementos químicos. Eu adorava estudar essas parte da química.

Lá em Serrinha eu tive meu primeiro emprego, em uma farmácia. Trabalhava somente aos sábados, dia de feira e muita movimentação na cidade. Ao final da tarde, quando completava meu horário de serviço, eu saía e imediatamente passava em uma loja de revistas, e ali gastava uma parte do que eu ganhava com esses livros de bolsos e gibis.

Esse hábito e gosto pela leitura adquiri de meu pai. Não bastasse termos o mesmo nome, sua estante de livros me estimulava. Com ele conheci a obra de Catulo da Paixão Cearense, e um que me inspirou também a fazer poesias, Augusto dos

Anjos: “Eu e outras poesias”.⁵ O que me chamava a atenção, e me inspirava, era a frase que meu pai escrevia em todos os seus livros, logo após sua assinatura: “O amigo dos livros”. Esse prazer pela leitura foi importante não só para gostar de ler, mas também me ajudou a ter facilidade em escrever, e isso tem me acompanhado por toda minha vida. Fui aos poucos compreendendo que a leitura é a base da escrita.

Meu ingresso no Ginásio Estadual Rubem Nogueira marcou um dos momentos mais importantes de minha juventude. Creio ser natural, a adolescência é marcante em nossas vidas. Nosso olhar se abre em outras dimensões para a vida, começamos a criar relações de amizades mais sólidas, a paixão passa a ser um sentimento arrebatador e passamos a construir cenários em nossas vidas para o que virá pelos anos seguintes.

Por quatro anos aproveitei cada momento das relações de amizades construídas no ginásio. Meu desempenho, de regular para bom, era mesclado com as traquinagens que foram marcantes numa turma que se tornou protagonista no Rubem Nogueira. Éramos de tal forma agitados, e envolventes em nossos grupos, que foi necessário à direção da escola encontrar uma sala próxima à coordenação administrativa, para que nós não fugíssemos do controle. Ainda assim essa vigilância era insuficiente. Lembro do nosso auge, o ano foi 1970, e o evento que sacudiu a nós todos a Copa do Mundo, em que o Brasil foi tricampeão. Um carnaval fora de época.

Enquanto isso, desligados que estávamos do que acontecia pelo país, um regime brutal se convertia numa ditadura militar. Essa alienação era até natural, porque a censura que existia com o controle das informações nos jornais da época, impedia que soubéssemos, de fato, o que acontecia no Brasil. Entre nós, embora meu pai tivesse sido vítima do golpe de 1964, e cassado seu mandato e direitos políticos, sem ter cometido nenhuma ilegalidade e nenhum crime, ele evitava falar sobre isso. Infelizmente, talvez esse seu desencanto tenha sido também um motivo para que ele se entregasse à bebida.

⁵ Essa obra está disponível para download em “Domínio Público”:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=1772

Embora vivêssemos o que se chamou de “milagre econômico”, inventado pelo então ministro da economia, Delfim Neto com um crescimento econômico, isso se deu em decorrência de um alto endividamento brasileiro, cujas consequências seriam perversas para a população. A tese de deixar o bolo crescer, para depois dividi-lo se demonstrou uma verdadeira farsa, cujo resultado só beneficiaria as elites econômicas, os segmentos mais abastados da sociedade.

A gestão dos militares, sustentada por grandes volumes de empréstimos contraídos no exterior, elevou enormemente nossa dívida externa e deixou o país cada vez mais dependente dos investimentos estrangeiros e do controle que aqui passou a exercer as grandes empresas multinacionais. A conta seria paga pelo povo. As consequências seriam desastrosas, e nós sentiríamos pelos próximos anos o impacto dessa crise. O país não conseguiu se equilibrar diante de tantas dívidas e num momento em que uma crise profunda atingia a economia mundial, a chamada “crise do petróleo”, que se estendeu por praticamente toda a década de 70 e deixou sequelas que transformariam os anos 1980 na “década perdida”.

Foi nesse ambiente de transição, entre um momento de crescimento econômico, de investimentos em infraestruturas, e portanto de boas perspectivas para alguns órgãos públicos, como o DNER, que cuidava das estradas brasileiras; e uma decadência gerada pelos altos endividamentos e redução do produto interno bruto, conseqüentemente de apertos econômicos e diminuição nos investimentos, que nos vimos passando de uma condição razoável de vida, dentro dos limites que meu pai podia nos oferecer como funcionário público, e padrão de classe média, para uma perspectiva de insegurança, diante dos fechamentos de algumas das unidades desse órgão. Como foi o caso da unidade de Serrinha, onde meu pai trabalhava como responsável pelo departamento de pessoal.

Aquela circunstância, de encerramento das atividades do DNER em Serrinha, e a necessidade de uma escolha por outra, fez aparecer no horizonte o Estado de Goiás. Dois fatores foram levados em conta para que a cidade de Morrinhos fosse a escolhida para que nos mudássemos para lá. Primeiramente, o fato de haver um

engenheiro-chefe que havia sido diretor da unidade em Serrinha e se transferiu anos antes para aquela cidade goiana; o outro elemento motivador era a possibilidade de haver um acréscimo na carreira de meu pai, tornando-o assistente administrativo. Uma pequena melhora, que não seria suficiente para que enfrentássemos uma era de enorme crise econômica. Seriam anos difíceis mesmo assim, agora em terras goianas.

TEMPO 2

Da caatinga ao cerrado: Tempos de escassez, resiliência e superação

Um recomeço em meio a muitas dificuldades. Morrinhos, a procura pelo pequi e no balcão de uma bodega

Enfim, nosso ciclo na Bahia se encerrou no ano de 1973. A escolha pela cidade de Morrinhos estava feita, e nos restava despedir dos amigos e amigas, que por intensos cinco anos construímos essas amizades. É muito difícil, principalmente para quem está entrando na adolescência, mudar do lugar onde vive e seguir em direção a outra localidade onde nunca havíamos estado. Saíamos tristes, por essas amizades que deixávamos em um momento rico de nossas vidas, e por conta da nossa educação escolar. Haveria um impacto importante em nossas vidas por isso. Mas era o que restava fazer.

Nosso destino era o interior de Goiás. Deixávamos a caatinga e o sertão nordestino e nos deslocávamos por quase dois mil quilômetros para o cerrado goiano. Começaríamos tudo outra vez, e sobre isso, essa relação com o lugar, inseri na minha tese de doutorado uma abordagem a partir do viés de um intelectual, geógrafo, e precursor do movimento humanista na Geografia, pelo paradigma da fenomenologia: Yi-Fu Tuan.

Transcreverei aqui um pequeno trecho do texto que inseri na tese, em que analiso a ligação e afinidade com o lugar, e a dificuldade de readaptação, embora uma necessidade, que termina por alterar algumas de nossas características regionais, e nos leva a readaptação àquele novo lugar (CAMPOS FILHO, 2014).

Nossa mudança impôs uma necessária readaptação ao estilo de vida, em função de realidades culturais completamente diferentes.

Não somente nos hábitos, mas diferenças na paisagem, no ambiente moldado por características socioambientais completamente distintas. Tal fato, pela leitura que posteriormente passei a assimilar, seria plenamente identificada com a dialética que a vida nos impõe; nos torna adaptados àquele ambiente no qual passamos a viver. Essa necessidade de adaptação é condição para a própria sobrevivência.

Assim, passamos a viver em uma situação marcada pela dubiedade. As lembranças e os costumes adquiridos a partir das relações familiares e a construção de uma memória integrada ao lugar de origem, e a necessidade de nos readaptarmos a partir de uma nova realidade e convivências baseadas em um novo ambiente, em meio a pessoas até então desconhecidas, com hábitos e gostos diferentes, até mesmo no jeito de se alimentar.

Os vizinhos já não eram os mesmos, e, agora desconhecidos, forçavam uma nova reconstrução de nossas vidas, pelas circunstâncias. Era preciso recriar o sentido do lugar, ou pelo menos moldar aquele ambiente estranho a um novo cotidiano.

Sempre nos ressentimos das construções do passado, presentes em nossa memória, e das amizades deixadas para trás. Mas, podemos sentir com o tempo, que mais do que as lembranças pelas pessoas com as quais convivemos, torna-se mais forte um sentimento de apego pelo lugar de onde viemos, cujas afetividades foram construídas a partir de um universo que extrapolava o contato com o ambiente e criava um espaço moldado ao nosso ser. Uma relação umbilical, entre o lugar e a vida construída desde criança.

Deslocar-se para outro lugar, transferir nossa moradia, significa reinventar-se. Mas tal fato não ocorre por completo, e continuamos a carregar na memória todos aqueles elementos que foram responsáveis em nossos anos iniciais por definir nossa maneira de ser. Evidentemente, tal fato ocorrerá de forma diferente, caso essa

mudança aconteça ainda nos primeiros anos de nossas vidas. Será mais fácil, assim, readaptar-se, pois o apego ao ambiente original cresce na medida em que os anos forem passando.

Essa experiência pela qual passamos, com deslocamento de toda família para uma região completamente distinta, e distante, deixando toda uma história de vida construída e relações de amizades fortificadas pela adolescência, foram marcantes. E exemplares. Tivemos que nos refazer, alterar nossos comportamentos, estabelecer novas amizades e nos readaptar, procurando ocupar novos espaços e nos acostumarmos a outros ambientes, distintos daqueles dos quais nos deslocamos.

Mas, jamais nos esquecemos do nosso lugar de origem, e sempre nos esforçamos para retornar a ele. Sentimos essa necessidade porque todos esses fatos completam nossa vida, e sempre procuramos reencontrar todos que convivemos os primeiros anos de nossas vidas, até onde a nossa memória nos permite lembrar.

O lugar representa, então, o ponto de ligação nas nossas vidas. E abandoná-lo significa refazê-las, reconstruí-las, ao enfrentar, na maioria das vezes, enormes dificuldades de adaptação, como reforço de nossas lembranças do passado.

Enfim, Goiás, em pleno Cerrado, tornou-se o nosso destino. E, inicialmente, a cidade de Morrinhos, a 120 quilômetros da capital, Goiânia. Onde nunca tínhamos estado nem nunca ouvimos falar daquele lugar. Por termos nos mudado para uma casa em um conjunto residencial custeado pelo DNER, com um número pequeno de casas, isso facilitou nossa relação com aquelas pessoas que ali já viviam. Em pouco tempo já tínhamos construído novas relações de amizades, em uma vizinhança bastante agradável, que somada com os que viviam nos bairros adjacentes, nos possibilitou uma convivência fraterna, principalmente porque a maioria daqueles jovens com quem passamos a compartilhar nossa juventude, eram também filhos e filhas de servidores daquele órgão.

Nos sentimos em casa, muito embora sofremos por certo tempo as ironias quanto ao nosso jeito de falar. Isso não foi problema, era natural essas diferenças e a

maneira como as pessoas lidavam com isso. Tanto que mesmo ainda em Serrinha, antes de nos mudarmos, nossos amigos nos enchiam com gozações sobre o lugar para onde iríamos. Goiás, naquela época era tido como terra de índios. Portanto era corriqueiro esse tipo de brincadeira, e sabíamos lidar bem com isso. Não nos importunava, e chamávamos os goianos de pés-rachados para rebater a grande quantidade de expressões que nos imputavam. Fazia parte, mas isso por pouco tempo. Logo nos adaptamos, e a goianidade nos arrebatou, sem que isso afetasse nossas ligações com o lugar onde nascemos, continuávamos a ter parentes e onde vivemos uma parte importante de nossas vidas.

Luiz Gonzaga cantava em uma de suas músicas clássicas, embora não de sua autoria, que “quem sai da terra natal, por outros cantos não param”.⁶ Isso é verdade até um certo ponto. A rigor, sempre aspiramos retornar aos nossos lugares de origem, onde deixamos parentes e amigos. Mas nem sempre a vida dá uma reviravolta que nos imponha o retorno em definitivo. Esse foi o caso da maioria de nossos irmãos. Minha irmã, anos depois fez a escolha, por diversas razões pessoais, de retornar à Bahia, onde vive em Salvador e por diversos anos minha mãe foi viver com ela após a morte de meu pai. De certa forma, isso complementa o dizer nordestino expresso na música cantada por Gonzagão, e essa escolha dela abriu caminho para que de tempos em tempos pudéssemos escolher o litoral nordestino para viajar e retornar ao contato aprazível de nossas origens.

A nossa vida em Morrinhos não foi fácil, embora não tenhamos nada a reclamar em relação ao lugar e às pessoas, que se tornaram nossas amigas muito rapidamente. Mas a transferência não trouxe a melhoria esperada por meu pai, mesmo com uma mudança na sua colocação no órgão, passando a Assistente Administrativo. O ganho salarial, no entanto, era irrisório, principalmente para um família com seis filhos. Isso se agravava em função da crise econômica que se abateu sobre o país a partir de meados da década de 1970, justamente quando estávamos nos adaptando à nova realidade.

⁶ <https://discografiabrasileira.com.br/composicao/100519/ultimo-pau-de-arara>

Nós víamos todo o esforço dele para superar os problemas, mas a adolescência, principalmente naquela época, era um momento em nossas vidas em que nosso foco era mais nessa convivência de amizade, e nas relações amorosas. Tomávamos pouco conhecimento das condições financeiras na família. Apesar de vermos os esforços de meu pai, porque era visível as manobras que ele fazia, dentro do que era possível legalmente, além de se endividar com empréstimos.

Havia uma cooperativa dos servidores do DNER que procurava dar suporte à essas necessidades. Dentre os mecanismos existentes havia um mercadinho onde as compras eram feitas e o desconto se dava na folha salarial, assim, se comprava em um mês e o pagamento era no mês seguinte. Isso nem sempre resolve o problema de quem está endividado, só vai rolando as dívidas para adiante. Mas ele passou a comprar pacotes de cigarros, vendê-los no armazém que havia no bairro, claro isso a um preço mais baixo, a fim de ter dinheiro para completar as compras. Naturalmente isso só piorava a situação de endividamento, o que nos forçava a procurar algum tipo de emprego, diante das dificuldades que só aumentavam. Enquanto isso minha mãe procurava lidar com a escassez, inventando “cardápios” dentro daquilo que as condições permitiam. Comíamos muitas salchichas, quitutes e sardinhas enlatadas, ensopado de verduras, “omelete de pobre” (sem recheios) e nos finais de semana a tradicional galinha caipira, que se tornava o prato domingueiro.

Entre a poesia, a enxada e a betoneira – eu era um proletário, sem saber

Não nos restava outra saída a não ser nos virarmos para termos um pouco de dinheiro, para nos divertirmos, aproveitar a adolescência, e ajudar um pouco em casa. Mas, fazer o quê? Capinei roça de melancia; trabalhei de peão numa usina de fabricar massa asfáltica, um trabalho duro, onde misturávamos brita, areia saibrosa e pó de pedra, e isso era jogado dentro de uma betoneira. Começávamos bem cedo, tínhamos o horário do almoço e no final da tarde encerrávamos nossa atividade, completamente exausto. A usina era próxima de casa, ao lado do bairro onde morávamos, em área do DNER. Também por um tempo trabalhei, provisoriamente, a serviço de uma empresa terceirizada pelo DNER, na contagem de veículos que cruzavam a BR-153, entre Goiânia e Aparecida, onde ficávamos em um posto chamado Vila Rica. Permanecíamos por todo o tempo em uma barraca, onde dormíamos, e nos revezávamos para identificar o tipo de veículos que trafegava por ali, e a quantidade.

Na falta dessas atividades, porque eram serviços ocasionais, nos embrenhávamos na mata. Saíamos bem cedo, por volta de cinco horas, ainda escuro, e caminhávamos por quilômetros dentro do cerrado, do lado oposto da BR-153. O bairro onde morávamos era na margem da rodovia. Cada um de nós, íamos em grupos de amigos, às vezes três, mas chegávamos a ir em turma de cinco ou seis, levava dois baldes nas mãos. Os mais fortes ainda carregavam sacolas. Íamos “Caçar Pequi” por um cerrado nativo, e quanto mais andávamos mais nos deparávamos com imensos pés de pequis. Retornávamos próximo ao meio-dia carregados desse bendito fruto, responsável por nossos divertimentos de finais de semana.

Quando chegávamos nos apressávamos para descascar os frutos (às vezes eram descascados embaixo do próprio pequizeiro). Os dois baldes acabavam virando somente um. E lá íamos para a beira da BR, com um prato, que era como vendíamos os pequis. Não demorava muito e fileiras de carros estacionavam perigosamente no

encostamento da rodovia, ainda não duplicada. Em menos de duas horas nós conseguíamos vender todos os pequis catados. Era também um divertimento, e não nos envergonhávamos, muito pelo contrário.

Isso durou muito tempo, o pequi tornou-se um fruto bendito, que nos possibilitava aproveitar os fins de semanas, difícil de acontecer caso dependêssemos de alguma ajuda de nossos pais. Eram tempos difíceis, muito difíceis. Até que fui convidado pelo dono de um armazém em frente ao DNER, próximo ao trevo, para trabalhar com ele. Exatamente por isso chamado de Bar e Armazém do Trevo. Meu primeiro emprego, com carteira assinada, portanto, foi de balconista e eu tinha acabado de fazer 19 anos. Comecei ali em maio de 1976 e ali trabalhei por pouco mais de um ano. Tão logo conclui o meu curso colegial, senti a necessidade de ir em busca de oportunidades.

Quando chegamos da Bahia tivemos que amargar um atraso em nossos estudos. Perdemos um ano em função de nossa mudança para Goiás. Completei o ginásio no Colégio Estadual Xavier de Almeida e o colegial, na verdade curso Técnico em Contabilidade, no Sylvio de Mello, mas tive poucas afinidades com os colegas fora do ambiente dessas duas escolas, porque morávamos distante da cidade e o deslocamento era muito difícil naquela época. Atualmente a cidade já se expandiu em direção ao bairro onde morávamos, como decorrência principalmente da expansão do agronegócio. Boa parte da avenida que liga a cidade ao trevo mais antigo, próximo ao bairro onde morávamos e se localizava o DNER, já está em boa parte ocupada por lojas de produtos agropecuários e por novos bairros. Mas o Bar do Trevo continua lá, do mesmo jeito, só não tem mais o mesmo proprietário daquela época, o Sr. Sebastião, uma ótima pessoa, ainda vivo, embora idoso, morando com as filhas em Morrinhos.

Uma característica que mantive, e até ampliei, foi a minha paixão pela leitura. Eu lia avidamente, desde gibis até livros de bolsos, fosse de faroeste ou de mistério, da Agatha Christie. E, da mesma forma que me habituei em minha escola lá em Serrinha, me tornei assíduo frequentador da biblioteca pública municipal de Morrinhos, onde podíamos pegar livros emprestados. Ali foi a vez de eu mergulhar por inteiro na coleção de Júlio Verne, li praticamente todos os livros desse autor que estavam disponíveis. Mas também outros autores importantes, e clássicos, como *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, além dos autores brasileiros. Eu lia sofregamente, era praticamente um vício, compulsivo. E isso me acompanhou por toda a minha vida, claro, em determinados momentos tive que reduzir essa compulsão, a partir do momento em que o trabalho ocupou uma parte grande do meu tempo.

Além da leitura uma outra paixão me prendia, o cinema. Era outro vício. Eu me recordo a primeira vez em que fui ao cinema. Foi em Serrinha. Sempre que meu pai ia eu insistia para ir junto, mas ele argumentava com a classificação da idade. Certa vez ele ligou para a casa do nosso vizinho e pediu que me fosse dado um recado. Era para que eu fosse rápido ao cinema, a sessão estava perto de começar, e ele havia conversado na bilheteria sobre a possibilidade de ser permitido a minha entrada em sua companhia. Parti para lá imediatamente, quase correndo, e pela primeira vez assisti a um filme no cinema, foi “O Expresso de Von Ryan”, estrelado por Frank Sinatra.

Essa paixão pelo cinema terminou por ocasionar quase uma tragédia em minha vida, embora em parte tenha sido, mas eu poderia ter morrido. Como sempre fazíamos, devido a ausência de transporte coletivo e a distância do centro da cidade, pedíamos carona na beira da rodovia que dava acesso à Morrinhos, em frente ao

DNER. Um determinado dia, não me lembro bem a data, resolvemos ir ao cinema, creio que para assistirmos o Poderoso Chefão, mas me falha aqui também a memória. Não sei se o primeiro ou o segundo filme, provavelmente o segundo, porque chegamos à Morrinhos em 1973 e esse incidente aconteceu um ou dois anos depois.

Conseguimos uma carona, e as pessoas que pararam um Jeep (era daqueles modelos que usavam capota, mas este estava sem essa cobertura) para que entrássemos, tinham saído do Bar do Trevo, portanto, provavelmente estavam bebendo. Mas esse detalhe só tempos depois atentamos para ele, porque o que se seguiu impediria que soubéssemos o que tinha acontecido por um certo tempo. Seguimos na traseira do Jeep, cada um de nós sentado de um lado, e percebíamos que o motorista seguia em alta velocidade. Cerca de um quilômetro antes de entrar na cidade o motorista perdeu o controle, a velocidade parecia ser de 100km/h. O veículo capotou diversas vezes, e fomos jogados longe, sendo arrastados pelo asfalto e pelo cascalho da beira da rodovia. A pessoa que ia ao lado do motorista morreu no local, lembro de vê-lo caído, mas ainda respirando. Não perdi os sentidos, mas fiquei completamente machucado, parte do corpo com as carnes à mostra, o braço deslocado, dois dentes quebrados e uma forte pancada na cabeça que criou um edema feio e preocupante, mas não houve traumatismo. Fomos levados ao hospital municipal, mas lembro de uma angustiante e dolorida demora. Meu braço demorou a ser recolocado no local, o que me causou um problema de deslocamento que me acompanha até os dias atuais. E, como eu estava com o corpo completamente descascado não conseguia ficar com ele imobilizado, já que precisava fazer os curativos nos machucados e a faixa grudava no corpo. Isso foi um fator determinante para que essa sequela permanecesse.

Foram momentos tensos que vivi. Demorei a compreender o que tinha acontecido em função da pancada na cabeça, bem como o amigo que estava comigo, João Paulo. Ele sofreu mais do que eu, porque a pancada que ele recebeu na cabeça foi mais forte. Para meu pai e minha mãe foi também muito angustiante, porque chegaram em casa após o acidente dizendo a eles que um de nós dois tinha morrido.

Naturalmente o desespero tomou conta, o que fez meu pai sair em desespero sem sequer saber onde tinha sido o acidente. Um trauma que me acompanhou, cujas lembranças nunca esquecemos. Por muito tempo, sempre que passávamos pelo local do acidente nos deparávamos com uma cruz, posta ali pelos familiares da pessoa que faleceu no momento do acidente. Triste, trágico, mas quem vive se recompõe, segue em frente, e isso fica nas lembranças, com os traumas. Por muito tempo eu não podia viajar à noite, aliás até hoje evito isso, porque vem à minha mente os faróis, pois era noite, de carros que vinham na direção contrária que lembro sempre de ter visto segundos antes do acidente.

Em 1978, depois de ter concluído o segundo grau, resolvi me mudar para Goiânia. Meus dois irmãos mais velhos já tinham tomado esse rumo. Essa era uma condição necessária, não somente em função da sobrevivência e a precisão de ter um emprego na capital, melhor do que de ser balconista, embora isso não me depreciasse, mas sempre queremos melhorar. Tinha em mente entrar em um curso superior, passar no vestibular e ir para a universidade. O percurso não seria fácil, mas eu carregava uma determinação adquirida de nordestinos sertanejos. Meu pai, sempre um batalhador, que nos fez herdar essa visão política; e minha mãe, pela resiliência, muito comum àquelas mulheres dedicadas ao lar e disposta a se entregar na labuta doméstica para garantir o sustento dos filhos. Talvez para minha mãe a vida dela não tenha sido um sacrifício, muito embora esse é um sentimento muito comum a quem segue a religião cristã, e ela, assim como minha madrinha, era muito religiosa, e aceitava isso como uma provação, ao mesmo tempo em que creditava às suas orações cada salto positivo que dávamos em nossas vidas.

Inegavelmente, minha mãe era uma daquelas mulheres que em sua maioria viviam plenamente em afazeres domésticos, presas ao lar e à labuta para garantir que mesmo o pouco que tínhamos possibilitasse que não desistiríamos de seguir em frente. Ela não tinha vida social, toda a sua vida foi dedicada a cuidar de nós. Meu pai, com todas as suas qualidades, carregava os vícios de uma época em que ser homem era muito mais do que cuidar da família e da casa, embora ele fizesse isso

com dedicação, mas sempre encontrava um tempo para fazer suas farras, sem a presença de minha mãe, e por certo tempo se entregou à bebida, sem ser alcóolatra, mas que sabidamente não tinha suporte para isso e, invariavelmente, sucumbia ao álcool e chegava em casa trôpego. Isso só acabou depois que toda nossa família se mudou para Goiânia, pouco tempo depois de nós três, os irmãos mais velhos.

Cheguei em Goiânia com a expectativa que seria relativamente fácil conseguir um emprego. Eu apostava no fato de já ter concluído o segundo grau. Mas a conjuntura econômica da época não era favorável, e Goiânia ainda era uma cidade de porte médio, com pouco mais de 600 mil habitantes. Era um aglomerado urbano em expansão, mas ainda distante das cidades que compunham os eixos econômicos no Sudeste e no Nordeste. Pude acompanhar todo esse crescimento, e a transformação dessa cidade em uma metrópole regional, fundamental na logística em uma época de fluidez e de deslocamentos rápidos necessários na ligação entre mercados econômicos importantes.

Mas ainda vivíamos um tempo lento. Goiânia era uma cidade com uma identidade ainda em construção, dependendo muito da ligação com Brasília. Somente a partir da década de 1980, com todo o processo de transformação agrícola, a chamada “Revolução Verde” e a transformação do Cerrado em uma promissora frente de expansão, com a consolidação dos grandes latifúndios produtores de commodities, do que viria a se chamar no século XXI de Agronegócio, foi que a capital goiana e o seu entorno, adquiriu ares de metrópole. A urbanização se acelerou e a transformou, bem como outras cidades médias, polos regionais, nessa linha do avanço crescente da produção agrícola. Pude assistir esse desenvolvimento, mas somente bem depois tive a dimensão das consequências para um bioma que poucos acreditavam ser de enorme riqueza de biodiversidade, porque até então era negligenciado e pouco estudado.

No entanto, naquele momento, final da década de 1970 e diante de todas as dificuldades que se pode pensar para um jovem de 21 anos, ainda desempregado e com os estudos paralisados, embora mantendo o sonho de entrar na universidade, só uma coisa importava: conseguir um emprego.

Quando cheguei a Goiânia fui morar com meus irmãos e mais dois amigos, em primeiro lugar na Rua do Comércio, no Bairro de Campinas, numa “república”, nome pomposo para um barraco num ambiente que poderia mais ser caracterizado como um cortiço. Espaço pequeno, apenas um cômodo e o banheiro coletivo dividido com pessoas que viviam em outros barracões, eram seis no total, se não estou enganado. Alguns possuíam banheiros, eram espaços maiores do que o nosso e alguns até com famílias vivendo ali. Com a chegada de mais dois amigos passamos para uma casa em frente, com três cômodos. O que não mudou foi a bagunça, que me incomodava, mas era inútil reclamar, pois quanto mais eu insistia mais me imputavam a pecha de “chato”. Meu irmão mais velho também era sistemático, e mais organizado, além de ter sido o primeiro a chegar a Goiânia e já estar habituado com aquela situação. Como a maioria de nós ainda não estávamos empregados, havia dificuldades para quitar as contas, não só de aluguel.

Lembro que por certo tempo em que houve corte de nossa energia, e como os recursos eram poucos, encontramos uma alternativa, que foi religar a energia clandestinamente, ligando com uso de uma vara os fios que tinham sido cortados, mas que tinham ficado em uma situação que o simples aproximar dos dois e os deixando assim trazia a energia de volta. Ligávamos ao final da tarde e desligávamos no dia seguinte bem cedo. Isso durou enquanto tivemos dificuldades de pagar. Não era algo que fazíamos com prazer, mas por necessidade e não demorou também muito tempo nessa situação.

De dia a casa ficava fechada. Mesmo os que estavam desempregados saíam todos os dias em busca de emprego. Certa vez decidimos, eu e outro amigo que também morava conosco, procurar emprego pela avenida Anhanguera. Fomos até a Praça do Botafogo de ônibus e de lá voltamos a pé, passando de loja em loja, escolhendo as maiores, à procura de vagas de emprego. Fomos até a Praça Joaquim Lúcio, na Avenida 24 de Outubro já em Campinas. Infelizmente uma “pernada” que não rendeu nenhum emprego, nem sequer alguma promessa. Isso fazia aumentar nossas angústias, porque meu pai não tinha condições de enviar dinheiro na

quantidade que desejávamos para nos manter. Para completar nossa agonia, um desses dias em que todos saíram, nossa casa foi invadida por ladrões. Levaram o que puderam, nos deixando com muita raiva e desanimados. Esse incidente nos forçou a ir para outro barracão, mais seguro, numa rua próxima, a Travessa G, bem próximo ao Campo do Atlético Clube Goianiense, time para o qual alguns de nós passamos a torcer.

Acho que a partir dessa mudança minha sorte começou a mudar. Meu pai acionou um amigo, engenheiro aposentado do DNER com quem ele trabalhara em Serrinha, o mesmo que o ajudara a transferir-se para Morrinhos, e que tinha uma empresa de fabricação de placas para rodovias. Esse amigo dele conseguiu um emprego para mim numa empresa do ramo de construção civil, a Barsil, na Avenida Mutirão. O fato de eu ter concluído o segundo grau me ajudou, mas ajudaria muito mais tempos depois.

Um emprego modesto, mas que muito me honrou e abriu caminhos para mim. Lembro bem da minha felicidade, e isso me transporta para situações em que vejo milhões de pessoas em situação de desespero em uma realidade pior do que aquela que vivi, pela quantidade em que são e pela redução de oportunidades, bem menor do que naquela época e com um número maior de desempregados. O trabalho nos anima e reforça, é um sentimento de profunda alegria, mas principalmente de dignidade. É pelo emprego que nossa cidadania começa.

Fui contratado para ser Apontador de obras. Ou seja, eu tinha a responsabilidade de cuidar dos equipamentos que eram retirados pelos trabalhadores. Podemos dizer que eu era um almoxarife de obra, mas não era assim que constou em minha carteira de trabalho, mas como Apontador mesmo. Eu era um peão de obra, que saía de casa cinco horas da manhã de uma segunda-feira e tinha que chegar ao serviço antes das sete horas. Ficava lá até ao sábado, vivendo com os demais trabalhadores no alojamento. Meu trabalho, então, era anotar tudo que saía do depósito da obra, quem pegou cada equipamento e ao final do expediente, recolher e dar baixa no nome daquela pessoa. A obra para a qual eu fui destacado foi a primeira ampliação do Quartel no 10º BC (Batalhão de Caçadores) do Exército Brasileiro, no Jardim Guanabara, onde atualmente funciona o Comando de Operações Especiais. Fiquei ali até o final da obra, numa rotina da qual nunca reclamei. Ao contrário, procurei desempenhar com esmero as minhas tarefas. No que fiz com maestria, até nas relações que estabeleci. Como resultado fui mantido na sede da construtora e promovido a Auxiliar de Almoxarifado. Em pouco tempo me tornei Almoxarife. Mas uma divergência pessoal, com alguém com quem eu tinha boas relações, mas nunca aceitei ser submisso, uma característica que me marcou desde aquela época, terminou por me afastar da empresa.

No tempo em que estive na construtora Barsil tentei voltar a estudar. Fui fazer cursinho no Colégio Objetivo, mas as atividades que eu desenvolvia impunha ir além do horário normal de serviço. Invariavelmente eu tinha que fazer horas extras, e isso me impediu de prosseguir, na tentativa de conseguir acesso à universidade no curso que eu aspirava inicialmente: jornalismo. Me restou prosseguir com o meu hábito de leitura, agora direcionado para um material que me ajudasse a conseguir um mínimo de conhecimento a fim de prestar o vestibular na Universidade Federal de Goiás. Assim, passei a colecionar o Curso Abril Vestibular, e foi por onde me preparei. Os

fascículos semanais traziam sempre fichas de resumo, que podiam ser destacadas e utilizadas como leituras de bolsos. Assim, eu lia o fascículo em casa e levava sempre comigo as fichas de resumos, que ia lendo no ônibus coletivo quando me dirigia e retornava do trabalho.

Quando me desliguei da construtora não fiquei muito tempo desempregado. Logo percorri os anúncios dos jornais e consegui me recolocar, agora numa loja de materiais de construção, uma das maiores daquela época, a Goiás Madeiras, que procurava alguém, com o objetivo de organizar um almoxarifado. Meu currículo já me possibilitava aspirar a uma vaga desse tipo sem a necessidade de que alguém com boas relações precisasse interferir. Me candidatei à vaga e fui escolhido. Cumpri bem a tarefa e em pouco tempo o almoxarifado estava organizado, com o controle de material sendo feito por mim mesmo, num ambiente que tenho saudades, das amizades que fiz e das boas relações ali estabelecidas.

No final de 1979, já mais tranquilo e seguro com minha autoestima, em função da minha condição de empregado, e pelo fato de meus pais e irmãos que haviam ficado em Morrinhos terem se mudado para Goiânia, pude me dedicar mais a me preparar para enfrentar o desafio do vestibular. Eu seguia nas leituras dos fascículos do Curso Abril Vestibular, e sempre carregando as fichas de resumo das aulas. Já tendo tentado por duas vezes entrar no curso de Jornalismo, e como disse anteriormente, ser esse acesso um dos mais difíceis na área de Ciências Humanas, optei então por tentar o curso de História. Por ter uma boa redação, pude me valer disso, e com as leituras particulares e muito esforço, consegui ser aprovado para ingresso na UFG em 1980. Foi uma aprovação muito comemorada, não somente por mim, mas também pela minha família. As circunstâncias de nossa mudança para Goiás, atrapalhou muito nossos estudos. Meus dois irmãos mais velhos praticamente já haviam desistido de tentar acesso na universidade, e sequer conseguiram concluir o segundo grau. Não por falta de capacidade, mas pela necessidade de terem um emprego e as dificuldades que daí surgiam. Assim eu fui o primeiro a entrar em uma universidade, ainda mais sendo pública e a mais importante em Goiás. E isso era algo

novo em nossas vidas. Mas que se repetiria depois com minha irmã e o irmão mais novo. Ela no curso de História, na PUC (na época UCG) e ele no curso de Direito também na mesma Universidade.

A aprovação, e posteriormente a matrícula no curso de História da UFG me levou a pedir demissão da Goiás Madeiras. Como eu trabalhava em tempo integral, e o curso era no período matutino, se tornou incompatível a minha permanência naquele emprego. Mas logo me recoloquei em um emprego cujo convite partiu de meu irmão, João Bosco, que coordenava a parte gráfica da produção do Diário Manhã, um jornal que surgiu em Goiânia com a pretensão de ser o maior do Centro-Oeste, e por um certo tempo conseguiu. Fui para lá logo no começo, ainda na fase experimental, e pude acompanhar o seu crescimento com a chegada de jornalistas de renome nacional. Minha função era operar um enorme computador, naquela época um avanço na parte de digitação. Os teclados geravam uma fita de papel perfurada que levávamos para esse imenso computador e de lá era copiado em um papel fotográfico embutido em um recipiente que era levado para ser revelado. Depois esse texto revelado era colado na página já diagramada e da sala de diagramação seguia para a produção de fotolitos que seriam em seguida encaminhados para a impressão. Ao final o jornal estava pronto.

Não demorou muito e passei da condição de operador de computador gráfico para digitador, o que me garantia melhores ganhos salariais. Foi nessa condição que em março de 1980 comecei o meu ciclo na universidade. Um ciclo longo, que somado o tempo da graduação, depois da pós-graduação e de quando entrei como professor, perfazem quarenta e dois anos de Universidade Federal de Goiás. E é essa história o Tempo mais importante desse relato, e nele que concentro agora toda a minha memória dessa que considero a fase áurea de minha vida. Para chegar até ali os obstáculos foram muitos, mas os venci como pude, e creio que senão de forma planejada, visto que foram tortuosos os caminhos trilhados, eu atingira um objetivo almejado, entrar numa universidade pública, cursar o ensino superior e, de alguma maneira, ser escritor. Vejamos a seguir de que maneira eu pude fazer isso.

TEMPO 3

Quatro décadas, e dois terços de minha vida na UFG

De 1980 a 1988: o fim da alienação e o envolvimento político no Movimento Estudantil

Em março de 1980 eu entrei como calouro na UFG, no curso de História. Para mim e minha família foi algo muito especial. O acesso à universidade pública era muito difícil, o funil muito estreito. Mesmo em um curso na área de ciências humanas não era fácil, pois ainda havia poucas opções de instituições de ensino superior em Goiás, e a UFG era a única pública e gratuita. Tudo isso, mas a possibilidade de ter uma formação de curso superior me enchia de orgulho, e por isso tratei de me dedicar com afinco, mesmo diante de dificuldades impostas pela necessidade de trabalhar. Como eu disse anteriormente, depois de aprovado fui trabalhar no Diário da Manhã, mas como meu curso era na parte da manhã, o período em que trabalhava era o noturno. Entrava às 19 horas e não tinha um horário fixo para sair, pois podia haver atraso no envio das matérias para serem digitadas. Às vezes, quando tinha plantão, eu chegava em casa às quatro horas da madrugada, e no dia seguinte tinha que sair antes das sete horas, para estar na Universidade às sete e meia.

Mesmo assim poucos meses depois eu me integrei ao movimento estudantil. Eu não tive nenhuma participação em entidades estudantis antes de entrar na universidade, até porque, como relatei, não pude frequentar nenhum cursinho

quando vim para Goiânia. E lá em Morrinhos, a única atividade que tive fora das atividades escolares, foi fazer parte do time de voleibol do Colégio Xavier de Almeida. Além do mais não tinha nenhum envolvimento com questões políticas, e me prendia também a uma forma de olhar as coisas sem essas preocupações. Eu era mais um jovem alienado, que começava a fazer alguns questionamentos em relação às questões sociais a partir da convivência em comunidades eclesiais de base, por onde comecei a me interessar pela Teologia da Libertação. Logo no primeiro semestre, e com disciplinas instigantes, como Filosofia da História e Introdução aos Estudos Históricos, ministrada pelo querido professor Juarez Barbosa, minha curiosidade foi sendo despertada e, pouco a pouco, fui me envolvendo com aqueles colegas que já traziam do movimento secundarista alguma experiência de participação política. Ao mesmo tempo busquei me aprofundar em leituras de conteúdos críticos e de aprofundamento social, e fui gradativamente tendo a percepção das questões ideológicas que estavam presentes, tanto no movimento estudantil, como nas salas de aulas.

Para não ficar atrás dos demais colegas, e para a minha própria orientação naquela nova fase de minha vida, comecei a preparar a minha biblioteca de livros com conteúdo políticos, sociológicos e filosóficos, além, naturalmente, daqueles que tínhamos por obrigação adquirir, na área de história. Mas por ouvir incessantemente discursos que citavam Marx, Engels, Lênin... dentre outros, procurei também adquirir livros que me possibilitasse o mínimo de conhecimento da literatura marxista, muito citada nas aulas e em evidência naquele período. Como eu era obcecado pela leitura, não fui modesto nas compras desses livros, e logo em agosto eu tinha comprado a coleção “O Capital”, de Marx, edição que tenho até hoje. Fazia essas compras na antiga Livraria Planalto, que ficava na Avenida Goiás, e onde eu podia comprar de forma parcelada esses livros.

Esse interesse e a amizade feita com colegas já engajados, me levou a participar da diretoria do Centro Acadêmico de História, logo no segundo semestre, ainda como calouro. Assumi a diretoria de Imprensa e Divulgação e pela postura aguerrida

logo me destaquei. Naquele mesmo ano participei do meu primeiro Congresso da UNE, e do segundo após a reconstrução dessa entidade histórica dos estudantes brasileiros, na cidade de Piracicaba, interior de São Paulo. Voltei empolgado e disposto a atuar com mais disposição, entrando durante aquele Congresso na Viração, uma das tendências do movimento estudantil, que se sagrara vitoriosa na eleição da nova diretoria, elegendo o alagoano Aldo Rebelo como presidente. Foi também o início da minha militância partidária, com o ingresso no Partido Comunista do Brasil, ainda na ilegalidade.

As lutas políticas naquele ano foram muito intensas, não somente em função das reivindicações específicas para o ensino superior e o fortalecimento das universidades, como pela força que tomava os movimentos sociais em oposição à ditadura militar. A reorganização da UNE e das entidades de base dos estudantes, como também dos professores e servidores técnicos-administrativos, a retomada do protagonismo dos sindicatos, ao mesmo tempo em que o governo patinava em sua incompetência e incapacidade de conter a crise que desde a década de 1970 incomodava o povo brasileiro, fez ampliar essas lutas.

O Centro Acadêmico de História da UFG era, naquele momento, um dos mais ativos, e o que mais conseguia envolver estudantes nas atividades, e ali no antigo ICHL, Instituto de Ciências Humanas e Letras, era o que mais se destacava. Em 1981 nós participamos de uma greve estudantil nacional, e em Goiás tivemos um papel destacado no movimento puxado pelo DCE conseguindo parar toda a universidade, unidade por unidade. Em setembro nós resolvemos fazer um protesto e entrar no meio do desfile do Dia da Independência. Chegamos cedo e ficamos em uma viela, abaixo da Avenida Anhanguera e da Rua 4. Quando as escolas passaram desfilando e antes que os militares começassem a subir no desfile, nós entramos de repente com muita gente e carregando diversas faixas de protesto, indicando para a população que estávamos em greve.

O ano era 1981 e ainda estávamos em plena ditadura militar. No estado de Goiás estava no governo Ary Valadão, do PDS, partido que naquele momento dava

sustentação aos militares e tinha substituído a ARENA. Logo que atravessamos a Avenida Anhanguera, na Praça do Bandeirante, a repressão respondeu com muita ferocidade. Ali mesmo alguns colegas foram espancados e detidos. Nos dispersamos, correndo por entre a multidão que assistia o desfile e fomos nos juntar novamente na esquina da Rua 3 com a Avenida Tocantins, a poucos metros do palanque oficial. Fui surpreendido quando fazíamos uma agitação e gritávamos para o povo o que estava acontecendo, quando quatro policiais me prenderam e me carregaram para um camburão onde fui jogado e levado para o DOPS.

Fui fichado no DOPS, juntamente com outros colegas, e depois levados para a Polícia Federal, cuja sede naquela época era em um prédio atrás do Hospital do Câncer, onde atualmente funciona uma unidade da PUC-GO, sendo novamente fichado, com base na Lei de Segurança Nacional, e em seguida liberado. Diante do prédio já se formara um grupo que crescia, de pessoas que foram protestar, principalmente depois que o ato repercutiu nos noticiários noturnos dos canais de televisão. Na manhã seguinte, a foto comigo sendo preso e um outro colega carregado como se fosse um saco por policiais, ostentou a primeira página dos três jornais diários: o Diário da Manhã (onde eu trabalhava), O Popular e a Folha de Goiaz.

Em 1982 eu assumi a presidência do Centro Acadêmico de História, no ano seguinte fui para a diretoria do DCE, mais uma vez na diretoria de Imprensa e Divulgação. Depois de travarmos uma luta intensa e vitoriosa, a luta contra o aumento das passagens de ônibus e pela adoção do meio-passe para todos os estudantes. Por meses, no ano de 1983, levamos essa luta, envolvendo um número crescente de jovens, sendo seguidos e ameaçados de prisão. Já estávamos em um governo estadual eleito e embora não representasse a ditadura, nos reprimiu duramente. Mas isso não impediu que mantivéssemos nosso ímpeto de luta e de defesa de nossas reivindicações. Embora uma luta demorada, fomos resistentes, e conseguimos atingir o objetivo parcialmente. Obtivemos um desconto nas passagens

de um terço, mas queríamos mais, e dois anos depois retomamos a luta pelo meio-passe, de forma intensa e vitoriosa.

No ano de 1983 me tornei assessor parlamentar na Câmara Municipal de Goiânia, no mandato do vereador George Hidasí. Foi a primeira eleição parlamentar durante o processo de transição para a democracia, mas ainda na vigência do regime militar. Exerci a função por pouco mais de um ano, até ser indicado para concorrer a um cargo para a diretoria da União Nacional dos Estudantes. Como eu deveria ficar me deslocando, para as capitais da região Centro-Oeste, e em especial para Brasília, tive que renunciar a essa função.

Em 1985 (eu já estava na UNE), numa manifestação espetacular fechamos as avenidas Araguaia, Goiás e Tocantins, no anel externo da Praça Cívica e mantivemos parados mais de uma centena de ônibus coletivos. Essa manifestação, no entanto, fugiu de nosso controle, visto que havia uma insatisfação da população também contra o reajuste das passagens, e se iniciou uma revolta espontânea, fora do nosso alcance, quando as pessoas se rebelaram na Avenida Anhanguera e subiram em direção à Praça Cívica destruindo os ônibus que estavam parados. Tentamos impedir, pois não éramos favoráveis àquela destruição, mas a revolta era maior do que nossa força para pará-la, e o resultado foi dezenas de ônibus com seus vidros quase que totalmente destruídos.

Naquele momento, em que inclusive uma comissão do Governo estava no coreto da Praça Cívica conosco, para entrarmos em um acordo, essa reação terminou por dificultar nosso objetivo. Mas depois conseguimos contornar o impasse e pudemos garantir a conquista do meio-passe escolar, com outras articulações políticas que reforçou nossa vitória.

Depois de todas essas lutas, e do destaque que tive nesses embates, fui eleito para a União Estadual dos Estudantes, no congresso de reconstrução dessa entidade. Mais uma vez eu assumia uma diretoria de Imprensa e Divulgação. Pouco tempo depois, em 1984, fui indicado para compor a Diretoria da União Nacional dos Estudantes, no Congresso da UNE no Rio de Janeiro. Assumi a vice-presidência

regional Centro-Oeste. Aquele foi um ano especial. Uma luta intensa tomou conta de todo o país, com enormes comícios em apoio a uma emenda à constituição, que ficou conhecida como Emenda Dante de Oliveira, um deputado mato-grossense, já falecido, que defendia o retorno das eleições diretas para presidente da república. A aprovação dessa emenda significaria o fim do regime militar. Infelizmente o governo conseguiu um número de votos suficientes para impedir sua aprovação, embora a maioria dos parlamentares tivesse votado a favor, mas por ser uma emenda à Constituição necessitaria de dois terços dos votos. Isso não foi conseguido, frustrando o povo brasileiro que tinha participado de comícios que passaram de um milhão de pessoas.

A frustração momentânea não impediu que novas articulações fossem feitas pela oposição, que decidiu enfrentar o candidato da ditadura militar, Paulo Maluf, no Colégio Eleitoral. Essa decisão, polêmica, dividiu a esquerda, mas se constituiu no único caminho para derrotar o governo, com a candidatura do senador por Minas Gerais, Tancredo Neves.

Todas essas mobilizações, que contou sempre com a forte presença dos estudantes, e de sua entidade máxima, a UNE, da qual eu já era diretor, e mesmo em função do impasse político gerado pela emenda das Diretas Já, impôs ao movimento estudantil a necessidade de adiar o congresso que seria realizado em 1985 e que escolheria outra diretoria. Em razão disso nossa gestão ficou na direção da UNE por dois anos, quando era comum naquela época haver eleição congressual todos os anos. Mas o Conselho Nacional de Entidades de Base aprovou a prorrogação do nosso mandato, e isso me possibilitou fazer parte da Comissão Nacional da Juventude Pró-Tancredo. Na verdade, a participação era das entidades, e eu, como vice-presidente Centro-Oeste, por ficar mais tempo em Brasília, assumi a responsabilidade de representar a UNE nessa comissão.

Faziam parte: Delcimar Pires (UBES), Paloma Amado (Filha de Jorge Amado), Aécio Neves (PMDB Jovem), Roseana Sarney (PFL Jovem), Guel Arraes (filho de Miguel Arraes, então deputado federal/PMDB, e ex-governador de

Pernambuco). A comissão era presidida pelo deputado federal cearense Paulo Lustosa (dissidente do PDS e depois filiou-se ao PFL). Essa comissão foi responsável por organizar o grande comício da juventude, na praia da Boa Viagem, em Recife. Foi o último comício de Tancredo Neves. Eu estava lá, mas não tínhamos o hábito de registrar tudo em imagens, como fazemos com tanta facilidade atualmente.

Aquele comício foi realizado em dezembro de 1984, e a coordenação da campanha de Tancredo decidiu que seria o último, para que os esforços fossem focados na articulação dos votos favoráveis no Colégio Eleitoral. Não se imaginava que seria fácil, afinal, meses antes não se conseguiu o quantitativo de votos necessários para aprovação da emenda das eleições diretas. Mas Tancredo Neves era seguramente um dos políticos mais hábeis, de larga experiência e sutileza em lidar com situações complexas na política. E, com as defecções que estavam acontecendo na base política do governo militar, que não aceitavam a candidatura de Paulo Maluf, se construiu uma maioria que garantiu sua eleição em meados de janeiro de 1985.

As mobilizações populares e as articulações políticas que levaram a uma forte divisão no partido de apoio do governo, o PDS, e possibilitou a criação de uma frente liberal, depois transformada em partido, o PFL, garantiu uma folgada maioria que resultou numa diferença de 300 votos, elegendo Tancredo Neves e assim fechando um ciclo de governos autoritários e de um regime venal, responsável pela prisão, tortura e assassinatos de milhares de brasileiros e brasileiras.

Ao final da votação do Colégio Eleitoral registrou-se 480 votos (72,4%) a favor de Tancredo, e 180 votos para Maluf (27,3%). Era o fim de uma longa noite de 21 anos. Mas o Brasil não pôde festejar por muito tempo. Por uma trágica ironia do destino restaria ao povo brasileiro aceitar como presidente da República do Brasil um ex-presidente do partido que apoiava a ditadura, José Sarney, rompido com o governo e um dos fundadores do PFL, mas por circunstâncias política passou depois para o PMDB.

Antes de tomar posse Tancredo Neves foi acometido de uma enfermidade, noticiada posteriormente como “diverticulite”. Depois de uma lenta agonia, e de dias

internados, ele não resistiu e faleceu sem ter assumido a presidência. Entre tristezas, desesperos e ansiedades, sobre se seria respeitado o resultado do Colégio Eleitoral, os setores militares que já estavam em divergência interna, asseguraram a posse do vice eleito na chapa de Tancredo: José Sarney. Foram dias tensos, mas não restava outra saída, afinal a liberdade conquistada parcialmente, e a duras penas, estava sob risco. E o que se fez a seguir, era o que era preciso fazer, para que o destino não fosse mais trágico com o país do que já tinha sido. Os setores que tinham apoiado a eleição no Colégio Eleitoral, após o resultado da derrota das eleições diretas, compreendiam que era preciso manter o apoio à legalidade e garantir a posse de Sarney. A UNE não fez diferente, e seguiu essa linha, e decidiu em seus fóruns o apoio crítico ao governo Sarney.

Nos primeiros anos o presidente José Sarney surpreendeu. Por uma necessidade de afirmação política o governo demonstrou uma característica de amplitude, liberal e democrática, acatando muitas demandas do movimento popular e aceitando convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, pela qual mudanças significativas iriam dar uma nova configuração na política brasileira, até que tudo isso começasse a desmoronar a partir de 2015. Nova República, assim se chamou o governo de coalizão que inicialmente adquiriu um viés de centro, mas ao final retomou suas origens conservadoras.

Nós soubemos lidar com essas contradições e garantir apoio às medidas que constavam em nossas pautas de reivindicações, tanto no que se refere à luta pela legalização da UNE, como em outras demandas que cabiam serem resolvidas pelo Ministério da Educação. Conseguimos abrir um canal de negociação com o então ministro Marco Maciel, e eu mesmo, pessoalmente, pude estar presente em reuniões em que fomos bem recebidos, ouvidos e tivemos alguns resultados positivos. É claro que após a Constituinte e da metade do governo para frente, o seu caráter conservador foi se impondo e a disputa política pela sucessão levou a medidas impopulares e a convivência com uma forte crise econômica, que ao final possibilitou a eleição de um populista de direita, oriundo de uma tradição política conservadora

alagoana, embora seu berço tenha sido as badalações cariocas e as mordomias brasiliense.

A diretoria da UNE, da qual eu participava, na gestão do presidente Renildo Calheiros, estabeleceu como prioridade a legalização da entidade, cassada desde o golpe militar de 1964. Mais uma vez me coube uma tarefa importante, acompanhar o trâmite do projeto de legalização no Congresso Nacional, embora um encargo muito burocrático para o meu gosto. Mas era necessário fazer, devido a ser preciso que esse processo se desse por meio de um decreto lei do Legislativo. Assim, por meio do deputado federal Aldo Arantes, eleito pelo Estado de Goiás, e ex-presidente da UNE, o projeto tramitou rapidamente até ser aprovado e levado para sanção do presidente José Sarney, no dia 31 de outubro de 1985.⁷ Assinado por outros parlamentares com ligações históricas com a entidade, alguns ex-diretores e ex-presidentes, também eleitos para aquela legislatura, o gesto quase simbólico representava também a representatividade da UNE e a retomada de um protagonismo na sociedade historicamente construído desde a sua criação em 1947. E, mais uma vez, eu marquei presença em uma data histórica. Com muito orgulho.

Meu ciclo no Movimento Estudantil não se encerrou em 1986, quando nossa diretoria chegou ao fim do mandato. Retornei a Goiânia e em seguida fui eleito vice-presidente da União Estadual dos Estudantes. Mas naquela altura, embora a minha característica marcada pela combatividade não me deixasse quieto, decidi que o mais importante era concluir o meu curso de História. Apesar que o trancamento da matrícula enquanto eu estava na UNE tenha me dado um tempo a mais, o regimento da Universidade naquele momento me colocava contra a parede. Era preciso concluir logo o curso, sob pena de punição com o jubramento. De qualquer maneira já era uma decisão tomada, focar na finalização do curso e tomar outro caminho, com um espaço maior para a preocupação profissional e com minha vida.

Após praticamente oito anos envolvido com o movimento estudantil, mudar de rumo e se adaptar àquilo pelo qual eu estava me formando, ser professor, não

⁷ http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17395.htm (Acesso em 20.06.2022)

seria um caminho fácil. E não foi. Embora eu tivesse encontrado facilidade na procura por um emprego como professor. Fui logo aprovado em uma aula/seleção em um dos colégios tradicionais de preparação para o vestibular, em Goiânia, o Colégio Carlos Chagas. Mas o meu desempenho não me agradava, tanto pelo formato das aulas, em salas imensas, muito comum naquela época, como pelos problemas pessoais que eu enfrentava. Quase que um começo de depressão, que juntou algumas dificuldades de relacionamentos com questionamentos sobre a minha militância política. E isso me levou a uma decisão radical. Tomei conhecimento, por um anúncio no jornal, da existência de uma vaga para professor de História, na Faculdade de Ciências e Letras de Araguaína. Era final de 1988, eu nunca tinha estado no Norte de Goiás (ainda não havia acontecido a separação do estado) e sequer conhecia Araguaína, a maior cidade do extremo-norte goiano, a 1.145km de distância de Goiânia. Resolvi encarar o desafio, era um desejo, ser professor de História em uma faculdade, mesmo que tão distante de onde eu vivia naquele momento e onde estava minha família. As circunstâncias me empurraram para aquela decisão radical. Como muitas vezes acontece nessas mudanças o destino, e dê-se lá o nome que se quiser, pode ser acaso, redefine nossas vidas. Foi o que aconteceu comigo.

De 1988 a 1990: Um interregno em Araguaína. Dois anos que redefiniram minha vida

Segui para Araguaína disposto a encarar uma situação nova em minha vida. Não me refiro a ir morar sozinho e distante, porque de certa maneira o movimento estudantil com a minha participação na UNE me afastou fisicamente de minha família. Passei mais tempo em Brasília que em Goiânia, além dos vai-e-vem para São Paulo, Cuiabá e Campo Grande. O desafio agora era encarar a condição de professor de ensino superior, numa cidade desconhecida, e não decepcionar, como eu havia me sentido na frustração de minha estreia como professor no Colégio Carlos Chagas.

A minha experiência por anos de militância ajudava no meu desempenho nessas seleções para professor. Em Araguaína não foi diferente. Não tive dificuldades em ser aprovado, embora mais do que um concurso eu tivesse me submetido a uma entrevista. Fui a uma aventura, sem muitas certezas, e por lá fiquei, sendo contratado como professor de ensino superior, mas com vínculo provisório, nomeado, sem estabilidade. O estado também era recém-criado, já não mais Estado de Goiás. Cheguei então na maior cidade do mais novo Estado da república do Brasil, no ano de sua criação: 1988. No ano seguinte, em primeiro de janeiro de 1989, tomou posse o primeiro governador do Estado do Tocantins, José Wilson Siqueira Campos.

Minha passagem por Araguaína, e a primeira experiência como professor em uma Faculdade, foi curta, intensa, de grande aprendizado e mudou minha vida. Cheguei com todas as incertezas possíveis, mas disposto a superar os problemas que me fez viajar mais de mil quilômetros para construir um caminho que me ajudasse a trilhar a direção que eu desejava. Eu sabia que os obstáculos seriam grandes, mas são essas situações que nos forçam a encontrar forças onde não imaginamos, e a superação é consequência dos desejos e determinação, mas sobretudo de coragem para enfrentar os desafios.

A dificuldade que enfrentei, contudo, não foi tanto em relação àquela nova experiência de estar numa sala de aula de um curso superior. Ali na FACILA, como era conhecida em toda cidade a Faculdade, ministrando aulas no curso de História, em disciplinas que me forçava a leitura e o aprofundamento em meus conhecimentos, como História da América; História Antiga e Introdução aos Estudos Históricos, eu me convenci que meu destino seria ser professor universitário. E ali adquiri também uma característica que me acompanhou por décadas, da rigidez e exigência em relação à cobrança ao aprendizado daquilo que eu transmitia, mas ao mesmo tempo a busca por estabelecer uma parceria importante nesse processo com meus alunos e alunas. Ou seja, ser dedicado, rígido e compartilhar empatia, fazendo amizades.

Ao formular a frase “é melhor ser temido que amado”, no seu livro clássico “O Príncipe”, embora existam traduções diferentes, que não mudam a essência do seu significado, Maquiavel procurava apontar, naquelas condições conjunturais de uma época de transição e de consolidação do Absolutismo na Europa, que o ser humano é ingrato e dissimulado, a não ser quando lhes fazem o bem. Era uma definição que pode ser até vista como atual, sem anacronismo, desde que se compreenda as circunstâncias sociais nas quais se esteja vivendo. Ocorre que essa obra de Maquiavel se tornou tão lida e utilizada em questões de estratégias que o próprio termo surgido para definir um comportamento semelhante ao descrito na frase, penso que inapropriadamente, e no objetivo dela, derivou de seu próprio nome: maquiavelismo.

Não entendo que deva ser dessa maneira nossas relações. Sempre entendi que nada deve ser interpretado literalmente, e meu olhar ideológico, adquirido dos tempos de militância estudantil, com muita leitura e escolha política, levou-me ao entendimento do método dialético como instrumento para compreensão da história, bem como para a adoção dos comportamentos e trocas necessários na condição de docente. A compreensão de uma realidade múltipla, eivada de contradições, pelas quais compreendemos o quanto são complexas as relações.

Desde o começo, então, resolvi adotar a dialética como a metodologia necessária para que eu pudesse transmitir os meus conhecimentos, o saber, portanto, mas ao mesmo tempo receber um feedback que me fizesse ser compreensível diante de perfis de alunos e alunas completamente distintos, por suas origens e características pessoais. Entendendo por esse caminho, a crítica como uma condição essencial para o reconhecimento de nossas limitações, e por meio de trocas, inclusive com meus alunos e alunas, seguir aprendendo e somando isso aos meus conhecimentos. Isso, aliado a empatia, fez com que eu me tornasse um professor que sempre primou pela rigidez no que concerne à valorização do meu esforço e dedicação, bem como para a própria compreensão dos meus orientados da importância de nossa função, e da seriedade desse processo formativo. E ao mesmo tempo poder receber carinho e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido. É o que nos motiva e nos impulsiona para adiante.

Do ponto de vista acadêmico, de minha formação como professor, o pouco tempo que fiquei em Araguaína assumiu para mim uma dimensão temporal muito além da própria realidade. Em dois anos minha vida passou por profundas transformações, e me conheci como professor, que eu queria ser, mas também do que eu poderia vir a ser. Se eu já tinha sido conquistado pela História quando das minhas primeiras aulas como estudante, aquele período em Araguaína multiplicou essa paixão, pelo curso e pela docência. Contudo, a vida, por meio de destino ou do acaso, reservaria surpresas que estavam na escolha do caminho que eu trilharia em meu retorno a Goiânia.

Minha continuidade na FACILA foi encurtada por uma decisão política, de solidariedade a duas colegas, pressionadas e perseguidas por uma direção que tinha uma compreensão tortuosa do que é ser uma Faculdade, preferindo tratá-la como um escolão de terceiro grau, bem no estilo interiorano. Naqueles rincões, ainda atrasado para uma maior abertura da realidade e da democracia nessas instituições, prevaleceu um espírito autoritário e impositivo, que levou, no confronto de divergências, a demissão dessas duas colegas. Eu, e outro colega, assim como muitos

estudantes, nos insurgimos contra o autoritarismo e declaramos apoio a elas. Embora eu não tivesse nenhum conflito com a direção, essa decisão terminou por também me colocar como desafeto no olhar de uma diretora autoritária, que buscou por mecanismos políticos junto ao governo, uma forma de nos demitir. Isso terminou por acontecer, no começo de 1990, com a rescisão de nosso contrato por meio de um ato do governador.

Eu fui tomado de uma intensa revolta, mas mantive o meu apoio às colegas, por coerência como sempre agi. Mas, pelas relações políticas que eu já tinha construído ali no Tocantins, especialmente em Araguaína, fiz as articulações necessárias para reverter essa decisão. Eu só pensava em ter que retornar a Goiânia, tão rapidamente, de forma frustrante e desempregado, justamente quando eu imaginava estar consolidando minha permanência naquele lugar e naquela Faculdade, que já sabíamos iria incorporar uma nova universidade estadual que estava em processo de criação. Consegui, então, a revogação da minha demissão, por meio de dois amigos que foram vereadores em Goiânia numa época em que trabalhei como assessor político no parlamento municipal antes de ir para a UNE, e tinham também se mudado para o Tocantins. Embora o decreto da revogação da demissão tenha sido emitido, a decisão seguia um caminho tortuoso. Eu deveria ficar à disposição de um outro órgão, até que após a eleição fosse mudada a direção na Faculdade. Não era o que eu desejava, minha escolha era pela docência e nada desviaria o meu caminho na direção desse objetivo. Tomei a decisão mais difícil de minha vida até ali, e precisava lidar bem com isso para que a frustração não me levasse à mesma situação que me fez ir na direção do Norte. Mas eu decidi retornar a Goiânia.

Um momento que me marcou muito, e me levou às lágrimas, foi quando recebi uma encomenda pelo Correio. Eu tinha voltado à Goiânia, meses antes, para rever meu pai e minha mãe, e aproveitei para fazer uma visita ao professor Juarez Barbosa, um dos melhores professores que tive e a maior referência para mim no curso de História. Como tinha sido atribuído para mim, no planejamento da Faculdade uma disciplina “Teoria e Metodologia da História”, eu o procurei porque

era uma disciplina que ele lecionara na UFG, no curso de História. Fui a casa dele, expus a minha situação e onde eu tinha ido parar e lhe pedir algumas indicações de textos e como ele me sugeria para trabalhar a disciplina. Como sempre, muito afável, Juarez se limitou a me ouvir e a conversar sobre outros assuntos, principalmente sobre o tempo em que convivemos no curso de História, além de questões ligadas às nossas afinidades ideológicas, eu como militante do PCdoB e ele, mesmo comunista, se mantendo ligado ao antigo PCB, agora Partido Comunista Brasileiro.⁸ Foram mais conversas sobre amenidades, em que, ao fim, cobrei dele as devidas orientações. Ele, sorrindo, me disse “não se preocupe Romualdo, deixe o seu endereço que eu vou lhe enviar”. Naturalmente confiei em sua palavra, afinal eu estava diante de um mestre que era uma referência para mim. Isso foi, se não me falha a memória no final do ano de 1989, ou já começo de 1990. Era o período das férias.

Retornei à Araguaína e me deparei com a crise instalada e a já ameaça de demissão das duas colegas. Depois o meu envolvimento, e como já relatado, resultou em nossa demissão, e angustiantes meses tentando resolver essa situação. Já desanimado e decidido a voltar para Goiânia, fui surpreendido com a encomenda entregue pelo Correio, no começo de março de 1990. Era o curso de “Teoria e Metodologia da História”, organizado aula por aula, com cópia/extratos dos textos trabalhados, por inteiro, impresso e encadernado com capa dura inscrição em dourado e com dedicatória. Fui tomado por uma forte emoção, diante da circunstância e por tamanha deferência de um mestre querido. Eu já não tinha mais a possibilidade de utilizar aquele material, afinal não era mais professor no curso de História da FACILA. Mas aquele gesto e aquele momento vieram a servir para mim como um dos maiores ensinamentos que um mestre pode transmitir ao seu discípulo, a necessidade de um acompanhamento para além dos muros da universidade, numa relação perene e dedicada, para que se celebre em nós o vaticínio de que nosso maior orgulho é querer ver alguns desses alunos e alunas nos superando e transmitindo nossos exemplos. Jamais esqueci isso e tenho comigo guardado até hoje esse material

⁸ Alguns anos depois desse reencontro, o professor Juarez fez a opção em se filiar ao PCdoB.

que gentilmente o professor Juarez me presenteou, e que muito me serviu quando logo após o meu retorno a Goiânia fui fazer um mestrado em História.

Minha presença curta e intensa em Araguaína, como eu disse, transformou minha vida. No começo, os seis primeiros meses foram muito sofridos. A solidão de um quarto modesto no Hotel São Vicente, naquela cidade, me mantinha ainda preso à algumas lembranças que eu gostaria de esquecer. Depois fui me ambientando, encontrei um outro local para morar, e segui construindo minha relação com aquele lugar.

Ao mesmo tempo fui estabelecendo uma relação de amizade não somente com colegas professores e professoras, mas também com meus alunos e alunas, especialmente com uma turma que entrou na Faculdade em 1989. Aos poucos fui percebendo que os olhares de uma de minhas alunas eram diferentes, eu sentia isso. E sentia que retribuía aquele olhar da mesma forma. Isso me angustiou no começo, não somente por ser minha aluna, mas porque ela namorava com um aluno de outro curso na Faculdade, que era amigo de um outro colega professor com quem eu passei a dividir a locação de uma casa, mais próxima à Faculdade. Resolvi me conter, embora as trocas de olhares continuassem na mesma proporção. Até que eu soube que não havia mais nenhuma relação entre os dois, e então o fato dela ser minha aluna não me incomodava, pois eu não imaginava estar fazendo nada de errado. Os olhares se cruzaram agora de forma definitiva, e a atração tornou inevitável mais do que uma aproximação, mas o começo de um relacionamento que já dura 32 anos.

Essa relação não poderia passar despercebida aqui nesse relato, porque foi determinante para duas situações que marcaram minha vida e as decisões que eu tomaria mais adiante quando me vi novamente desempregado. A primeira é que esse relacionamento mudou minha rotina e as minhas perspectivas, afastando também meus pensamentos ainda angustiantes que teimavam em vagar por uma distância enorme até Goiânia. Consolidou minha permanência em Araguaína e a sensação de que minha estadia por ali não seria passageira, mas duradoura. Ela minha aluna, eu o professor, mas foi uma paixão séria que não foi gerada por nenhuma forma de

assédio, a não ser um sentimento real, espontâneo, que nos aproximou, apesar de pouco mais de uma década na diferença de idade.

A segunda situação foi quando diante da demissão, e decidido a não me beneficiar da recontração, por não ter como objetivo o retorno à Faculdade, senti a necessidade de voltar à Goiânia. Entendi que meu ciclo em Araguaína teria sido curto e intenso, como já falei, mas determinante. No entanto, meu vínculo com aquela cidade ficaria marcado em minha vida, mas não somente por esses dois anos que ali estive. Decidido a retornar a Goiânia, mas convicto que havia alguém ao meu lado que entrara em minha vida e precisava prosseguir comigo, fiz um apelo para que aquela paixão não permanecesse distante, e que pudesse me acompanhar no meu caminho de volta.

Há momentos em nossas vidas cujas decisões definem o caminho que iremos trilhar. Eu estava diante, mais uma vez, de uma situação complicada, mas que resolvi não renunciar ao sentimento que me fortaleceu nos meus meses finais de permanência por ali. O amor atravessara meu caminho e eu não podia me desvencilhar dele, assim, mesmo desempregado, apelei para que ela me acompanhasse. Celma Grace, minha ex-aluna, minha namorada e atualmente minha esposa, resolveu me acompanhar, mas também não seria uma decisão fácil. Tudo conspirava contra mim, a diferença de idade, o fato de eu ter sido professor dela, e a condição para que essa decisão fosse aceita por sua mãe: era preciso que nos casássemos para que ela aceitasse o fato da filha dela se mudar para tão longe, com alguém que ainda não era tão conhecido. Afinal, fora somente seis meses de namoro.

Eu entendia a angústia de minha sogra, e embora Celma já tivesse aceitado se mudar comigo para Goiânia, eu não queria que isso se desse mediante algum atrito dela com sua família, e muito menos que tal decisão me deixasse marcado ali para sempre de forma negativa. Conversamos e decidimos que iríamos seguir os desejos de minha sogra, que não deixava também de ser nosso, um enlace, um compromisso, um casamento. E assim foi feito. Decidimos nos casar numa quarta-feira, os papéis foram encaminhados na quinta-feira e o casamento se deu num sábado, no dia 12 de

maio de 1990, em sua casa, com a presença do oficial de justiça e praticamente toda a turma de história, afinal, foi uma festa, claro.

Foi marcante, um momento de extrema felicidade em meio às intempéries que deixaram um clima de indefinição sobre o que me esperava em Goiás. Assim, nos casamos no sábado e na segunda-feira eu já estava retornando a Goiânia. Celma permaneceu ainda em Araguaína por cerca de um mês, para que as coisas pudessem ser ajustadas, porque meus pais só tomaram conhecimento do meu casamento quando cheguei em Goiânia, e ao falar com eles pedi a autorização para que eles acolhessem não somente a mim, mas também aquela que se tornara minha esposa sem que eles soubessem, embora já a conhecesse. Não houve nenhuma resistência, ao contrário eles ficaram felizes, mas preocupados pelo fato de eu estar desempregado.

Agora eu tinha mais do que um motivo para estar ansioso com o fato de ter retornado a Goiânia desempregado. Mais uma vez a saída foi dar aulas em escolas privadas, e desta vez também para turmas do ensino fundamental, o que para mim era algo novo. Tornei-me professor dos colégios 5 de Julho, no período noturno e no Colégio Santa Paula no período matutino. O prazer de dar aulas se mantinha, mas a desorganização era a tônica nessas duas escolas, e ao fim do primeiro ano eu já havia perdido parte daquela sensação prazerosa, de uma rotina que embora cansativa pode lhe estimular por meio do feedback, das relações que se possa construir nesse ambiente escolar de troca permanente de conhecimento, de afeto, e que tudo isso resulte em estímulo, de ambas as partes. Isso praticamente não existia, principalmente pela própria metodologia adotada por essas escolas, cujo interesse primava mais pelos resultados financeiros.

Um mês depois de meu retorno a Goiânia, Celma veio de Araguaína, para ficar comigo na casa de meus pais, até que eu pudesse me estabilizar financeiramente. Fui me virando como podia, procurando contatos com pessoas com quem sempre tive boas relações, no intuito de adquirir uma independência que garantisse vivermos de fato em nossa casa. Não era fácil principalmente para Celma, estarmos casados, mas

não termos nossa residência. O desafio era encontrar outra atividade que complementasse os salário. Saí de uma das escolas e fui trabalhar no Clube dos Contabilistas e começamos a sair em busca de um lugar para nos mudar. Depois de alguns dias meu pai me fez uma sugestão que de pronto aceitei, construir um barracão no fundo do terreno onde morávamos. Sem nenhum problema com meus irmãos, aceitamos a proposta e talvez essa tenha sido uma das melhores decisão que tomamos em nosso retorno. Com muito esforço conseguimos construir, enfim, o que podíamos chamar de nossa casa, um barracão modesto, agradável com dois quartos e uma suíte americana e tendo meus pais na frente em uma ampla área somando-se o nosso barracão, onde moramos por mais de uma década e onde nasceram nossos filhos, Iago e Ana Carolina.

Pouco tempo depois recebi um convite para trabalhar com a deputada estadual eleita pelo PCdoB Denise Carvalho, entre 1991 e 1995 (depois ela se elegeu para um segundo mandato 1995-1999), com quem eu havia convivido muito no movimento estudantil, tanto no DCE, quanto na UEE-GO, e me tornei logo em seguida chefe de gabinete. Celma ocupou o meu lugar no Clube dos Contabilistas, por um tempo, e logo depois conseguiu um emprego melhor nas Lojas Novo Mundo. Conseguíamos, assim, organizar nossas vidas, o que nos possibilitou planejar em termos um filho, ou uma filha. Assim, em 14 de maio de 1993 nasceu o nosso querido filho Iago Montalvão Oliveira Campos.

Apesar desses vai-e-vem, inevitável por uma questão de sobrevivência diante de uma realidade nova para mim, permanecia como um objetivo principal voltar a ser professor em uma universidade. Mas eu sabia das dificuldades em um momento que cada vez mais era exigido uma titularidade, naquele momento ainda em nível de mestrado, visto que não se ampliara as oportunidades para doutorado. O mestrado, naturalmente era o mais importante, porque era preciso primeiro passar por ele para se atingir o doutorado.

Mesmo com todas as dificuldades fui em busca do meu objetivo, e precisaria seguir atravessando os empecilhos, mas galgando degrau por degrau. Assim, mesmo estando afastado das leituras importantes, e fora de sala de aula, decidi tentar a seleção do Mestrado em História das Sociedades Agrárias, no programa de pós-graduação em História da UFG, um dos mais antigos da instituição. O ano era 1991, e eu encarei o desafio, mesmo em meio às adversidades e consegui ser aprovado. Passei em 10º lugar. Eram dez vagas em disputa. Comemorei efusivamente, como se tivesse sido o primeiro, afinal uma vez aprovados a colocação pouco importava. Ademais eu sempre fui um aluno mediano, nunca escondi isso, embora muito esforçado, determinado e sempre disposto a melhorar. Até porque nada foi fácil nessa minha tentativa de alçar voos para patamares superiores na busca por uma formação e pelo conhecimento. Claro que eu não era o único, nessa lógica imposta por uma sociedade plutocrata, onde as oportunidades não se abrem de forma equilibrada, porque as condições sociais daqueles que estão em permanente disputas para ascender socialmente, são muito desiguais. Portanto aquela aprovação foi para mim uma conquista muito importante, e isso resultaria em um fator preponderante para que mais adiante eu pudesse me tornar professor na UFG.

Mas a colocação em que fiquei na seleção do mestrado implicaria em um problema para mim, que não ocorreria se eu tivesse sido aprovado dentre os primeiros. A quantidade de bolsas era inferior ao número de pós-graduandos

aprovados. Não me lembro quantas estavam disponíveis, mas creio que eram cinco. Era uma época em que os recursos para a pós-graduação estavam muito limitados, principalmente as bolsas de estudos, e pela regra elas seriam disponibilizadas por ordem de classificação. Portanto eu tinha que dedicar ao mestrado em meio a outros afazeres, em atividades remuneradas das quais eu não podia abrir mão. Felizmente não tive problemas em conciliar horários, pois houve por parte da parlamentar uma compreensão da necessidade de minha qualificação, e pude adequar o meu tempo de forma a não prejudicar nem a minha condição de assessor parlamentar, nem a frequência nas aulas no mestrado. À medida em que os que estivessem com bolsas fossem concluindo o curso, ia sendo passada para os demais, sempre na ordem de colocação na seleção. No penúltimo ano, do prazo que eu tinha para concluir, naquele momento de quatro anos, fui então contemplado com a bolsa, que me possibilitou seguir até o final e me tornar mestre.

Assim que decidi por entrar no mestrado logo se tornou necessário identificar qual seria o tema que eu escolheria para apresentar o projeto da dissertação. Eu tinha uma paixão pela história da Guerra de Canudos, ocorrida no sertão baiano próximo a Jeremoabo, cidade onde vivi um curto tempo, conforme já relatei. Tinha também já adquirido uma vasta literatura a respeito desse episódio importante da história de luta do povo brasileiro, sufocada por diversas razões, mas principalmente por preconceito contra os sertanejos nordestinos, naquele momento vivendo sob uma seca implacável sem nenhum apoio do Estado, da República que emergia por aqueles tempos. Os Sertões, de Euclides da Cunha, foi a obra clássica que me apaixonou pelo tema. Lido e relido diversas vezes, e quanto mais eu lia mais eu me apaixonava pelo assunto.

No entanto no período de minha militância estudantil, e depois partidária, um outro acontecimento, este menos conhecido, principalmente em termos de estudos acadêmicos, me atraiu a atenção e o fascínio, em boa parte porque estava submetido a um controle de sua história e a uma negativa forçada de sua existência: a Guerrilha do Araguaia. Essa amnésia forçada sobre um fato histórico importante, e a opressão

sobre quem viveu na região onde o conflito aconteceu, a fim de se negar a existência dele, me fez decidir.

A Guerra de Canudos já possuía uma vasta literatura, e diversas pesquisas acadêmicas, assim compreendi que me cabia enquanto historiador fazer uma pesquisa sobre um fato que pretendiam omitir da história. E enquanto militante, dedicar minha formação a resgatar histórias de lutas de quem entregou a vida para combater um regime político opressor. O desafio era manter o equilíbrio, e evitar que o sentimento do militante contaminasse a necessária honestidade da pesquisa científica. Para tanto foi fundamental a orientação que tive da professora doutora Janaína Amado. Eu já a admirava enquanto professora, e como orientadora ela me conduziu com maestria, sabendo cobrar de mim um conteúdo que não fosse confundido com um panfleto político partidário. E foi dessa forma que me entreguei à essa pesquisa, que se transformou em uma paixão por um tema que me acompanharia por toda a minha formação profissional.

Não foi fácil, por não ter bolsas de estudos e me manter integralmente na atividade como chefe de gabinete. Ainda assim fiz todos os esforços possíveis para me deslocar até a região da guerrilha, visto que a história oral era fundamental, na ausência de documentos que indicassem as condições e a repressão em que aconteceu aquele conflito.

Como eu tinha casado com uma tocantinense, e a família dela morava por lá, a minha ida à Araguaína com esse objetivo, se juntou com a necessidade de fazer uma visita à região da guerrilha. E fiz isso logo em 1992, quando fomos visitar sua família em julho daquele ano. Aproveitei também a presença de um amigo cuja família se dividia entre Araguaína e Xambioá, e peguei carona com a sua turma que ia passar férias na cidade para aproveitar as praias do Rio Araguaia.

Foi minha primeira viagem a Xambioá, cidade onde se concentrou a maior parte das tropas militares que combateram os guerrilheiros. Fui na carroceria de um caminhão, onde estava também uma canoa, levada para ser usada, naturalmente, em pescaria. Não me queixei, era a condição que eu podia obter para chegar a Xambioá

e ainda contar com a ajuda desse amigo, Wilame Gomes, hoje filósofo, com doutorado, para os contatos na cidade que pudessem se dispor a gravar depoimentos. Sozinho isso seria praticamente impossível, devido à desconfiança das pessoas com o assunto, mas com alguém da cidade se tornou muito mais fácil. Aquela viagem, com o vento batendo no rosto e podendo observar a paisagem, ainda sem os desmatamentos que se acelerariam nos anos seguintes, foi inesquecível. Foi para mim um momento marcante, que relato no meu trabalho, e do qual nunca esqueci. Inclusive a primeira pessoa que entrevistei, uma senhora, parteira na época da guerrilha e também professora, dona Joaquina. Ela foi quem primeiro avisou aos familiares dos desaparecidos na guerrilha que no cemitério de Xambioá havia corpos deles sepultados sem indicação de nomes.

Eu começava ali uma epopeia que iria me envolver não somente academicamente, porque logo percebi que se tratava de estudar não somente um embate entre guerrilheiros comunistas, que se isolaram naquela região fugindo das perseguições políticas e com o intuito de deflagrar um movimento guerrilheiro inspirado na forma como se deu a guerra de guerrilhas no gigante país asiático, a China. Era mais do que isso. Tratava-se de descobrir até que ponto aquela população se viu envolvida naquele conflito e como ela foi afetada pela repressão que se abateu sobre todos que eventualmente tivesse algum contato com os militantes comunistas. E como, por causa disso, muitos foram presos, torturados e perderam suas terras. A maior parte da população naquela região, conhecida como “Bico do Papagaio”, envolvendo três estados, Tocantins (na época Goiás), Maranhão e Pará, se viu afetada de várias maneiras. A brutalidade repressiva, das forças militares, se abateu ferozmente sobre muitos habitantes daquelas localidades situadas nos limites territoriais que abarcavam as cidades de Araguaína, Wanderlândia, Araguanã e Xambioá, do lado do Tocantins; e São Geraldo, São Domingos, Brejo Grande, Palestina do Pará e São João do Araguaia, do lado do Pará.

Um outro aspecto importante, que se tornou para mim uma extensão da minha pesquisa inicial, foi compreender a dimensão do alcance da guerrilha na região

e os seus efeitos colaterais, o que veio a ser parte do tema do meu doutorado, e a busca por respostas sobre o destino dado aos corpos dos guerrilheiros e guerrilheiras que foram mortos, após serem presos, torturados e executados. Respostas que as Forças Armadas por muito tempo se negaram a dar, mas que por decisão judicial tiveram que se envolver na busca por esses corpos. Ou seja, eu tinha em mãos um tema que não cabia somente na minha dissertação de mestrado, e compreendi logo a dimensão disso, tanto que mesmo depois de defender a dissertação, em março de 1995, ainda retornei à região para ajudar alguns dos camponeses que perderam parentes na guerrilha, a serem contemplados pela reparação do estado brasileiro. Esse novo roteiro de contatos e depoimentos foi inserido no livro que eu publicaria a seguir, como um posfácio.

Eu tinha que me ater ao que estava apresentado no meu projeto de pesquisa, mas ao longo do meu trabalho fui percebendo que havia muito mais história para ser investigada e mostrada. Percorri a região ainda por mais duas vezes, obtendo, com dificuldades depoimentos muito importantes, que compartilhei ao final de meu mestrado com muitos outros pesquisadores e jornalistas. Poderia ter visitado mais vezes aquelas cidades, mas as condições não me permitiam, os recursos para isso eram inexistentes, e as vezes em que viajei foi custeado pelo meu próprio salário.

Nesse meio tempo, em que eu me desdobrava para conseguir dar conta de meu mestrado, aliado com a atividade na Assembleia Legislativa, uma grande alegria veio iluminar nossas vidas, nasceu nosso filho, Iago, em maio de 1993. Sabemos o quanto filhos impactam em nossas vidas, e como precisamos nos dedicar a eles, principalmente nos anos iniciais, cuja atenção é redobrada. Foi de uma felicidade imensurável, o que nos dava mais razão para consolidarmos nossas vidas. Mais do que nunca eu sentia vontade de concluir o meu mestrado. Confesso que fiquei um pouco desesperado, nos momentos de maior pressão para fechar a dissertação, pressionado pelo tempo, já que havia prazo para concluir. Minha orientadora, naturalmente, cobrava mais dedicação, e para mim era um desafio duplo, pois durante a qualificação houve dúvidas sobre se eu conseguiria ou não finalizar minha

pesquisa. Fui criticado, mas bem orientado na qualificação e aprovado para prosseguir. Consegui convencer a banca da importância daquele mestrado para mim, e do desejo de retornar à região para coletar novos depoimentos. E foi o que fiz. Mas, já próximo ao final, a hiperatividade do Iago, já com seus quase dois anos, me fez desdobrar mais ainda, já que Celma retornara ao trabalho.

Como eu havia conseguido uma licença do meu emprego, para finalizar minha dissertação, me dediquei em tempo integral nos últimos meses. Somente a correria do Iago me tirava da concentração, mas isso não era nenhum empecilho, naturalmente as consequências se faziam sentir sobre o meu corpo, com problema lombares que se tornaram crônicos. Era consequência das dificuldades iniciais. Embora eu tenha ficado por quatro anos envolvido no mestrado, foi praticamente nos dois últimos anos que minha pesquisa andou celeremente.

Eu sabia que tinha como foco uma história espetacular, de uma luta memorável e de dedicação de jovens, em sua maioria, e de velhos militantes, que não se entregaram ao arbítrio, nem se calaram diante da repressão, e buscaram os meios que julgaram adequados naquele momento para resistir à ditadura militar. Me entreguei de corpo e alma, e mergulhei o quanto pude nessa história, não somente pela necessidade que eu tinha, mas porque a memória daquela luta precisava ser contada com a chancela de uma instituição federal e de uma pós-graduação reconhecida e respeitada. A Guerrilha do Araguaia precisava entrar para nossa história, e sair da clausura a que foi submetida pelo controle daqueles que temiam que se descobrissem atos e fatos criminosos, durante o combate e após a prisão de guerrilheiros, com vida, mas que foram torturados e executados em seguida. Fazer ouvir as vozes de um povo oprimido, na região da guerrilha, era um dos objetivos, plenamente alcançados, e reconhecido pela banca examinadora do meu trabalho.

Enfim, chegou um dos dias mais importantes para mim, no processo de caminhada para retornar a ser professor de ensino superior, o mestrado naquele momento reforçava minha condição na disputa por uma vaga nos concursos que apareciam. A defesa aconteceu em 21 de fevereiro de 1995, faltando um mês para

finalização do prazo final, visto que eu já havia feito uma prorrogação permitida. Mas posso afirmar com segurança, e atestado pelas intervenções dos membros que compunham a banca, que mais do que prazeroso ter enfrentado o desafio de mergulhar nas entranhas da Guerrilha do Araguaia, serviu também para mim como um estímulo a mais para seguir adiante no meu objetivo. Minha dissertação, “*A esquerda em armas: História da Guerrilha do Araguaia (1972-1975)*”, foi avaliada com a nota máxima, dez (10). Naquela época a avaliação ainda era feita por notas, e obter a nota máxima, mesmo diante da dúvida gestada quando durante a qualificação, e em meio a tantas dificuldades, foi para mim um dos momentos mais emocionantes de minha vida. Sendo assistido por minha família e com o miniauditório do ICHL lotado de amigos e amigas. Além da pontuação máxima a banca orientou para a publicação do meu trabalho, principalmente pelo ineditismo, na abordagem de um fato histórico que pela primeira vez era objeto de uma pesquisa acadêmica.

O ano de 1995 me traria ainda enormes satisfações, em situações que redefiniriam minha vida e me recolocaria no caminho por mim pretendido desde quando fui para Araguaína, ser professor de ensino superior. Primeiro tentei em concurso no próprio curso de História, na UFG. Fui aprovado na média, mas a minha classificação não permitiu que naquele momento eu pudesse ingressar na universidade como docente. Mas logo depois, incentivado por um grande amigo, infelizmente falecido pouco tempo depois, Ciro Lisita, que era então coordenador do programa de pós-graduação do curso de Geografia, resolvi prestar concurso para professor substituto, para assumir uma disciplina que era ministrada por uma professora historiadora, que estava se aposentando. A disciplina era “Formação Econômica e Social”, e tinha muita relação com a história. Decidi fazer o concurso, simplificado, por ser para professor substituto, e consegui aprovação. Cinco anos depois da frustração que senti quando tive que voltar a Goiânia, alcancei o objetivo que nunca deixei de mirar, me tornei agora docente da Universidade Federal de Goiás, o berço de toda a minha formação acadêmica, intelectual e política. Não posso negar que senti muito orgulho, tanto eu quanto minha família, e comemoramos

muito por mais esse passo, embora ainda não definitivo, mas importante para que eu pudesse ampliar minha experiência, melhorar meu currículo e estar preparado para quando aparecesse outro concurso para me tornar professor efetivo.

Minha entrada como professor substituto no curso de Geografia representaria uma enorme guinada na minha formação, embora sem alterar os meus paradigmas. Evidente que os estudos históricos se constituem em importante complemento para quem é formado em Geografia, e vice-versa. O historiador não pode prescindir dos conhecimentos geográficos. São áreas que se complementam. O curso de Geografia tem algumas características que somente depois de me tornar professor dessa área eu pude compreender melhor. Sua amplitude em termos de abrangência dos estudos sobre o ecúmeno, obriga a uma necessária parceria com diversas outras áreas. Afinal, mais do que simplesmente fazer uma descrição do mundo, a Geografia navega simplesmente por todos os cantos, ambientes, formações, biomas, terrenos, fronteiras, cidades, campo, e em meio a tudo isso, as ações humanas, que tudo transformam, em processos destrutivos e construtivos. E para compreender tudo isso, serve-se de ferramentas importantes, mas difícil de ser compreendidas, e muitas vezes se confundem nas análises apressadas: suas categorias. Espaço, território, lugar, região... e suas derivações, espacialidade, territorialidade, localização, regionalização... E por aí vai.

Fui compreendendo melhor toda essa estrutura na convivência com demais colegas profissionais dessa área, que muito me auxiliaram e foram fundamentais para que eu pudesse perceber que minha permanência na Geografia dependeria do entendimento de todas essas complexidades. Eu entrei como professor substituto em abril de 1995, e logo no segundo semestre dois desafios foram colocados para mim. Sempre que fui desafiado nunca recuei, quando aquilo que se apresentava para mim significava a consolidação de um projeto.

Primeiro foi ser indicado pelos colegas do curso de Geografia para o Conselho de representantes da ADUFG (Associação dos Docentes da UFG). A minha verve

militante me levou logo depois que ingressei na universidade a me associar na entidade que nos representa, e que eu já conhecia nas parcerias firmadas nos tempos estudantis. Indicação feita, aprovada e por mim aceita. Naturalmente essa decisão implicaria três anos depois na minha participação mais efetiva no movimento docente.

O segundo desafio foi mais complexo. Na falta de professores da área recebi a incumbência de dar aulas de Geografia Humana no Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL). Fui lecionar no curso de Ciências Sociais. Esse fato foi fundamental para o meu envolvimento, em definitivo, com a Geografia e me possibilitou mergulhar a fundo no conhecimento das categorias geográficas, mas, principalmente, ter acesso à produção de dois dos mais importantes geógrafos: David Harvey e Milton Santos. E foi justamente a partir da leitura deste último que meu destino na Geografia foi selado.

Procurei fazer diferente de alguns colegas de outras áreas, que sempre se mantiveram na linha de suas formações fora da Geografia, mas que estavam no curso exatamente por causa dessa abrangência da área, e por isso são importantes na formação do geógrafo. Decidi que, embora sem abdicar da condição de historiador, eu precisava me aprofundar nos conhecimentos geográficos, até por necessidade, como foi no caso em que eu tive que dar aula de Geografia Humana. Claro que tudo isso tinha limites, eu não conseguiria jamais chegar ao grau de formação de quem está habilitado como geógrafo, até porque havia limitações nesse meu processo de conhecimento, a parte física da geografia. Que terminei por mais adiante ser forçado a tentar entender um pouco desse conhecimento, quando criei uma disciplina denominada “Geopolítica das Águas”. Mas sobre isso falarei mais adiante.

Ser escalado para ministrar aulas de Geografia Humana no curso de Ciências Sociais foi a melhor coisa que poderia ter acontecido, nesse processo de adaptação como professor substituto, e nesse desafio de me aprofundar nos conhecimentos geográficos. Para isso me nutri do que havia de melhor na produção intelectual naquele momento, meados dos anos 1990, principalmente com as leituras das obras

de Milton Santos, um dos mais destacados geógrafos brasileiros (assim como Aziz Ab'Sáber e Bertha Becker, embora esses eu tenha lido mais adiante).

Me tornei quase um especialista nas obras e no pensamento de Milton Santos. E quanto mais eu o lia, mais me deslumbrava com sua erudição, e me surpreendia com conhecimentos geográficos que até então eu não tivera ainda o prazer de desfrutar. Minha empolgação era maior porque, não bastasse a disciplina que assumi no curso de Geografia “Formação Econômico-Social” ter uma forte base marxista – o próprio nome dela representa uma categoria marxista – como a produção intelectual de Milton Santos tinha como paradigma principal o marxismo. Claro que mesclado com outras influências, principalmente francesas, como os Geógrafos Pierre George, Jacques Levi, e o filósofo Jean Paul Sartre. Embora fugindo do dogmatismo, muito comum na época, é nítido em suas obras a influência da dialética marxista, numa junção com o existencialismo sartriano. Embora também Sartre, ao final de sua vida, ter acentuado sua aproximação com o marxismo.

Fui adquirindo e lendo o que podia das obras e artigos de Milton Santos. E isso foi fundamental para um bom desempenho nas aulas de Geografia Humana do curso de Ciências Sociais, aliado ao fato de ter lidado com uma turma muito instigante, que me exigia, mas correspondia plenamente às minhas exigências quanto ao aprofundamento das leituras que eram indicadas. O que posso dizer também na disciplina Formação Econômico-Social, e aos alunos e alunas, que me coube a difícil tarefa de mudar por completo o estilo então implementado pela colega que se aposentara e que eu estava substituindo. No começo foi um pouco mais difícil, em função da rigidez que cheguei implantando, com as cobranças das leituras, diferente do formato de aulas que havia até então. Isso gerou algumas desconfiâncias e até mesmo reações de parte da turma. Mas com o tempo, dedicação e empatia, consegui colocar a maior parte da turma do meu lado. Ressalte-se que naquele momento o regime de aulas era o Seriado anual, que facilitava as relações professor-aluno/a, e possibilitava um trabalho de leituras fundamentais pelo tempo que tínhamos, podendo pedir que fosse feita leitura de livros, por inteiro, muito diferente das

condições que surgirão mais adiante, com o regime semestral de créditos. Creio que a Universidade perdeu em qualidade, no que se refere à graduação, com esse retorno ao sistema de crédito.

Em 1996, menos de um ano depois de entrar na universidade como professor substituto, apareceu a ansiosamente aguardada oportunidade. O curso de Geografia, que então fazia parte do Instituto onde funcionava também o curso de Química, conhecido como IQG, abriu o concurso para a vaga que eu estava como substituto. Era esperado que eu fosse o candidato natural à vaga, por já estar atuando no curso e na disciplina. Além do que o conteúdo mesclava os conhecimentos históricos e geográficos. Na primeira fase apareceram três candidatos concorrentes, sendo que somente dois apareceram. Ainda era uma época em que a formação na pós-graduação estava em ritmo lento, o que tornava os concursos ainda pouco disputados. Na segunda fase, restou somente eu e mais um, formado em sociologia. Houve mais uma desistência. Ou seja, desta vez tudo conspirava a meu favor. E assim aconteceu, fui aprovado para professor efetivo na UFG, em janeiro de 1996. Dessa forma concretizei o meu objetivo, de, em definitivo, ser professor na Universidade Federal de Goiás.

Meu objetivo se realizara, por caminhos que nem sempre são aqueles que escolhemos, mas os que nos garante oportunidade de enfrentarmos os desafios. Formei-me em história e me tornava agora professor em um curso de Geografia, mas com atuação em disciplinas cujas ementas apontavam para a necessária transversalidade e interdisciplinaridade, juntando Geografia, História, Filosofia, Sociologia e Ciências Políticas. Tudo aquilo que me interessei desde quando era estudante e me guiei pelo paradigma do materialismo histórico e pelo método dialético.

Meu destino estava traçado a partir do momento em que fui empossado como professor efetivo da UFG, cabia a mim conduzi-lo da forma mais adequada possível, sem me acomodar e buscando seguir adiante no meu processo formativo. O doutorado ainda se apresentava para mim como um sonho distante, mas que com o

passar do tempo foi se tornando urgente e necessário, pelas mudanças que vão afetar o ensino superior, e principalmente as nossas carreiras nas universidades públicas. Naquele momento, no entanto, importava comemorar aquele feito, aproveitar com minha família e conseguir algo que almejávamos, mas esperávamos primeiro a estabilidade no emprego para concretizar: ter mais um filho. O desejo de ter uma filha se tornava agora mais próximo. Iago já estava com três anos, uma distância ideal entre filhos.

- 1997: dois partos e uma parte de mim que faltava⁹

O ano de 1997 foi especial para mim, no dia 05 de março nasceu Ana Carolina. Claro que quatro anos antes, com a chegada do meu primeiro filho, posso também dizer a mesma coisa. Mas dessa vez era diferente. Porque também naquele ano eu via chegar ao ápice um projeto que me consumiu, positivamente, por cinco anos, e ao qual até hoje mantenho forte vínculo. Ali eu pude realizar esse sonho, fruto desse trabalho: publicar o meu livro, o primeiro, baseado nas pesquisas que desenvolvi em meu mestrado, sobre a Guerrilha do Araguaia. Seria também o primeiro livro, a partir de uma pesquisa acadêmica, sobre o tema.

Sempre se diz que a publicação de um livro é como a espera de um filho. Claro, sem as dores do parto, pois essas somente as mulheres possuem tal privilégio. Pois naquele ano, se encerrava todo um processo de adequação do livro e de revisão final, e ao mesmo tempo eu via crescer no útero de minha companheira, em outro parto, uma figurinha que transformaria aquele ano e os próximos dez que teríamos pela frente. Quiséríamos nós poder dizer hoje que essa alegria se daria pelo resto de nossas vidas.

⁹ <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2011/03/1997-dois-partos-e-uma-parte-de-mim-que.html>

A previsão de seu nascimento era para a primeira semana de março. Torcíamos, principalmente sua mãe, para que coincidisse com o dia em que se comemora a luta das mulheres por sua emancipação, o 8 de março. Envolvida nesse movimento, e vindo a se constituir em uma liderança, essa era uma expectativa que, se não angustiava a Celma, era suficiente para criar certa ansiedade. Mas, e não se pode dizer infelizmente, pois que não se pode forçar tal coincidência, o dia escolhido foi o 5 de março.

Nascia, assim, Ana Carolina Oliveira Campos, nossa pequena Carol. Perceberíamos depois, que a diferença de três dias evitou certo simbolismo, mas não deixou de marcar nossa pequena com o jeito de quem compreendia ser esse mundo diferente para as mulheres.

Esses últimos parágrafos fazem parte de um artigo publicado no Blog Gramática do Mundo, e antes dele no livro “Depois que você Partiu”, cujo título repito acima. Ele retrata a satisfação, alegria e motivação que me envolveram naquele ano. Empolgado e impetuoso, fui me envolvendo nas atividades do movimento docente, atuando no Conselho de Representantes da Adufg. Até que no ano seguinte fui convidado, e aceitei, naturalmente, para compor uma chapa que concorreria à direção da entidade, na condição de vice-presidente. No ano seguinte, após a eleição da Associação Nacional dos Docentes, o presidente assumiu a condição de tesoureiro daquela entidade nacional, e me coube a tarefa de concluir o mandato como presidente. A gestão foi marcada por uma intensa luta, com uma greve que durou meses, contra o desmonte das universidades, colocado em prática por uma política perversa para as instituições de ensino superior, durante o governo de Fernando Henrique Cardoso, e do ministro da Educação, Paulo Renato. Foram dias terríveis para as universidades, e não restou alternativa, senão a luta e a greve. Ao final, um impasse, que resultaria numa divisão do movimento docente anos depois.

O governo FHC já havia demonstrado uma forte intransigência durante meses de greve dos petroleiros. A conjuntura apontava para o governo que o momento era de privatizar, fragmentar e enfraquecer algumas instituições, notadamente aquelas

que historicamente as lutas populares se encarregaram de defender. As universidades públicas estavam no centro disso. E precisávamos reagir. Mas a conjuntura favorecia essas medidas denominadas já desde aquele momento de neoliberais. Vivíamos a empolgação midiática com a globalização, a desregulamentação dos mercados (o que veio a enfraquecer as políticas protecionistas) e o ataque à educação pública gratuita. Nossa luta freou esse ímpeto, mas não a ponto de obtermos vitória considerável.

Vendo que nossa greve estava coesa, e o movimento se espalhara por praticamente todas as universidades, o governo apresentou uma proposta de gratificação, que ficou conhecida como Gratificação de Estímulo à Docência (GED). O problema, que gerou uma divisão no movimento, era a condição para implementação dessa gratificação. Além de focar em questões como produtividade e quantidade de horas aulas em sala, não era incorporada ao salário, podendo a qualquer momento ser retirada, embora o valor acrescido ao nosso salário, fosse razoável. Ainda assim uma parte do movimento resolveu aceitar a proposta, em função do tempo em que estávamos paralisados. Isso gerou uma forte divergência, pois houve segmentos do movimento docente que, por prática, não cedem nas negociações, e insistiram em manter a pauta de reivindicações. Mas o cansaço no meio da categoria falou mais forte, e o movimento se esvaziou, levando as assembleias a aceitarem a proposta. Não podemos dizer que saímos derrotados, mas obviamente não era o que pretendíamos. Isso, no entanto, causou uma divisão no movimento docente, que levaria alguns anos depois ao surgimento de outra entidade, uma Federação, em âmbito nacional, e a transformação de muitas associações de docentes em Sindicatos locais. Eu me posicionei deste lado.

Em 2001 veio um outro desafio, mas esse seria abortado em função de situações de saúde de meu pai. Eu havia preparado um pré-projeto de doutorado, com uma temática que me instigava. Entendia que havia uma inversão na compreensão do processo de ocupação do território goiano, sempre mostrado com mais ênfase na relação com a mineração. Mas, minhas análises me levavam para o entendimento que a mineração, nas condições dadas, fora uma atividade predatória,

que formava vila no período de auge, mas que as esvaziava no processo de decadência, decorrente da atividade exploratória acelerada. Ademais as riquezas exploradas, principalmente o ouro, era direcionado principalmente para São Paulo, e uma parte, naturalmente, seguia para a metrópole colonizadora, na conhecida cobrança, depois contestada, do quinto, imposto pelo qual a coroa portuguesa usurpava parte do ouro extraído no Brasil, em especial nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

Esgotado o período aurífero as pequenas vilas e cidades goianas tiveram que se reinventar, e o que ficou, por muito tempo, foi a criação de gado, iniciada justamente no período do auge da exploração do ouro. As boiadas desciam do Piauí, em direção à Bahia, onde no entroncamento que depois se tornou uma das maiores cidades baianas, Feira de Santana, eram negociadas e trazidas para o cerrado goiano, para abastecer as minas. Outros caminhos vinham pelo Sul até o Sudeste, entrando por Minas Gerais até Goiás. Traziam aquilo que Darcy Ribeiro chamava de mercadoria que se autotransportava.¹⁰

Empolgado com essa temática, elaborei um pré-projeto e marquei contato com o professor Antônio Carlos Robert de Moraes, que tinha publicado um livro utilizado em minhas disciplinas.¹¹ Fui muito bem recebido por ele quando fui à São Paulo, na USP, para conversar sobre a possibilidade dele me orientar em um doutorado. Eu estava decidido a fazer a pós-graduação naquele momento, ali onde tínhamos um dos cursos de Geografia mais destacados no Brasil. A conversa foi muito interessante, e ele me pediu que eu adequasse o projeto à linha de pesquisa que ele estava trabalhando. Eu precisaria refazer meu pré-projeto, sem, contudo, sair muito da essência do que eu pretendia e tinha apresentado a ele. Retornei com essa determinação, de assim fazer, na verdade preparar outro projeto. Eu estava animado e decidido. Mas nem tudo sai conforme desejamos. O acaso, ou o destino, seguia a me contrariar, e em algumas circunstâncias não temos como lutar contra isso.

¹⁰ RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹¹ MORAES, Antonio Carlos Robert. *Bases da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no "longo" século XVI*. São Paulo: Hucitec, 2000.

Já de algum tempo meu pai vinha lutando contra um câncer. Algo que começou aparentemente como inofensivo, um pequeno nódulo identificado na altura de um dos pulmões. Ele decidiu fazer uma cirurgia para retirar esse nódulo, após orientação médica, mas optou por fazê-la com outro médico que não o indicado para tal inicialmente. Infelizmente, anos depois descobrimos que essa cirurgia foi uma fraude, o nódulo não fora retirado, embora isso não tenha sido informado. Desde 2000 o problema se agravou, quando se descobriu esse erro médico e se observou que o nódulo havia aumentado, era cancerígeno. Isso veio gradativamente a agravar a saúde dele. Morávamos no mesmo imóvel, ele e minha mãe na casa da frente e nós no barracão que construímos no fundo do mesmo lote. Passamos a conviver por todo o primeiro semestre de 2001 entre idas e vindas de hospitais, e sendo necessário dedicar uma atenção especial a ele. Embora tivéssemos uma rotatividade entre os irmãos para esses acompanhamentos, o fato de morarmos juntos impunha a mim uma preocupação maior e as corridas emergenciais aos prontos socorros. Ficou muito difícil focar no meu doutorado naquela circunstância, a saúde de meu pai se tornou prioridade.

Em junho daquele ano, meu velho não resistiu, após quase um mês de internação. Eu estava ao seu lado, quando sua resistência foi minando aos poucos e ele foi levado para uma UTI, de onde 24 horas depois se soube que ele falecera, aos 79 anos de idade, por falência múltipla dos órgãos causada por uma metástase. Já sabíamos de antemão da dificuldade de ele superar essa doença terrível, que se tornou terminal pela metástase identificada meses antes. Meu pai faleceu no dia 24 de junho de 2001, e enquanto estávamos em seu velório, recebemos a notícia da morte de outro baiano, geógrafo, que me inspirava na Geografia, e que pouco tempo antes eu estivera com ele num evento denominado “Cidadão do Mundo. O mundo do cidadão”, na USP: Milton Santos.

Dias depois, ainda abatido com a perda de meu pai, e triste também pela morte de Milton Santos, escrevi um artigo, que foi primeiramente publicado no *Jornal*

Opção,¹² de Goiânia, e depois pelo Jornal A Tarde, de Salvador.¹³ Anos depois, quando criei meu Blog Gramática do Mundo, reproduzi esse artigo, e o repeti em outros anos para lembrar-nos sempre deles.¹⁴ Nesse artigo eu traçava um paralelo entre esses dois baianos que me inspiraram de maneiras diferentes.

As dificuldades do antes, com a enfermidade de meu pai, e depois com seu falecimento e tendo que lidar com uma realidade que nos impunha também o cuidado com minha mãe, que seguia morando conosco, me fez adiar o projeto de doutorado. As novas circunstâncias que viriam, dificultariam que eu me dedicasse a isso no tempo que eu imaginara.

Pouco tempo depois assumi a cotutória, e depois a tutoria do Grupo PET do curso de Geografia, substituindo a professora Celene Barreira, que assumiu a direção de nossa unidade. Já estávamos no começo do século XXI, mas as dificuldades eram as mesmas do século que se encerrara, o que demandava muita luta de nossa parte. E assim não foi diferente em relação ao esforço para manter os grupos PET, que tinha a denominação de Programa Especial de Treinamento. Sob a direção de um tutor, esses grupos são compostos de doze estudantes em um determinado curso, que recebem bolsas até o final da graduação. Os obstáculos, no entanto, eram muitos, no âmbito do Ministério da Educação e Cultura, para manter a regularidade dos recursos para os programas, bem como o repasse regular das bolsas. Quando assumi a tutoria do PET as bolsas haviam sido suspensas, e passamos a participar de uma luta nacional desses grupos, pela garantia do pagamento das bolsas, mas também para evitar que ele fosse extinto, visto que era esse o objetivo de setores do Ministério.

Devido ao envolvimento de nosso grupo PET Geografia UFG, nessa luta, ganhamos destaque pela nossa presença constante em Brasília, e fui eleito para compor a entidade nacional criada para aglutinar esses grupos e evitar que o programa foi extinto. Participei, então, da Comissão Executiva Nacional dos Grupos PET (CENAPET 2001-2002), e conseguimos uma visibilidade inédita, durante a 54^a

¹² CAMPOS FILHO, R. P. . Para sempre na memória. Jornal OPÇÃO, Goiânia - GO, p. B-1 - B-2, 14 jul. 2001

¹³ CAMPOS FILHO, R. P. . Milton Santos - Cidadão do mundo, filósofo da geografia. Jornal A TARDE, Salvador - BA, 25 ago. 2001.

¹⁴ <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2019/06/para-sempre-na-lembanca-relembrancas.html>

Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, que aconteceu no Campus da UFG em julho de 2002. Entendíamos que sermos inseridos na SBPC seria um enorme fator de fortalecimento de nossa luta. Assim, montamos uma grande estrutura dentro do ambiente onde se desenrolava o evento. Embora tivéssemos construído uma estrutura paralela, assim como uma programação própria para o nosso ENAPET, conseguimos nos destacar em meio às demais atividades da SBPC. Isso nos fortaleceu, de forma que fomos aceitos na Assembleia daquela reunião, e nos deu também mais moral para a luta que travávamos em nível nacional, na verdade em Brasília, para manter o programa vivo.

Ao final conseguimos mudanças substanciais que fortaleceram o PET. Inicialmente houve resistência, por parte do então ministro Cristóvão Buarque, que equivocadamente considerava o programa elitista. Mas depois, com sua saída do MEC ficou mais fácil dialogar e discutir o novo formato, consolidado, do programa, que passou a ter uma outra denominação, embora com a mesma sigla: Programa de Educação Tutorial (PET). Estruturado a partir das Pró-reitorias de Graduação, e com os repasses de bolsas normalizados. Infelizmente, nos últimos anos tem havido dificuldades para expandir o programa, mas nossa luta foi reconhecidamente vitoriosa, com a sua manutenção e regularização dos repasses de bolsas aos petianos e petianas.

Em 2002 assumi a Secretaria Regional da SBPC-Goiás, devido ao trabalho que eu tinha desenvolvido à frente da Adufg, e também pelo protagonismo exercido na luta pela existência definitiva dos grupos PET. Dentre as atividades destacadas durante o meu mandato, além daquelas que já vinham em curso, como o Fórum de Ciência e Tecnologia do Cerrado, intensificamos a luta em defesa da criação da Fundação de Amparo à Pesquisa (Fapego), que já se desenvolvia também, com o apoio da ADUFG e outras entidades. A SBPC-GO e a ADUFG foram entidades pioneiras nessa luta pela criação de uma fundação de fomento à pesquisa em Goiás, conquista que se concretizaria alguns anos depois.

Como consequência dessas atividades e exposição nas lutas, fui convidado pela então secretária de Ciência e Tecnologia, Denise Carvalho, com quem participei de diversas lutas no movimento estudantil e me tornei depois seu chefe de gabinete na Assembleia Legislativa, para assumir uma das superintendências. Justamente a que lidava com o fomento às pesquisas. Aceitei mais esse desafio, e pela primeira vez assumiria um cargo fora das minhas atribuições diretas na universidade. Assumi a Superintendência de Fomento e Apoio à Pesquisa, mas com o compromisso firmado com os colegas que estavam comigo à frente da SBPC, pois eu teria que renunciar, e na Secretaria manter a luta pela criação da FAPEGO. E isso foi feito, até porque já fazia parte também das reivindicações da própria secretária, desde quando ela era deputada estadual.

Montamos uma equipe de trabalho que se mostrou competente para os desafios que se apresentavam, e fomos tornando essa superintendência naquela com maior grau de efetividade e de projetos, sem desmerecer as demais. Mas era natural que assim o fosse, pela própria natureza dessa superintendência. O que soubemos foi implementar projetos e estimular pesquisas que pudessem ser financiadas, pelos menos em bolsas, com o apoio do CNPq. Ao mesmo tempo desenvolvemos um projeto de apoio tecnológico, por meio de recursos advindos de financiamentos da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), uma empresa que tem como objetivo o desenvolvimento econômico e social do Brasil por meio do fomento público à Ciência, Tecnologia e Inovação em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas.

Já existia um projeto iniciado na gestão anterior da SecTec-Go, que beneficiava produtores envolvidos na cadeia produtiva de grãos, aves e suínos, em Rio Verde, que tinha na ponta a Perdigão, e como instituição responsável pela parte científica e pesquisas a então Faculdade de Ensino Superior de Rio Verde, a FESURV, hoje uma universidade, UNIRV. Essa Plataforma serviu como inspiração para outras iniciativas, que procuramos aliar a outro programa que trouxemos para

Goiás, de resultados positivos em outros estados como no Ceará, que foi o Programa de Agropolos.

A ideia era por meio da divisão econômica regional do estado de Goiás, identificarmos nelas, e em seus municípios, a sua capacidade produtiva com base naquilo que era possível transformar com apoio estatal, e fortalecer a indústria dentro do que descobríssemos como algo potencial neste ou naquele município, a fim de desenvolver a economia local em toda sua cadeia produtiva.

Era um desafio enorme, porque implicava em envolver gestores públicos, empresas e instituições de pesquisa. Não tivemos tempo de avançar muito nesse projeto, porque um ano e meio depois que eu havia assumido a superintendência, resolvi me afastar, por divergências pontuais na forma como a superintendência se via, por vezes, bloqueadas em algumas iniciativas. No entanto, ficamos tempo suficiente para vermos se desenvolver pelo menos uma dessas iniciativas, a Plataforma de Leite, que surgiu a partir da identificação do potencial existente na microrregião do oeste goiano. Firmou-se então as parcerias entre diversos municípios, com as ações centralizadas em São Luís dos Montes Belos, criando assim a APL de Lácteo (Arranjo Produtivo Local), com a presença de 15 municípios.¹⁵ Nossa superintendência deu início ao processo, que foi desenvolvido pela Seplan-Go nos anos seguintes, se caracterizando de forma definitiva, englobando pequenos e médios produtores de leite – que até então se viam isolados e desprotegidos em suas relações com atravessadores –, outros órgãos públicos e privados, e a Universidade Estadual de Goiás.¹⁶

Apesar de satisfeito com o desempenho que tivemos à frente da Superintendência de Apoio e Fomento à Pesquisa, bem como ao fortalecimento de nossa luta pela criação da FAPEGO, resolvi me afastar da Secretaria e retornar às atividades na Universidade em 2004. Mas eu continuei ministrando minhas disciplinas, no tempo em que estive na SecTec-Go, no período noturno. Embora

¹⁵ <https://periodicos.unb.br/index.php/rp3/article/download/12452/10877/>

¹⁶ <http://www.sgc.goias.gov.br/upload/arquivos/2012-03/apl-lacteo-da-microrregiao-de-sao-luis-de-montes-belos.pdf> Acesso em 30.06.2022

não precisasse, porque eu estava à disposição do Estado, solicitei à coordenação do meu curso e à direção que me fosse dado a condução de uma turma no período noturno, e assim foi feito. Por nenhum momento me desliguei por completo da sala de aula, reforçando o meu sentimento inicial de desejar ser professor, sempre.

- O retorno ao Sindicato, e na saída uma tragédia que abalou minha vida

Retornei às minhas atividades normais na Universidade, mantendo minha característica impulsiva de estar presente nos movimentos sociais e nas atividades desenvolvidas pelo nosso Sindicato, naquele momento ainda uma Associação de Docentes. Em 2005, em função dessa minha presença permanente na luta, aliado ao histórico de participação na SBPC e na SecTec, fui chamado para ser candidato a presidente nas eleições daquele ano na ADUFG. Fiz parte da composição de uma chapa ampla, num momento em que revíamos o papel do movimento docente, compreendendo a necessidade de estabelecer uma relação amistosa, e diversa, visto que a universidade é um ambiente de muitas concepções, e de colegas com olhares e visões diferentes. E assim fomos eleitos, formando uma diretoria marcada por essa diversidade de escolhas políticas e ideológicas. Como vice-presidente na mesma chapa, por exemplo, concorreu ao meu lado o professor da Escola de Veterinária, Peter Fischer (falecido em 2020), com quem sempre tive divergências e posições até mesmo antagônicas no espectro ideológico desde o movimento estudantil, quando ele já era professor. Mas era fundamental construirmos um novo movimento docente, que não se limitasse a um radicalismo estéril, e entendesse a universidade com essa dimensão ampla e contraditória.

O respeito falou mais forte na gestão que desenvolvemos por dois anos, entre 2005 e 2007. Conseguimos realizar um trabalho focado no interesse docente, e deixarmos que nas instâncias decisórias, fora da diretoria, as questões polêmicas e divergências fossem tratadas, com debate e decisão da maioria. Mantivemos uma

sequência de trabalho já em curso pelas diretorias que nos antecederam, sendo que a nossa estava mais marcada em sua composição por essa diversidade ideológica. Evitamos direcionar a nossa categoria para o caminho das greves, já desgastado naqueles anos, e buscamos um protagonismo propositivo. Por isso rompíamos com o sindicato nacional, a Andes, procurávamos outro rumo para nossas lutas. Seguimos o movimento de renovação em nossa organização nacional e fortalecemos a criação de uma Federação, abrindo mais o caminho para que adiante nossa associação local se transformasse em sindicato. Naquele momento nos coube romper financeiramente com a Andes e nos desligarmos de suas atividades. Sabíamos que nossas conquistas dependeriam, pela conjuntura, de muito mais articulação e negociação, do que de embates muitas vezes estéreis, simplesmente focado em divergências ideológicas com os governos.

No âmbito local, além da ampliação de nossos espaços de convivências, mantivemos uma atividade que movimentava toda a universidade, e estabelecia uma importante relação com a sociedade: A Mostra Multicultural Milton Santos. Levando o nome do geógrafo que nos inspirava, um dos intelectuais de maior destaque naqueles anos, a Mostra conseguia estabelecer uma forte interação entre universidade e sociedade, e tinha sido idealizada nas gestões anteriores. Em 2006 resolvemos lançar uma revista da Adufg e enviamos nossa jornalista à São Paulo para entrevistá-lo, numa matéria de capa que se tornou icônica, com as tradicionais frases fortes e bem objetivas de Milton Santos. Ao mesmo tempo, trouxemos para a Mostra outro intelectual renomado, também da área da Geografia, Aziz Ab'Sáber. A atividade foi um sucesso, lotou um auditório no Instituto de Ciências Biológicas, sendo preciso inserir um telão do lado externo em função do interesse despertado pela temática e pelo carisma dele: A natureza em fúria. Prazer maior eu tive de conhecer e poder estar dirigindo a mesa em que Aziz fez a palestra.

Ainda no primeiro semestre de 2007 tomamos uma iniciativa que foi fundamental para o reencontro de uma geração de jovens, agora já mais velhos, naturalmente, que na década de 1980 atuaram ativamente no movimento estudantil.

Naquela época nos organizávamos em tendências no movimento estudantil, tanto a nossa força política, denominada “Viração”,¹⁷ quanto aqueles que disputavam conosco a direção das entidades. Eram embates políticos, em alguns casos radicalizados, mas na maioria das vezes mantínhamos boas relações, com eventuais exceções.

Apesar de muitos se mudarem de Goiânia, ou terem se afastado da militância política, ainda mantínhamos vários contatos, mas a maioria ainda se encontrava, seja por mantermos as afinidades políticas, ou por continuarmos sendo amigos e amigas de alguma forma. A perda de um desses companheiros, Gilson Bueno, e o reencontro com muita gente que esteve juntos na luta por mais de uma década, em seu sepultamento, despertou esse desejo de marcar um encontro onde pudéssemos reunir homens e mulheres, que no auge de sua juventudes travaram batalhas importantes na luta por democracia e na defesa da educação superior, pública e gratuita.

Criamos uma coordenação, da qual eu fiz parte, juntamente com Anselmo Pessoa, Geovana Reis, Orlando Lisita e sua companheira Verbena Lisita, Horário Santos, Isalice Salgado, Carlos Henrique, Francisco Messias e Héder Murari. Denominamos o que seria uma festa de “Reencontro de uma geração”,¹⁸ e assim o fizemos num clube de Goiânia, a AABB. Mas resolvemos que convidaríamos não somente os “viracionistas”, como também outros amigos e amigas que faziam parte de outras correntes do movimento estudantil que também estiveram na luta naquele período, e com quem mantínhamos boas relações. Além de professores e professoras que foram testemunhas de nosso protagonismo e muito nos ajudaram.¹⁹

A festa foi um sucesso imenso com a presença de mais de trezentas pessoas, o clima foi de alegria e de nostalgia. O sucesso fez com que mais dois encontros

¹⁷ No Blog Gramática do Mundo postei um artigo, que originalmente foi publicado na Revista UFG Afirmativa, em 2009, resgatando um pouco de nossa história no movimento estudantil:

<https://gramaticadomundo.blogspot.com/2011/07/anos-1980-o-renascimento-do-movimento.html>

¹⁸ No livro “Depois que você partiu”, dedicado à minha filha, que faleceu naquele ano, publiquei uma crônica sobre esse reencontro, que depois foi publicado no meu Blog Gramática do Mundo:

<https://gramaticadomundo.blogspot.com/2015/05/o-reencontro-de-uma-geracao.html>

¹⁹ No meu canal do Youtube publiquei o vídeo-documentário, produzido pela coordenação do evento, sob a direção de Francisco Messias: <https://www.youtube.com/watch?v=l3ITPHcOIu0>

fossem realizados, em 2009 e em 2011. Firmávamos, assim, nossos vínculos de amizades. Mas ao longo desses outros anos, lamentavelmente, tivemos outras perdas, dentre elas a colega Verbena Lisita, que tinha participado conosco da organização da primeira festa, e que faleceria ainda em agosto de 2007. No mesmo ano, em dezembro faleceu minha filha, Ana Carolina, que participou conosco alegremente da festa, como tantos filhos e filhas de outros colegas. Em um mesmo ano saímos da exaltação da amizade, e da alegria por isso, à tristeza por perdas importantes em nossas vidas. E entre festas e velórios, entre alegrias e tristezas, fomos fortalecendo nossas amizades.

Estar à frente da Adufg até aquele ano representou o auge da minha participação no movimento docente. Fizemos uma ótima gestão, e o reconhecimento veio na sucessão, quando conseguimos manter o mesmo rumo na condução de nossa entidade. Mas o encerramento de minha gestão viria acompanhada de dias turbulentos em minha vida, na vida de minha família.

No meio do ano, mês de julho, logo após eu ter entregado a direção da Adufg, minha filha, então com 10 anos, foi acometida por uma infecção não determinada, o que nos levou a interná-la por mais de uma semana. O diagnóstico de uma virose, se mostrou depois equivocado, provavelmente por receio do médico em assumir a indicação de uma doença mais grave. Embora os exames também indicassem para uma infecção por virose. Que terminou sendo controlada, até que em outubro, após três meses de acompanhamento, o médico deu alta, considerando a melhora dela com os exames tendo apresentado resultados normais. Isso se demonstrou um equívoco, e o quadro dela voltou a ficar instável no final de novembro daquele ano, até ser novamente internada no começo de dezembro, após um périplo por diversos médicos de especialidades diferentes. O relato que farei nos parágrafos seguintes, para narrar os dias mais difíceis de minha vida, é uma forma resumida do que está publicado no meu blog Gramática do Mundo, e no livro “Depois que você partiu”, crônicas que escrevi sobre ela, Ana Carolina de Oliveira Campos, minha querida e

inesquecível filha, falecida em 13 de dezembro de 2007. Escrever sobre isso é sempre muito doloroso.²⁰

²⁰ Os parágrafos que se seguem até o final deste capítulo fizeram parte do livro que publiquei em dezembro de 2008, um ano depois da morte de minha filha. Originalmente o título dessa crônica, em sua íntegra, foi “Última internação da Carol”. O título do livro, em sua segunda edição, é: “DEPOIS QUE VOCÊ PARTIU”.

Bastava minha filha começar a tossir e a ter sua respiração alterada (ela sempre sentia isso quando adoecia) e todos nós ficávamos muito apreensivos quando esses sintomas apareciam. Principalmente depois dos dez dias que ela ficara internada, no mês de julho

Apesar dos encaminhamentos, e do tratamento que foi passado para Carol, com base na existência de um início de pneumonia, era visível o enfraquecimento de minha filha. E tornava-se mais evidente o seu quadro de enfraquecimento, palidez e cansaço. Os sintomas eram basicamente os mesmos que fizeram com que ela fosse internada meses antes.

Preocupados, já estava marcada uma consulta com uma médica nutróloga – tentávamos fazer com que Carol se alimentasse melhor do que rotineiramente fazia –, solicitei a médica que fizesse um pedido para realização de um exame de sangue, também porque eu já tomara a iniciativa de buscar um infectologista, para marcar uma consulta. Todo o receio nosso era que o quadro de julho se repetisse.

Embora tendo recebido alta do hospital, quando de sua internação em julho, ela não teve alta médica, porque o seu quadro era ainda de debilidades, e até porque o médico queria confirmar o diagnóstico a partir de um acompanhamento permanente. Com isso, continuamos a realizar, a pedido do médico, os exames de sangue completos, mês a mês. Até outubro, quando os índices sanguíneos atingiram a normalidade e só assim ela teve alta médica.

Juntei todos os exames de sangue (hemograma) que ela fizera, desde o período anterior à sua internação em julho, organizei por ordem de data em uma tabela, item a item, até o último realizado antes da consulta de dezembro (07/12/2007) e enviei-os por e-mail a alguns amigos médicos, solicitando que eles pudessem dar uma opinião sobre o que poderia estar acontecendo com minha filha. Mais uma vez começava tragicamente uma alteração em seu quadro sanguíneo, com uma queda

brusca das plaquetas e uma elevação dos leucócitos. A palidez dela se acentuava, a falta de ânimo, dificuldade de se alimentar e uma fraqueza que nos angustiava e nos deixava desesperados.

Tínhamos dificuldade em acreditar que pudesse ser leucemia, mas essa já era uma hipótese levantada mesmo que de forma cuidadosa pelos médicos, tanto pelos colegas quanto os profissionais que a acompanhava.

Começamos a acreditar nessa possibilidade quando, após a levarmos ao laboratório para uma nova bateria de exame de sangue, desta vez solicitado pelo infectologista na penúltima consulta (07/12), fomos alertados, pelo médico responsável pelo laboratório, da gravidade da situação.

O fim de semana foi angustiante, depois até nos perguntávamos se não teria sido melhor que ela já tivesse sido internada desde aquele momento. Em casa, víamos sua fragilidade aumentar, e o cansaço tornava sua respiração difícil fazendo com que constantemente tivéssemos que aplicar aerossol para amenizar a situação.

No sábado fomos realizar outro exame. Uma ultrasonografia, solicitada pelo infectologista para verificar a situação do fígado, rins e baço. Como da vez anterior, da crise provocada pelos vírus, esses órgãos já estavam ficando bastante inchados. Retornamos para casa e aguardamos para o segundo exame com o infectologista. Isso aconteceu às 13 horas da segunda-feira. Logo após olhar atentamente os exames ele nos disse que era necessário a internação imediata da Carol e acreditava não ser um problema afeito à sua especialidade. Segundo ele tratava-se um problema de origem sanguínea e que, portanto, ela devia estar sob os cuidados de um hematologista.

No mesmo momento fizemos um contato com o hematologista que a estava acompanhando desde sua última internação, acertamos a internação no Instituto Ortopédico de Goiânia (IOG), onde havia uma unidade do INGOH (Instituto Goiano de Oncologia e Hematologia). Como lá já existia uma hematologista da confiança do médico infectologista, a Carol passou então a ser acompanhada pelos dois, o que consideramos positivo apesar do hospital não ser adequado ao tratamento

de criança. Mas ela ficou internada em uma unidade do INGOH e recebeu o tratamento necessário.

A internação dela se deu na segunda-feira mesmo, portanto, ao final da tarde. Ficamos preocupados porque nosso plano de saúde só garantia o atendimento em enfermaria e ela foi encaminhada para uma que tinha como companhia duas senhoras, o que dificultava minha presença tornando necessário um sobre-esforço da Celma, visto que eu não poderia passar a noite com ela. Fiz alguns contatos, inclusive junto à direção do plano de saúde, alertando para a gravidade do quadro dela e tentando encontrar uma forma de transferi-la para um apartamento. A resposta do Plano de Saúde foi imediata e positiva. Contudo esbarramos em outra dificuldade: não havia apartamento disponível. Mas no dia seguinte, até mesmo em função do seu estado, ela foi transferida para uma sala especial do INGOH, adequada para o tratamento oncológico.

Já era terça-feira e os novos exames de sangue feitos ali mesmo comprovaram a gravidade da situação da Carol. Imediatamente ela passou a receber transfusão de sangue, sua imunidade caía assustadoramente, o cansaço aumentava e os médicos passavam a demonstrar temor com possíveis sangramentos. Ainda nesse mesmo dia eles consideraram a necessidade de ela ir para um hospital que tivesse uma Unidade de Terapia Intensiva adequada para uma criança de sua idade.

Mesmo considerando não ser urgente a transferência para a UTI, os médicos julgaram necessário buscar um hospital onde existisse esse tipo de unidade voltada para o atendimento de crianças. Iniciou-se, então, um contato com o Hospital da Criança visando uma transferência imediata. Contudo, mais um problema nos deixaria angustiado. Não havia leito disponível no Hospital da Criança, nem enfermaria, nem apartamento. Embora ainda não fosse necessário a UTI percebia-se o agravamento da situação da Carol primeiro porque a transfusão não estava recompondo as taxas sanguíneas a sua normalidade, mas já se fazia necessário o uso constante do oxigênio em função da falta de ar que ela estava sentindo.

A partir da terça-feira o quadro agravou-se mais aceleradamente, a falta de ar fez-se acompanhar por uma dor permanente que ela reclamava em seu braço direito, na altura do ombro. Provavelmente já era um dos sintomas apresentados pela doença, ainda não diagnosticada. Na quarta-feira pela manhã o médico nos comunicou que havia conseguido uma vaga em enfermaria no Hospital da Criança. Isso nos deixou mais tranquilos, embora apreensivos com a possibilidade de ela ter que ir para UTI.

Providenciamos através do plano de saúde uma ambulância para transferi-la de hospital. Mas ela precisava ainda realizar mais alguns exames, desta feita na medula óssea, para identificar se a causa mesma da sua doença era a leucemia. Essa transferência ficou para o período da tarde e isso permitiu que eu pudesse levar o Iago, seu irmão, para visitá-la. Ele ainda não tinha ido ao hospital desta vez. Ao mesmo tempo, acertamos com a médica um exame de sangue no Iago, para testar a compatibilidade da medula óssea, já tentando prevenir para a necessidade de transplante, caso desse positivo o exame de Leucemia. Enquanto ela era transferida para o Hospital da Criança eu levei o Iago para realizar o exame de compatibilidade.

Depois do exame feito fui para casa deixar o Iago para em seguida ir ao Hospital da Criança, deixar algumas coisas que era preciso transferir, objetos pessoais da Carolina. Mas quando retornei já não encontrei mais minha filha no leito do apartamento. A mãe me aguardava, sem muita ação, e com o olhar abatido me avisou que ela teve que ser transferida para a UTI, porque se agravara o quadro respiratório. Não tínhamos o que fazer, mas no peito comprimia uma dor que relutava em despontar. Brigávamos internamente entre o otimismo necessário, de quem não quer acreditar que a morte vá vitimar uma criança e o pessimismo de quem vive traumatizado por experiências negativas de UTI, e, claro, por ver uma filha nossa submetida a um tratamento médico que é visto como a última tentativa de se escapar de um quadro de intensa gravidade.

É doloroso lembrar em detalhes de cada momento de angústia que passamos, mas desde a sua entrada na UTI até o momento em que a morte a levou de nós,

vivemos as horas, minutos e segundos mais desesperadores e doloridos de nossas vidas. Porque, diferente de antes, não podíamos mais acompanhar nossa filha, o horário em UTI para visita é bastante rigoroso e não é permitido acompanhamento. Foram 24 horas de medo, angústia, tensão e desespero.

Fomos para casa naquele dia sentindo o chão abrir-se aos nossos pés. Não adiantava ficarmos no Hospital, pois não poderíamos estar ao seu lado. Foi uma longa noite em que temíamos pelo toque do telefone. Por mais que lutássemos internamente para pensarmos sempre numa superação daquela situação por parte de nossa filha, era inevitável que também pensássemos no pior.

Na manhã seguinte quando chegamos ao hospital tentamos entrar para vê-la, mas não nos foi permitido, devido à rigidez do horário de visita em UTI. A responsável pelo setor disse que somente no horário estabelecido poderíamos visitá-la. Às 12:30, e somente por meia-hora.

Não nos conformamos. Embora o boletim da noite anterior indicasse um quadro estável, precisávamos ver nossa filha. Tentamos por vários caminhos antecipar a visita. Depois de vários contatos, por diversos meios, conseguimos autorização para ver nossa pequena Carol, mas o quadro que observamos não gostaria de descrever. Falamos com ela, mas, sedada e com tubos de oxigênio, sua capacidade de nos compreender era muito pequena. Mas sentimos que ela reagia a nossa presença, tanto que nos foi solicitado evitar que ela se emocionasse, porque isso poderia fazer com que ela ficasse muito inquieta e a prejudicasse.

Descemos da UTI entristecidos e desanimados, o quadro que vimos nos indicava que nossa filha teria poucas chances de sobrevivência. Decidi não mais subir, não queria aquela imagem permanentemente em minha cabeça. Aquele foi um dos dias mais longos de minha vida. Quando um amigo médico, com o qual eu sempre trocava opinião sobre o quadro dela, voltou da UTI após vê-la e ao invés de conversar comigo encostou-se em uma coluna e ficou em silêncio fui conversar com ele. Perguntei o que ele achava da situação e a única coisa que me lembro dele ter

respondido foi que precisávamos torcer para que ela não tivesse sangramento pelo pulmão, pois ela correria o risco de afogar-se em seu próprio sangue.

Decidi, naquele momento, que deveria vê-la. Fiz isso, juntamente com a Celma ao cair da noite. Passava das 19 horas quando subimos à UTI para aquele que seria o último contato com nossa filha em vida. Já sabíamos, então, que sua doença era mesmo a Leucemia, de um tipo raro. O diagnóstico chegara até nós no meio da tarde, pela confirmação do laboratório. Na mesma tarde ficamos sabendo que o exame de compatibilidade do sangue do Iago deu negativo. Nesses casos, embora o irmão seja o que tem maior probabilidade, o percentual é de em torno de 25% de que isso ocorra. Os médicos já tinham nos explicado quais seriam os procedimentos: primeiro, a Carol teria que sair da UTI, em seguida seria preciso uma recomposição de seus níveis sanguíneos, para depois iniciar um tratamento quimioterápico e nos dedicarmos à busca de um doador compatível de medula para proceder a um transplante. Após essa fase, havendo o transplante, atenção necessária para saber se haveria ou não rejeição. E o acompanhamento para o resto da vida.

Vimos nossa filha com vida pela última vez às 19:30 do dia 13 de dezembro. Descemos abatidos e fomos convencidos pelos colegas de que nada adiantaria ficarmos ali, que deveríamos ir para casa descansarmos. Concordamos e chegamos em casa ainda com a imagem de sofrimento da Carol na UTI. Mais tarde, por volta das 23 horas, imediatamente após eu haver terminado de jantar – a Celma estava na Igreja participando de uma novena dedicada à Carol, a pedido da nossa vizinha Eunice – chegaram uma amiga, médica, que sempre nos ajudava a entender os exames, e um amigo de longas datas. Eles se encarregaram de nos transmitir uma notícia que nenhum amigo gostaria de dar a outro. Nossa filha não resistira e se foi tendo como causa de óbito insuficiência respiratória. Não sei dizer como me senti. Não sei o que aconteceu à minha volta. Só sei que um pedaço de meu corpo foi dilacerado. Uma filha se foi diante da impotência de seus pais. Não tínhamos como salvá-la, mas eu daria minha vida para isso.

No dia 13 de dezembro de 2007 perdemos um pedaço de nós mesmos. Carolina se fora em vida, e nossas vidas jamais seriam como antes. Não tenho como evitar fazer esse relato minucioso, embora no artigo que publiquei no livro “Depois que você partiu” esteja mais completo, porque esse momento trágico, da perda de uma filha com dez anos de idade, iria impactar muito os dias, meses e anos seguintes. Todo aquele ímpeto que marcou minha vida, por anos e décadas, se reduziu às lágrimas, tristezas, lamentos e... depressão. Por doze meses, sem faltar uma vez sequer, reservávamos os dias treze para visitar a sepultura da nossa filha. Eu me prometera isso, e minha esposa também.

Por esse tempo, e aconselhado por amigos e amigas, procurei o apoio da psicanálise, a fim de evitar que me afundasse mais na tristeza e a depressão se tornasse crônica. Foi um caminho necessário, e ainda bem que segui nessa direção, pois foi assim que compreendi que minhas angústias só acabariam quando eu conseguisse perceber não mais a ausência de minha filha, mas a sua permanente presença ao nosso lado, pelas lembranças e pelo sentimento do tanto que foi importante tê-la conosco por dez anos. Além da terapia, eu tomei outra decisão, a cada mês eu escreveria uma crônica sobre ela, e prometi que isso seria publicado em um livro ao final de 2008, quando se completasse um ano de sua morte. E assim foi feito.

Superar essa perda, ainda que com a terapia, não foi fácil. Além de escrever sobre ela e da publicação do livro, foi muito importante para mim a força para prosseguir em minhas atividades docentes. Dar aulas e manter contato com meus alunos e alunas completava a minha terapia, e assim, aqueles corredores da unidade em que eu trabalhava, por onde muitas vezes Carol corria e usava os quadros negros para desenhar, quando eu a levava para ali a pedido dela, foram reforçando um sentimento que mesclou essas saudades com o burburinho das vozes que por ali se espalhavam. A rotina de deixar o Iago no Colégio de Aplicação da UFG (CEPAE) e

seguir para lá, seguia um ritual, visto que os horários eram diferentes. Eu estacionava no Instituto de Ciências Biológicas, onde deixava meu carro, e ali, fechado em minhas emoções, eu chorava compulsivamente. Depois disso, como que aliviado depois do choro, eu me dirigia para a aula.

Foram dois anos de dificuldades em lidar com outras atividades que não a sala de aula. Com a mudança para outro prédio, com a construção de uma ambiente próprio para nosso Instituto, agora de Estudos Socioambientais, recebi o convite para coordenar um curso de extensão, de projetos socioculturais. Eu já tinha coordenado outro curso de extensão, tempos antes, e este terminou por vir em um momento importante, porque ampliava o meu envolvimento para além das aulas de graduação. Em 2009 fui convidado para mais uma vez me tornar secretário regional da SBPC. Ainda debilitado psicologicamente, compreendi que também aquela atividade seria importante para que eu pudesse ter um envolvimento maior e fosse, pouco a pouco, superando a minha depressão.

Por outro lado, é claro que uma situação dessas deixa qualquer casal abalado, embora procurássemos de todas as maneiras fazer com que as saudades de Carolina nos unissem, enfrentávamos de formas diferentes aqueles momentos. Celma, que tinha se formado em Geografia na PUC Goiás, procurou se envolver em uma atividade que tivesse relação com a Carol. Por diversas vezes tínhamos ouvido nossa filha demonstrar o desejo de ser design de modas. Ela gostava de ficar fazendo desenhos de roupas, e até pediu ao padrinho, como presente de aniversário, um manequim desses usados em lojas, para poder vesti-lo e combinar as roupas. A partir dessas lembranças Celma reuniu um grupo de mulheres, pessoas amigas da comunidade do bairro onde sempre moramos, o Conjunto Caiçara, e criou um Núcleo de Bordadeiras, vinculado inicialmente ao Centro Popular da Mulher, em agosto de 2008.

Esse núcleo se tornou então o embrião do que viria a ser primeiro o Instituto Ana Carol, e depois a Cooperativa de Bordadeiras do Cerrado Goiano – Bordana (o nome é a junção de Bordado e Ana). Procuramos apoio no Sebrae, na Universidade

Federal de Goiás, na Adufg e tivemos além dessas parcerias, o apadrinhamento do então Senador Marconi Perillo, de quem eu tinha sido auxiliar na Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, mas que eu o conhecia desde os tempos do movimento estudantil. Esses apoios foram fundamentais para consolidar o projeto e até mesmo recuperar um espaço na antiga Associação de Moradores, e ali construir uma sede, mesmo que provisória, com os recursos que conseguimos, fortalecendo também a Associação de Moradores.

Hoje a BORDANA se consolidou como uma cooperativa de produção do bordado tradicional, com reconhecimento nacional, cujo projeto foi premiado diversas vezes e com visibilidade em muitos meios de comunicação. Como todas as pequenas cooperativas, enfrenta as dificuldades naturais, mas a resiliência de Celma e daquelas bordadeiras, amigas, que estão desde o começo desse projeto, com certeza os desafios que virão serão sempre enfrentados e superados. Ali, naquela iniciativa que também se tornou uma espécie de catarse, de saída da Celma das angústias pela perda da Carol, foi plantada uma semente que faz brotar sempre as suas lembranças. Com certeza seguirá em frente, apesar das dificuldades.

Tendo assumido a SBPC, em 2009, com mandato que durou até 2011, e a presença em sala de aulas, me levou a superar, pouco a pouco, a dor intensa que me amargurava. E tentando olhar para frente, para a vida que se apresentava diante de nós, trazendo a lembrança de nossa filha como uma força a nos conduzir. Naquela altura, Iago despontava como um jovem também impetuoso, e ainda no CEPAE-UFG, fez parte do grêmio estudantil. Seguindo meus passos, mas sem que isso significasse qualquer pressão de minha parte ele se inscreveu no vestibular e foi aprovado no curso de História da UFG. A verve que lhe caracterizava e o sangue que corria em suas veias o projetou para o movimento estudantil na UFG, logo se tornando um dos coordenadores do Diretório Central dos Estudantes.

Demos todo o apoio a ele, e mesmo sabendo que tínhamos agora um filho único, não tolhemos em nada nos seus desejos de seguir em suas lutas. E isso o levou à UnB, para onde se transferiu, como consequência do seu envolvimento agora com

a União Nacional dos Estudantes. Mas por pouco tempo, e a UnB tornou-se pequena para ele. Logo se transferiu para a PUC de São Paulo e o destaque que foi assumindo no movimento estudantil, com um protagonismo forte, me superando, o fez tornar-se presidente da maior entidade estudantil da América Latina. Em 2019, Iago assumiu a presidência da União Nacional dos Estudantes, em um Congresso de delegados dessa entidade, em Brasília, para onde fomos, naturalmente, eu e Celma, a fim de assistirmos esse momento mágico para nós. Iago tornar-se uma liderança nacional, e víamos como uma aura, a presença da Carol pairando sobre suas ações.

Meu envolvimento na SBPC, a importância da convivência em sala de aulas e o projeto das bordadeiras, coordenado pela Celma, se consolidando, foram amenizando aquele período complicado em nossas vidas. Fomos superando e contando com muita solidariedade e amizade. No meu ambiente de trabalho, no IESA, como também pelo universo amplo de pessoas que eu conhecia na universidade e fora dela, a força e solidariedade nos ajudava a superar nossa tristeza e até mesmo pensar em outros projetos. Foi assim que resolvi retomar o desejo, e necessidade, de fazer o doutorado. Preparei uma proposta de temática, de tese, na linha de uma disciplina que eu havia criado, relacionado ao estudo da água como um recurso estratégico, a fim de poder também impulsionar uma nova área: a geopolítica das águas. Procurei a professora Celene, colega com quem havia dividido a tutoria do PET anos atrás e que dividimos por muito tempo a mesma sala de trabalho, e de competência comprovada à frente da pós-graduação e da própria direção do IESA por duas vezes, e a convidei para ser minha orientadora. Com a sua aceitação, para minha alegria, pude focar nesse objetivo, a partir de 2010.

Mas o ímpeto inicial, com a temática escolhida, foi freado com uma pesquisa que me acompanhava desde o mestrado, e pela qual eu já tinha publicado um livro, a Guerrilha do Araguaia. No mesmo ano que entrei no doutorado fui convidado para participar do Grupo de Trabalho Tocantins (GTT), que havia sido constituído, por portaria do governo federal, seguindo determinação da Juíza Solange Salgado, da 1ª Vara Federal de Brasília (DF), desde 2009, que impunha ao Estado brasileiro a

responsabilidade de dar resposta aos familiares dos guerrilheiros, que desde o começo dos anos 1980 lutavam para que houvesse alguma indicação de onde aqueles combatentes, homens e mulheres que lutavam contra a ditadura militar, tinha sido sepultados. A portaria estabelecia que deveria participar do Grupo de Trabalho, como consultores, pesquisadores das universidades federais. Nessa condição, e por ser praticamente pioneiro na pesquisa acadêmica sobre o movimento guerrilheiro, fui chamado a participar. Na verdade, o convite já tinha partido em 2009, mas naquele momento eu não me via em condições psicológicas para tanto. Em 2010 resolvi aceitar, e comecei a participar das viagens ao Sul do Pará e Norte do Tocantins, com toda a estrutura organizada e financiada pelo estado brasileiro, para tentarmos encontrar vestígios dos corpos dos guerrilheiros.

Praticamente todos os anos, a partir de então, fizemos viagens que duravam até dez dias, percorrendo a região onde aconteceu o conflito, desde Marabá, passando por São Domingos, Brejo Grande, e, principalmente, São Geraldo e Xambioá, esta do lado do Tocantins, onde funcionou a principal base militar de apoio às Forças Armadas, e onde existiu uma pista de pouso para aviões da Aeronáutica. Além de se saber, por testemunhos, que existia vários corpos de guerrilheiros sepultados sem identificação no cemitério daquela cidade. Às vezes ocorriam duas expedições por ano, uma a cada semestre.

Meu envolvimento com essa atividade, e a vinculação cada vez maior com a temática da Guerrilha do Araguaia, tornou muito difícil para mim manter o projeto de doutorado apresentado inicialmente à minha orientadora. Praticamente essa minha atividade no GTA, juntamente com uma vinculação, por conta disso, junto ao Arquivo Nacional no Rio de Janeiro, tornava impossível atuar em duas frentes de pesquisa. Porque basicamente o que eu fazia nessas expedições estava ligado com a minha linha de pesquisa do Araguaia, que culminou em meu primeiro livro.

Assim me convenci que eu devia mudar de tema. Na verdade, retornar às pesquisas na região da guerrilha, aproveitando todo o trabalho que eu já estava desenvolvendo na busca pelos restos mortais dos guerrilheiros. Portanto eu me via

preso a uma história que ainda estava sendo escrita. As consequências da repressão sobre a população, a ausência de respostas sobre o destino dado a dezenas de guerrilheiros presos com vida, e a epopeia de muitas famílias, que não se cansavam da procura de seus entes queridos, mantinha o interesse por esse fato histórico que se tornara mais do que um interesse histórico, como também político e social.

Minha orientadora, professora Celene Barreira, muito gentilmente cedeu aos meus argumentos e me autorizou a preparar outro projeto. Assim, nascia outro projeto de doutorado, desta vez como continuidade de um estudo iniciado em 1992 e que marcou a minha vida acadêmica, como pesquisador historiador, e agora prestes a me tornar doutor em Geografia. O título se adequou às duas áreas, mantendo o viés historiográfico, mas a partir de um olhar geográfico, com uma abordagem tendo como suporte as categorias mais importantes de estudos da Geografia: espaço, território e lugar. Com ênfase para a identificação da região e a territorialização do conflito, não mais da guerrilha em si, mas dos embates surgidos após o movimento, que se estendeu pela disputa sindical e da luta pela terra. Assim nascia o projeto de doutorado: “Araguaia: Depois da Guerrilha, Outra Guerra – 1975-2000”.

Inicialmente eu pretendia estender o tema da pesquisa até o ano de 2012, visto que o prazo para finalizar o doutorado seria em 2013. Mas fomos percebendo que isso levaria a uma quantidade excessiva de páginas, em função do volume de informações e depoimentos inéditos que dispúnhamos, e de fatos novos que iam surgindo no decorrer do trabalho de pesquisa, além do tempo que dispúnhamos ser reduzido. Esse volume de informações cresceu como decorrência do meu envolvimento com os trabalhos no Arquivo Nacional.

O ano de 2010 traria ainda mais tristezas e angústias, em um momento que eu ainda me encontrava debilitado. Neste ano ocorreu a morte de meu irmão, Kleber Montalvão, que morava no interior de Santa Catarina. Já algum tempo acometido de enfermidade que o levou à morte, meu irmão sempre foi muito batalhador, mas vivia

entregue à uma rotina dura. Desde quando morávamos em Morrinhos ele se especializou em trabalhos ligados à produção de massa asfáltica, e se tornou mais competente nessa área, sem ser formado, do que alguns engenheiros, que buscavam seus conhecimentos práticos. Mas esse envolvimento nos trechos, de uma lida distante de casa, acabou por fazer com que se descuidasse da saúde.

Um ano antes ele esteve nos visitando, já procurando se recuperar e se aposentar, embora com a saúde bastante debilitada. Sua morte deixou minha mãe mais triste e abatida, situação que a mantinha entregue às suas orações, muito católica que era. A tristeza dela vinha desde a morte da Carol, com quem ela tinha um forte ligação. Quando meu irmão foi internado ela já estava morando com minha irmã em Salvador, e de lá foi visitá-lo. Quis o destino que quando ela retornasse a Salvador ele viesse a falecer. Essa trágica coincidência, aliado a situação que ela já carregava, completava uma década de perdas muito doídas para todos nós, e para ela em especial. Afinal teve a morte de meu pai em 2001, a Carol em 2007 e de meu irmão em 2010. Embora ela fosse uma pessoa muito forte, e pouco transmitisse seus sentimentos de abatimento, seguramente essa situação agravou uma enfermidade que se acentuou com o tempo, a perda de memória, o enfraquecimento e a descoberta da doença de Alzheimer. Aos poucos ela foi esquecendo por completo das coisas, e de nós, situação que nos entristecia, mas a tínhamos ali, com vida. Quando fui a Salvador, fazer o lançamento do meu livro ela fez questão de estar presente, e ainda se mantinha lúcida.

Em 2016, aos 92 anos de idade perdemos nossa querida mãe. Uma pessoa excepcional, dedicada a família, como a maioria das mulheres de sua geração, sem uma vida social efetiva. A não ser a constante presença nas atividades religiosas. Sua fé a confortava e a fortalecia diante das adversidades, e assim cumpriu seu destino de ser praticamente responsável pelos rumos de nossas vidas, na nossa educação e no nosso convívio, passando até mesmo por situações complicadas em sua relação com meu pai. Minha mãe foi uma guerreira, e sustentou nossa família com altivez. Se meu pai se esforçava para correr atrás de condições econômicas que suprissem as

necessidades, o cotidiano de nossas relações familiares foi sustentado por ela, que se virava mesmo nas piores condições nas crises que enfrentamos. O que nos tornamos, em nosso caráter, formação, respeito, empatia e na fé pela vida, devemos em muito a ela, e eu jamais poderia esquecer de reverenciá-la nesse momento em que resgato minhas memórias. Devemos nossa vida e o que somos a ela. A meu pai também, claro, já falei sobre ele, e o quanto nos orgulhamos de sua honestidade e do seu empenho em trabalhar para poder garantir nossos sustento. Mas era no dia a dia do cotidiano familiar que se fazia sentir a forte presença de minha mãe, D. Malu como era conhecida desde jovem, Maura Montalvão Campos.

A minha atividade junto ao Grupo de Trabalho Araguaia, nas expedições de buscas por vestígios dos guerrilheiros, e a visibilidade do meu projeto de doutorado, aliado já com o conhecimento acerca do livro que eu havia publicado sobre a guerrilha, fez com que o envolvimento com a temática fosse crescendo. Em 2012 fui nomeado por meio de portaria do Arquivo Nacional, publicado no Diário Oficial, como um dos membros do Núcleo de Altos Estudos do Projeto Memórias Reveladas,²¹ dentro do objetivo maior que era analisar as lutas políticas no Brasil desde 1964 até 1984, ou seja, enquanto durou a ditadura militar. Essa parceria me possibilitou mais do que me envolver nos debates e pesquisas acerca das memórias daquele período, mas fez com que criássemos uma parceria importante para prosseguir na coleta de depoimentos com dezenas de moradores da região que sofreram as consequências durante e após a guerrilha. Alguns desses depoimentos, com as entrevistas sendo conduzidas por mim, ainda estão inéditos, prontos para serem utilizados numa provável, e desejada, continuação dos estudos. Algumas das pessoas que ouvimos, infelizmente já morreram, mas deixaram gravado para a história depoimentos que ampliam a discussão sobre o assunto e mostra o quanto a população foi vitimada pela repressão brutal que aconteceu durante a guerrilha, e no

²¹ <https://www.ufg.br/n/59219-professor-da-ufg-e-nomeado-membro-da-comissao-de-altos-estudos-do-centro-de-referencia-memorias-reveladas?atr=pt-BR&locale=pt-BR>

pós-guerrilha. Quando gravei essas entrevistas minhas pesquisas visando o doutorado já estavam sendo finalizadas, em função do tempo exigido pelo programa de pós-graduação.

Ainda em 2012, foi publicado a segunda edição do livro “A Guerrilha do Araguaia: a esquerda em armas”, desta vez editado pela Fundação Maurício Grabois em parceria com a Editora paulista Anita Garibaldi.²² Portanto essa nova edição surgiu em meio a todo o esforço para terminar o meu doutorado, e ainda com atualização e ampliação de novos capítulos. Embora tendo sido um ano bastante produtivo, eu ainda me via às voltas com o processo de superação da depressão que me acometera, como consequência da morte de minha filha. Solicitei uma licença, para me dedicar exclusivamente ao doutorado, mas as angústias e ansiedades, principalmente por ter que ficar em casa, em meio às lembranças dela, me fizeram voltar atrás. Eu estava entrando mais uma vez numa situação depressiva, e não me restou outra saída senão suspender a licença e retornar à sala de aula.

Fui descobrindo o quanto a sala de aula, a companhia dos colegas, o convívio com os alunos, principalmente ao ver as alunas e projetar nelas o que deveria ser o futuro de minha filha, que não teve essa oportunidade, tudo isso me fazia sentir melhor do que ficar no isolamento em minha casa. Me desdobrei, dessa forma, para conseguir desenvolver minha pesquisa, produzir o trabalho da tese, participar das expedições ao Araguaia e atender à demanda do Núcleo de Altos Estudos do Centro de Referência do Memórias Reveladas, do Arquivo Nacional. Era essa a forma que eu consegui encontrar para ocupar minha mente e meu corpo, e desenvolver minhas atividades profissionais, sem esquecer em nenhum momento do quanto minha filha era importante em minha vida. Dediquei a ela a segunda edição do livro da guerrilha (a primeira havia sido publicada no ano de nascimento dela),²³ e ela seria lembrada também na minha defesa do doutorado no ano seguinte.

²² <https://grabois.org.br/2012/04/13/guerrilha-do-araguaia-a-esquerda-em-armas-chega-sua-segunda-edio/>

²³ Sobre isso publiquei um artigo em meu Blog Gramática do Mundo: GUERRILHA DO ARAGUAIA - NAS LEMBRANÇAS DE DUAS VIDAS, O RESGATE DA MEMÓRIA E DA VERDADE. Nesse artigo eu cito minha filha, e explico por que dedico a segunda edição a ela, bem como a D. Santinha, mãe do guerrilho Divino Nunes, o goiano. <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2012/05/guerrilha-do-araguaia-nas-lembrancas-de.html>

No ano de 2013, além da responsabilidade com as aulas, visto que eu havia suspenso a licença, me dediquei totalmente à redação da tese de doutorado. Eu já havia prorrogado, pois assim era permitido, por um ano, e o prazo para a defesa estava próximo do limite. Embora muito focado na redação da tese, já em reta final, aquele foi um ano de intensas mobilizações, revoltas populares e manifestações massivas, por todo o país. Começara com um ato e passeata puxada pelas entidades estudantis, na cidade de São Paulo, contra o aumento das passagens de ônibus. A reação da juventude contra comentários feitos na mídia, minimizando, e até mesmo tentando desmoralizar aquele primeiro ato na capital paulista, gerou um efeito inesperado, com uma explosão de revoltas por todos os cantos. Um comentarista da rede Globo, Arnaldo Jabor, foi obrigado a se retratar, mas seu comentário se transformou no mote das manifestações: “não é só por 0,20 centavos”.

O que aconteceu a partir de meados daquele ano, com o que ficou conhecido como “As Jornadas de Junho”, impactaria fortemente na conjuntura política brasileira, e levaria a crises institucionais que botou de ponta a cabeça toda a estrutura sociopolítica de nosso país. O Brasil não seria mais o mesmo. A instabilidade política iria se tornar praticamente estrutural, e levaria a um golpe institucional.

Naquele mês tirei um tempo da minha concentração no doutorado e fui acompanhar a manifestação marcada para Goiânia no dia 13 de junho, como ocorreu em praticamente todas as capitais brasileiras. Ali, preocupado, pude entender que a condução daquele processo gerado por revoltas justas, e insatisfações sociais de cunhos díspares, e descentralizados, ou seja, envolvia demandas locais, estaduais e nacionais, se tornara fora do controle. A proibição da presença de partidos políticos, e até mesmo ataques a quem portava bandeiras partidárias, sinalizava para uma radicalização antipolítica, alimentada pela grande mídia. Daquele momento em diante o que se viu foi o surgimento de grupos sectários, de extrema-esquerda, anarquistas, direita e extrema-direita, assumindo a frente dessas lutas e abominando os partidos

políticos. A repressão policial se intensificou, na esteira das ações de grupos mascarados que seguiam nos atos depredando tudo que viam pela frente.²⁴

Isso se prolongou até o ano seguinte, marcado por um evento mundial que seria aqui no Brasil, a Copa do Mundo de Futebol. A palavra de ordem mudara, mas o objetivo seguia sendo o mesmo, desqualificar a política e enfraquecer o governo da então presidenta Dilma Rousseff. O que se bradava pelas ruas, em mais manifestações radicalizadas era: “não vai ter copa”. Teve a Copa, mas o resultado desastroso da Seleção Brasileira só aumentou o clima de revolta e instabilidade que levaria a uma eleição polarizada naquele ano e a não aceitação de seu resultado pelos partidos de centro-direita, e o seu candidato Aécio Neves, que disputara contra a eleição da presidenta. Esta ganhou a disputa, muito embora com um resultado apertado.

O pouco que se sabia das condições econômicas do país estourou no ano seguinte, motivado por atos de sabotagem do Congresso Nacional, cuja maioria emperrou projetos que visavam amenizar a crise em curso. As consequências desses embates seriam desastrosas para a política brasileira e levaria a um processo de impeachment, completamente viciado, que logo depois se caracterizaria como um golpe de estado parlamentar, com a conivência do Poder Judiciário.

Na verdade, pelo olhar geopolítico isso era possível de identificar, o Brasil passava por uma “guerra híbrida”, expressão utilizada para explicar as ações sub-reptícias, partidas de grupos financiados por interesses externos, com o objetivo de desestabilizar o país e tirar o poder das mãos dos partidos de esquerda. Em jogo, nitidamente, estavam os interesses no petróleo brasileiro, e na maior empresa petrolífera da América Latina, em um momento que se descobrira uma das maiores reservas de petróleo em águas profundas do mundo, denominado de Pré-Sal.

Em meio a essas turbulências, precisávamos marcar a data para a defesa de minha tese, e o dia escolhido foi 22 de novembro de 2013. E assim foi feito, enfim, tornei-me doutor após a banca analisar e aprovar o trabalho desenvolvido.

²⁴ O relato do que vi naquele ato do dia 13 de junho, na Praça Cívica em Goiânia eu analisei em um artigo publicado no Blog Gramática do Mundo: https://gramaticadomundo.blogspot.com/2013/06/fragmentosde-um-olhar-sobre-multidao-eu_22.html

“Araguaia: Depois da Guerrilha, outra guerra. A luta pela terra no Sul do Pará, impregnada pela ideologia de segurança nacional (1975-2000).”

A pesquisa-tese analisou as transformações que ocorreram na região Sul do Pará no período posterior à Guerrilha do Araguaia. Os estudos sobre a região tiveram como objetivo entender a maneira como o Estado brasileiro, ainda sob o domínio dos militares, adotou políticas públicas para exercer o controle efetivo sobre uma região recém-saída de um movimento guerrilheiro, cuja repressão ao mesmo afetou duramente a população, com muitas pessoas tendo sido presas e submetidas a prisões e torturas. E a delimitação de um poder paramilitar construído pelo Major Curió.

A caracterização da região visou apresentar as condições de um ambiente inóspito, profundamente transformado por desmatamentos descontrolados para a comercialização clandestina de madeira, e posteriormente, tendo como objetivo transformá-la para a produção agropastoril. As categorias geográficas, região, território e lugar foram conceitualizadas e compreendidas em suas peculiaridades, sendo fundamentais na análise do objeto de pesquisa.

Foram estudadas as ações do Estado brasileiro, que define a região, a parte oriental da Amazônia, como estratégica e, por meio de planos nacional e regional de desenvolvimentos tentaram exercer controle sobre ela. Identificamos na pesquisa que as medidas adotadas seguiram os preceitos contidos na ideologia de Segurança Nacional, e por ela os movimentos sociais foram criminalizados.

Foi possível comprovar que os órgãos de informação, principalmente SNI e CIE, atuaram com muita ênfase para conter a organização camponesa e reforçar o poder do Major Curió, que desde o final da Guerrilha do Araguaia constituiu-se no elemento chave da ditadura militar na região, na formação de um poder paramilitar, definindo um território extenso em que as ações foram duramente executadas mediante um temor do ressurgimento guerrilheiro.

Analisei os conflitos que aconteceram depois da Guerrilha, fruto da luta camponesa para garantir a posse da terra. Fazendeiros, autoridades judiciais e

policiais, grandes empresários aliaram-se às políticas implementadas nos planos da ditadura militar e transformaram a região em uma das mais violentas do País.

Os agentes do Estado brasileiro agiram fundamentados em princípios definidos pela doutrina de Segurança Nacional, que transformava em inimigos internos aqueles que reagiram aos roubos de terras públicas praticados impunemente e com o apoio das autoridades. Assassínatos se sucederam, com a eliminação de lideranças sindicais, clericais e parlamentares, praticadas por pistoleiros e policiais a mando dos fazendeiros.

Ao fim, praticamente todas as hipóteses restaram-se comprovadas, demonstrando a existência de um poder paramilitar sob o comando do Major Curió, do uso da ideologia de Segurança Nacional para combater os que lutavam pela posse da terra e da execução de políticas que favoreciam aos grandes proprietários de terras e/ou empresas que investiram na região onde antes viviam famílias de camponeses. Pude concluir que as ações do Estado brasileiro foram fundamentais para gerar as violências que caracterizaram a região diante de um temor obsessivo da possível reorganização do movimento guerrilheiro.

Como meu trabalho no IESA, e no curso de Geografia estava direcionado para a Geopolítica, procurei analisar obras de autores clássicos nessa área, com olhar focado em conceitos de estratégias e guerras, assim como nos estudos vinculados às doutrinas militares geradas em torno da Escola Superior de Guerra (ESG); Mas não deixei de lado as pesquisas feitas anteriormente na região, que analisaram o fenômeno da ocupação como frentes de expansão e pioneira em trabalhos que se tornaram clássicos e os relatos de personagens que viveram o cotidiano da violência e estiveram marcados para morrer.

O trabalho que desenvolvi para o doutorado se constituiu como uma continuação da pesquisa que originou a minha dissertação de mestrado e o meu primeiro livro sobre a Guerrilha do Araguaia. Era fundamental avançar na compreensão das condições em que ficou aquela região, após o final deste conflito, e de todo o processo feito para apagar qualquer registro dos abusos e crimes que

foram cometidos, na chamada “operação limpeza”. A minha participação no Grupo de Trabalho Araguaia, com o constante retorno àquela região, e o acompanhamento de todo o trabalho desenvolvido na busca pelos corpos dos guerrilheiros, assim como o contato com diversos familiares desses combatentes, que por décadas vivem em busca de informações sobre seus paradeiros, foi fundamental para que eu fosse ampliando o meu olhar e incorporando novos objetivos ao trabalho.

Como afirmei antes, na referência às atividades que desenvolvi junto ao Arquivo Nacional, com coletas de depoimentos em vídeos de diversos moradores da região, também a participação no GTA me possibilitou colher novas informações e entrevistar mais personagens dessa história. Assim como pude ter a dimensão maior, e talvez não em toda a sua extensão, da explosão de conflitos que aconteceram naquela região, não propriamente como consequência da Guerrilha do Araguaia, mas, fundamentalmente, pela sucessão de erros, políticas inadequadas e tentativa de criminalizar camponeses que se dirigiram para toda aquela área em função dos projetos megalomaniacos postos em práticas pela ditadura militar, e o seu consequente fracasso.

O que vemos hoje, na direção da Amazônia profunda, teve início nos anos 1970 com a implantação de programas de desenvolvimento para o país, e em especial, para a Amazônia, completamente desconectados da realidade objetiva, de uma imensidão de floresta que não se adequava aos projetos inconsequentes que desconheciam a essência da complexidade e biodiversidade daquele ambiente, de um bioma riquíssimo e fundamental para todo o equilíbrio climático do país. Mas de uma incapacidade em absorver iniciativas agrícolas, e das consequências perversas na ampliação da criação de gado, gerando desmatamentos e queimadas de forma incontroláveis, algo que se amplia até os dias de hoje.

Meu envolvimento no tema, e principalmente por ele ser uma página aberta de nossa história, na medida em que ainda há muitas respostas a serem dadas, me jogou em meio a um ambiente belíssimo, mas complexo e cheio de elementos que se colidem, em meio a contradições praticamente insolúveis. Amazônia é um bioma

para ser estudado e analisado o tempo inteiro e por todos os tempos (assim como todos os biomas). Ele se diferencia dos demais em função de sua amplitude e dimensão, pela gigantesca biodiversidade, por uma população aborígene milenar que tem sido reduzida como resultado da intrusão de grupos que só visam o saque do que ali existe de riqueza para atender seus objetivos gananciosos. As demais riquezas naturais, essas sim, importantes para essa população, e que poderia ser mais bem explorada de forma equilibrada pelo Estado brasileiro, são destruídas por ações rapaces, ilegais, criminosas, mas que ficam impunes pela inoperância dos governos, ou pela cumplicidade de alguns deles.

Pretendo prosseguir nesses estudos, principalmente com foco na Amazônia Oriental, compreendida também como “arco do desmatamento”, que abrange boa parte dessa região, uma área que engloba os estados de Tocantins, Maranhão, Pará, Amapá e Mato Grosso, parte considerável da Amazônia Legal. Essa é uma zona de transição entre três biomas: o Cerrado, a Caatinga e o Amazônico. Embora minha pesquisa para o doutorado estabelecesse entre os anos de 1975 e 2000 como parâmetro temporal de análise, os conflitos e a intensificação da ocupação desordenada e ilegal prosseguem em ritmos alucinantes. Claro que em boa parte desse território estudado o desmatamento e a destruição do bioma com transformação em pastagem, infelizmente, já estão consolidados.

Todavia, a inoperância das autoridades, os assassinatos com as indefectíveis listas de “marcados para morrer”, e a impunidade, prosseguem como já acontecem desde os anos 1970, e por isso essa história merece continuar sendo investigada e os crimes cometidos contra a natureza, os povos originais e os camponeses, devem ser combatidos e denunciados. Por isso esses estudos se tornam fundamentais e não podem parar. Tenho um imenso arquivo de entrevistas, documentos e dados sobre esses temas, e disponibilizo sempre a quem me procura. Estarão permanentemente à disposição. Boa parte entreguei ao Arquivo Nacional, mas a mudança política no país tem dificultado que esse material, e outros que ali existem, possam servir a novos pesquisadores.

- A universidade que me modelou, em todos os tons – historiador, mestre a doutor em Geografia – parecia me cobrar outro desafio.

Após o término do processo que me alçou a condição de doutor em Geografia, estabeleci uma meta para o ano seguinte: transformar a minha tese em livro. Meu objetivo era, como continua sendo, publicar uma trilogia com a temática sobre a Guerrilha do Araguaia, e os conflitos e transformações naquela região. E eu estava prestes a cumprir uma etapa importante nesse objetivo. Já havia de antemão estabelecido conversas com a Fundação Maurício Grabois, que junto com a Editora Anita Garibaldi publicara a segunda edição do meu primeiro livro, e tudo estava acertado para a publicação de mais um livro.

Fiz algumas correções na redação da tese, seguindo orientações da banca do doutorado, após o debate feito. Mas as mudanças foram poucas. A sugestão de retirar para a publicação, da parte em que analiso as categorias geográficas, e de como elas me guiaram na elaboração do trabalho eu não segui. Mas isso não foi feito pela banca, mas em conversas a parte, quando avisei da possibilidade de a tese ser editada em livro. Preferi manter, porque essa parte estabelece um vínculo forte com a Geografia, e isso era importante para mim. E acredito para a própria compreensão das características que compõem toda aquela área analisada, pelo viés do lugar, do território e do espaço, e, da identificação dos biomas que se cruzam naquela porção complexa do território brasileiro.

Assim, em 2014 saiu o novo livro, mantendo as características do conteúdo apresentado à banca de doutorado, e com o mesmo título. Completava-se, mais do que uma ascensão à doutor, que muito me orgulhava, uma etapa a mais no ciclo que se iniciara em 1992, com meu ingresso no mestrado. Quando do lançamento desse novo livro o tempo transcorrido chegara a 22 anos debruçado sobre uma história que ainda não se encerrara. E eu apostava que alguma coisa ainda viria. Mas aprendi, desde a morte de minha filha, que não podemos olhar para o futuro, porque ele é uma construção, não existe. O presente, e como nós lidamos com ele, é que vai fazer

com que tenhamos isso que chamamos de “futuro”, mas, paradoxalmente, quando ele chega torna-se presente, e o que foi, passado. Isso quando o acaso não interfere e impede que ultrapassemos a ponte que liga o presente ao que construímos artificialmente ao olharmos, utopicamente, ao longe, até onde nossa imaginação possa ir. Falarei mais adiante sobre isso.

Quando começo essa discussão lembro-me sempre de uma frase de Eduardo Galeano. Aliás, uma frase que ele costumava repetir em suas palestras, mas sempre alertando para o fato que não era uma construção dele: “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”²⁵

E foi assim, com o olhar focado no presente e a mente dividida com o passado, que fui me reerguendo, superando a tristeza, mas ainda com dificuldades de reencontrar a alegria. Meu coração, partido, ainda sangrava. E a cada momento de comemoração por conquistas importantes, como essas do doutorado e de um novo livro, batia forte no peito as saudades de minha filha.

Aos poucos eu procurava retomar a minha verve, e impetuosidade que sempre me marcou. A conjuntura política, com as turbulências que nos atingiam, até com um golpe de Estado que traria consequências terríveis para as Universidades, me estimulava a luta de alguma forma. Os anos seguintes não seriam fáceis em meio a crise, e aos poucos iríamos descobrir que ela se refletiria muito seriamente dentro dessas instituições. Voltei a participar das atividades ligadas ao movimento docente, das ações do sindicato e gradativamente uma tímida retomada da minha militância política, que não voltou a ser como antes, muito embora eu tivesse mantido os meus paradigmas, e jamais entrado em crise com minhas concepções ideológicas.

Por todo esse tempo as minhas angústias ultrapassaram os aspectos pessoais. Eu já estava incomodado com a universidade e passei a tecer algumas análises críticas, no que eu entendia como um ambiente marcado pelo conformismo, por excessivas

²⁵ Fernando Birri, citado por Eduardo Galeano in ‘Las palabras andantes?’ de Eduardo Galeano. publicado por Siglo XXI, 1994.

cobranças burocráticas e de um produtivismo excessivo, que menosprezava o magistério no tocante à graduação. Além do que a Universidade se tornara, a meu ver, um ambiente fechado para a diversidade de ideias e do embate de posições antagônicas. Por isso recorri a uma expressão que passei a usar com frequência para descrever as características desse ambiente universitário: a normose. Na tentativa de promover uma discussão sobre essas questões, firmei minhas críticas por meio do meu blog, e escrevi diversos artigos em que expressava esse descontentamento. Mas não encontrei ressonância nessas críticas, e por isso não havia o contraditório, muito menos debate sobre esses posicionamentos que eu expressava, às vezes com dureza.²⁶

Mesmo assim, aceitei assumir a coordenação dos grupos PET (Programa de Educação Tutorial), vinculada à Pró-Reitoria de Graduação. Não fiquei muito tempo, porque abri um edital e resolvi me afastar para tentar ser tutor, mais uma vez, do PET do curso de Geografia. Não foi um bom momento, em uma das poucas tentativas que tive na universidade de ocupar uma função que demandava uma disputa. Imaginei que isso não ocorreria, pelo fato de eu ter me destacado na luta em nível nacional pela manutenção dos grupos PET, num tempo em que não havia bolsa para os tutores. Além do fato de vir de uma coordenação dos grupos na UFG.

No entanto, me deparei com um ambiente tóxico, que me levou a um descontrole emocional e uma decepção que despertou em mim uma disposição inusitada, de fazer essa discussão, sobre esse ambiente que eu passava a ver com profunda preocupação. Decidi levar esse debate para toda a universidade, mas relevei a disputa interna naquele momento, desistindo de entrar em uma nova tentativa de me tornar tutor, quando um novo edital foi publicado, visto que o primeiro processo seletivo havia sido cancelado por irregularidades que eu havia identificado. Ao mesmo tempo resolvi não guardar nenhuma mágoa do que acontecera, e atribuí à própria condição em que eu via a universidade e as relações que se estabelecera entre nós.

²⁶ O Mal da Universidade: A Normose. <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2015/05/quem-e-voce.html>

Expressei isso, mais uma vez, em um artigo no Blog Gramática do Mundo,²⁷ que se tornara uma espécie de caixa de ressonância desse meu olhar crítico.

No ano seguinte, 2017, firmei um objetivo em que eu via como uma condição de provocar essa discussão que eu transcrevia em meus artigos. Assim surgiu a ideia de me candidatar a reitor, na eleição que aconteceria naquele ano, no primeiro semestre. Não foi algo intempestivo, foi pensado desde um ano antes, consequência de tudo isso que narrei anteriormente. E, apesar de me dedicar com afinco a campanha, e fazer isso com seriedade, tendo ao meu lado um companheiro das lutas docentes e do sindicato, o professor Leandro Oliveira, do Instituto de Ciências Biológicas, eu sabia das dificuldades não somente porque enfrentaria oponentes fortes e com destaque na UFG, mas porque eu proporia, e provocaria, um debate sobre temas que a universidade fugia. Não sei se era propriamente uma fuga, mas meus colegas e minhas colegas não se dispunham a encarar aquele desafio, de um olhar crítico sobre a instituição e nosso comportamento. Atribuo isso muito às cobranças burocráticas e ao produtivismo muito forte que existia, e ainda existe. Afinal, era o que eu identificava em minhas críticas, o mal da “normose”, a doença da normalidade. E foi com esse sentimento provocativo, mas que claramente não sinalizava como uma boa estratégia eleitoral, que me joguei na campanha para reitor.²⁸

- A candidatura a reitor

No primeiro semestre de 2017, a Universidade Federal de Goiás entrou em mais um processo de escolha de seu dirigente, que deveria assumir a reitoria por meio de uma consulta à comunidade universitária conduzida pelas entidades de estudantes, técnicos administrativos e docentes, com a anuência do Conselho Universitário.

²⁷Minha vida se completa na UFG. Sigo por aqui, ainda em busca da utopia. https://gramaticadomundo.blogspot.com/2016/10/minha-vida-se-completa-na-ufg-sigo-por_13.html

²⁸ Universidade: A luta contra a normose. <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2017/04/universidade-luta-contra-normose.html>

Por incrível que pareça, embora se tratando de uma universidade, onde as ideias devem fervilhar, onde a polêmica seja uma característica essencial e onde o sentido de mudança e transformação seja permanente, havia exatos doze anos nós não passávamos por um processo em que a comunidade pudesse fazer sua escolha entre diversos professores e professoras que desejassem aspirar a esse cargo, e que apresentassem uma proposta de universidade que pudesse ser plenamente debatida.

Era preciso, então, analisar profundamente por que nós chegamos a essa situação, da existência de uma espécie de pensamento único, de uma universidade que se tornou um ambiente de acomodação e onde as preocupações passaram a ser no sentido de garantir verbas para uma intensa expansão, ou ultimamente o que fazer com os poucos recursos que foram reduzidos, em função da crise intensa que passou a afetar o Estado brasileiro a partir de 2015.

A universidade precisava, sim, de uma boa estrutura, de um ambiente que possibilite aos seus professores, técnicos administrativos e estudantes, conviverem e produzirem com excelência. Essa deve ser uma preocupação permanente. Mas ela é muito mais do que isso. A universidade deve primar pela necessidade de instigar a capacidade de criar, inovar, apresentar sempre algo de novo. Há de certo modo uma aceitação de uma normalidade que não representa o que significa ser uma Academia, no sentido dado a esse termo secularmente, onde não somente o conhecimento é importante, mas também, e, principalmente, o saber, já que é a sabedoria que garante o uso adequado do conhecimento.

Precisávamos nos aprofundar nesse diagnóstico e encontrar resposta para qual tipo de universidade nós queríamos. Universidade para que, e para quem. Principalmente devido ao momento de crise, de dificuldades financeiras, diante da necessidade de manter uma estrutura que cresceu aceleradamente sem o tipo de planejamento que identificasse a capacidade de garantir uma sustentabilidade a esse crescimento, construindo cenários que indicassem as complicações que adviriam como impacto de uma grave recessão, que era eminente diante do quadro de uma crise que não se restringia ao Brasil, mas era mundial.

Cabia-nos discutir em que condições poderíamos construir um ambiente reflexivo, com respeito à diversidade, que nos garantisse a continuidade de projetos que são essenciais, no âmbito da ciência e da inclusão, mas de uma universidade que não se fechasse em si mesma e se apresentasse para a sociedade como uma instituição capaz de dar respostas a muitos dos problemas que afligem a sociedade brasileira e que, naturalmente, tem reflexos em seu próprio funcionamento.

Uma Universidade que se desprendesse da “normose”,²⁹ menos burocrática e estivesse permanentemente atenta a necessidade de uma mobilização efetiva para defender seus princípios básicos, pelos quais sempre apresentou enormes contribuições ao país e ao estado. Eu passei a cobrar a necessidade de um novo modelo de gestão, que tivesse também como foco as pessoas que compõem a comunidade universitária, o conhecimento em toda a sua plenitude inserindo nele o caráter humanista que nos torne mais tolerante com as diferenças, e o saber, que nos possibilite lidar com situações que sejam inesperadas, mas que também nos garanta ter a compreensão sobre as melhores maneiras de lidar com conhecimentos cada vez mais complexos.

Os desafios eram enormes em função de uma realidade que nos envolve em crises. Mas superar crises deve também ser uma das qualidades da Universidade. E aquelas que nos envolvem diretamente, só seriam possíveis de serem superadas com muita determinação, luta, desprendimento e dedicação. Componentes essenciais para torná-la viva, pujante e vigorosa. Mudar e renovar torna-se essencial para atingir esses objetivos.

O resultado eleitoral não foi surpresa, muito menos para mim. Eu tinha plena consciência das dificuldades, principalmente quando retornou a disputa um ex-reitor, muito querido pela comunidade e que tinha administrado a UFG durante o período de expansão e de aplicação do programa REUNI (Reestruturação e Expansão das

²⁹ A normose pode ser definida como uma patologia social, pela qual há uma conformidade com o que é comum e consensual, muito embora às vezes indesejável, e em que se aceita a normalidade como uma fatalidade, mas pode gerar sofrimento e lento esgotamento.
<https://maitriinstitutodepsicologia.wordpress.com/2019/08/17/normose-a-patologia-da-normalidade/> (Acesso em 08.06.2022)

Universidades Brasileiras), no Governo de Luís Inácio Lula da Silva, implementado pelo Decreto 6 096, de 24 de abril de 2007. Mas, tanto em relação a ele, com quem eu sempre mantive boas relações, apesar de minhas críticas, quanto aos demais, eu nutria respeito, admiração e amizade. O que me motivara foi a necessidade que senti de provocar uma disputa e levar uma discussão sobre a universidade que não tinha acontecido nos dois processos eleitorais anteriores, marcados por candidaturas únicas. Creio que esse objetivo foi atingido, fizemos uma campanha bastante propositiva e com muitos debates.

Nesse mesmo ano, 2017, O então governador Marconi Perillo assinou um decreto em 17 de julho, publicado no Diário Oficial do Estado dois dias depois, tornando-se a Lei 19.751, pela qual eu recebi o título honorífico de **Cidadão Goiano**. O baiano da caatinga, tornava-se também goiano do cerrado, sempre sertanejo. Com muito orgulho.

- As reflexões sobre minha vida dentro da UFG e os dilemas de se atingir o auge da carreira, com o Brasil fora de rumo e o mundo à deriva

Por todo o meu tempo na universidade, meu protagonismo principal, conforme esses relatos aqui demonstram, se deu em função de atividades e lutas vinculadas à defesa da educação, da universidade e das instituições superiores públicas. Minha militância política praticamente se deu toda ela no âmbito da universidade. Depois que me formei consegui unir a disposição pela luta com o prazer de dar aulas. Nesse ínterim, as pesquisas que desenvolvi estiveram diretamente relacionadas à minha própria formação, e condição para poder me tornar docente e progredir na carreira. Mas uma nova paixão em meus estudos me deixou quase que obcecado com a necessidade de desenvolver um projeto de pesquisa: o estudo da água por um viés da geopolítica.

Além dos estudos da geopolítica, de uma maneira geral, do acompanhamento das crises, das relações entre os Estados, das transformações territoriais e das guerras, eu passei a ter um foco em questões de estratégias que indicam a importância econômica, e de segurança nacional, que estão presentes na natureza, com toda a biodiversidade, e, com a água, naturalmente, por uma questão de sobrevivência.

Envolvido com essas discussões ambientais entendi que um dos elementos principais a demandar nossa atenção e preocupação passaria a ser as questões geopolíticas. Em função de toda a degradação gerada pela característica principal do capitalismo, a expansividade, somente poderíamos compreender os limites desse processo destrutivo analisando a forma como o sistema funciona, e até que ponto a ganância se sobreponha à preocupação pela vida.

Além da disciplina Geopolítica das Águas, criei outra: Geopolítica da Biodiversidade. E passei a analisar os problemas ambientais, tanto em relação à destruição dos biomas, quanto na questão hídrica, para além dos discursos, e buscando na essência as razões de um problema que quanto mais se grita contra ele, se protesta e denuncia, mais se agrava e se expande. Parece um paradoxo, mas é a

maneira de funcionamento do sistema, que busca na natureza as matérias primas necessárias para a produção de mercadorias. E a água é o elemento presente em todos os processos produtivos, e fundamental para fazer funcionar qualquer cadeia produtiva.

Outro paradoxo é a relação entre a produção de alimentos, com a utilização da irrigação, elevando comprovadamente a produtividade, e a inevitável destruição dos ambientes onde se produz a água, as veredas, as nascentes, os mananciais. Disposto a me aprofundar nessa temática, que eu havia suspenso no começo do meu doutorado, embora já tivesse um projeto pronto, procurei ir além das salas de aulas e me preparei para concorrer em editais que me dessem condição de ir mais a fundo em algumas dessas questões. Por um tempo, após adequar o projeto de pesquisa inicial, cadastrei sem apoio financeiro, em editais de iniciação científica. Até que foi publicado um edital da Fundação de Amparo à Pesquisa de Goiás, que financiava os primeiros projetos de recém-doutores. Assim, depois de muitos anos na UFG, mas pouco tempo depois de concluir o doutorado, tive aprovado um financiamento para a pesquisa que me jogava de vez dentro dessa temática da água. E a escolha foi por pesquisar a situação hídrica do município de Cristalina, cidade do entorno de Brasília, na divisa com Minas Gerais, com limites territoriais divididos com Unai e Paracatu, a região com maior quantidade de pivôs centrais da América Latina.

Um pouco mais dessa história, nessa relação entre geopolítica e água, e do meu envolvimento nessa pesquisa e em um projeto de extensão que eu criei, os “Caçadores de Nascentes”, eu abordarei mais adiante. Antes é importante contextualizar esse período que se estende da minha candidatura a reitor, e após isso uma espécie de ressaca moral que se abateu sobre mim, como se meu tempo na universidade tivesse se completado em definitivo. Enquanto eu me debatia com as incertezas sobre os meus rumos na UFG, e o receio mais uma vez de uma recaída no processo depressivo, o país e o mundo entrava numa crise político, institucional, econômica e moral, sem precedentes. Embora não devamos comparar épocas,

porque não há parâmetros para comparações quando os tempos são diferentes, essa crise, como tantas outras, se assemelham àquelas que precederam grandes e sangrentas guerras de dimensão mundiais.

Pois foi nesse ambiente, aqui me refiro à relação tempo-espço, que me encontrei ao final dos embates da eleição para a reitoria. Pairava uma sensação de que eu já atingira o ápice, e me restava contar meu tempo de serviço, à espera da aposentadoria. A aprovação do projeto de pesquisa me reanimou e junto com isso a disposição para coordenar o Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (Laboter). Eu sentia que podia retomar meu ânimo, considerando que agora meu tempo de dedicação à universidade deveria se resumir às atividades produtivas e à sala de aula. Assim, recolhi as lanças que me faziam parecer D. Quixote de La Mancha, e apaguei os moinhos de vento de minha imaginação.

Depois da psicanálise eu aprendi a ter uma percepção sobre a proximidade de sintomas que poderiam me levar de volta ao poço da depressão. Eu não atingira o fundo, mesmo nos meus momentos mais difíceis logo após a perda da minha filha. Mas uma conjunção de fatores, mistura ainda da dor por tê-la perdido, do cansaço da luta, algumas por demais inglórias, a decepção com o ambiente universitário e as obsessivas cobranças dos rigores burocráticos, a vigilância assediadora do que fazemos pelos próprios colegas, e, principalmente, o desconhecimento das novas gerações que entravam como docentes da universidade, desconhecendo e menosprezando nossa trajetória e das lutas que travamos para sustentar a UFG em tempos difíceis. Tudo isso, a cada tempo, ou somado, me empurrava para essa contagem de um tempo que parecia ter se encerrado.

Mas decidi que deveria me dedicar a algo que fiz pouco na universidade, a pesquisa. E que na coordenação do Laboter eu poderia ainda dar uma contribuição importante, inserindo minha pesquisa nas atividades e me somando a outros colegas com menos história de lutas que eu tinha, mas com mais experiências em trabalhos de pesquisas. E poderia fazer isso não somente com a parceria de colegas, mas também com muitos alunas e alunas, de graduação e de pós-graduação, que se

envolviam nesses projetos e que orientávamos em seus processos de afunilamento de suas formações, nessa transição importante. Assim me reanimei, e compreendi que minha história merecia um final mais produtivo no campo da pesquisa, ativo e com orgulho de minha trajetória. Só lamentava que eu teria que fazer isso em meio a uma conjuntura tóxica, e a uma crise que afetava a universidade, a sociedade, o país como um todo... e o mundo.

De certa forma eu já estava analisando e tecendo as críticas necessárias, e em alguns casos, de forma bem direta e radical, à situação geopolítica mundial, e à maneira como aqui no Brasil a desconstrução da política estava levando o país a um processo de autodestruição, e ao mesmo tempo abrindo caminho para os tipos oportunistas mais perversos, figuras que historicamente conseguiram força política nos rincões isolados e abandonados pelo Estado, desse imenso território brasileiro. A partir das jornadas de junho de 2013 a banalização da política permitiu que das sombras despontassem personagens que, embora já existissem escondidos em meio a comportamentos hipócritas, traduzidos em alguns casos questionáveis até por historiadores, como sendo da natureza do “homem cordial”. Mito, naturalmente, como o que surgiu dessas sombras, trazendo junto consigo uma legião de crentes apegados anacronicamente ao antigo testamento de um dos livros mais antigos da história da humanidade.

O país virou de ponta-cabeça. Não foi de uma hora para outra, foi um processo produzido e conduzido por esses segmentos que compunham o universo da bizarrice política, e que era por isso até certo ponto visto com menosprezo, já que se julgava que o tempo deles teria passado. Ocorre que a representação deles estava ativa, embora no “deep state” brasileiro. Sempre que surgia uma crise, nos bastidores do parlamento brasileiro eles se juntavam e exigiam seus quinhões. Não se imaginava que algum dia, visto que o processo brasileiro apontava na direção de um viés progressista, esses setores da política profunda pudessem ser representados por um parlamentar inexpressivo, que durante trinta anos nada vez que justificasse seu mandato, a não ser a defesa do baixo corporativismo militar e do ataque perverso às

lutas populares e aos familiares dos que lutavam para rever os corpos de seus parentes mortos durante a ditadura militar.

Por outro lado, o conservadorismo se manifestou através de uma mídia monopolista, representada por quatro grandes famílias paulistas, que por muito tempo se beneficiara dos recursos públicos para se transformarem em impérios das comunicações. Quando atualmente vemos esses grupos se unirem para combater as fake-news, devemos lembrar que essa expressão não existia, quando as mentiras e as deturpações das informações faziam parte do cotidiano dos noticiários brasileiros, sem exceção, com destaque para a mais poderosa dessas redes. Desnecessário citar o nome.

Acompanhei todo esses desvarios que nos trouxeram a essa condição de instabilidade social e de crise econômica estrutural. Já não mais no ímpeto da militância que me marcara nas três décadas anteriores, mas agora, embora mantendo a mesma crítica sistêmica e o viés ideológico, passei a estudar e analisar essas conjunturas, claro, pelo fato de estar lidando com a geopolítica, como pesquisador e professor nessa área, mas também porque, por iniciativa própria criei um site.

O Blog Gramática do Mundo surgiu praticamente como uma espécie de catarse, que substituiria a minha psicanálise, nos tempos de tristeza profunda, e de estado de leve depressão pelo qual passei. A primeira postagem ocorreu em 11 de junho de 2010. A denominação veio da inspiração pelas leituras de Fernand Braudel, historiador francês, cujo livro fazia parte da bibliografia básica de minha disciplina “Formação Econômico-Social”: *Gramática das Civilizações*. E inseri uma expressão em latim, extraída de um poema antigo, atribuído ao poeta romano Horácio, que viveu no último século antes da Era Cristã. “Carpe Diem”. “*Odes*” (I, 11.8) do poeta romano Horácio (65 - 8 AC): *Carpe diem quam minimum credula postero* (Aproveite o dia, confie o mínimo no amanhã). E foi essa expressão que intitulou a primeira postagem.³⁰

Estávamos entrando em um tempo de forte influência das redes sociais, e as angústias que acompanhavam pelo caminho ideológico que segui, e a crítica a uma

³⁰ CARPE DIEM - APROVEITE O DIA, CONFIA O MÍNIMO NO AMANHÃ - <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2010/06/carpe-diem-aproveite-o-dia-confia-o.html>

sociedade desigual, permeada por injustiças gritantes, se somou ao estado de quase prostração, de falta de iniciativa com o que fazer. Daí a expressão do poeta romano, que se seguiu a alguns artigos que publiquei no livro *Depois que Você Partiu*, e também no blog, desconstruindo o futuro e procurando analisar cada vez mais a fundo o presente.

A princípio minha intenção era publicar textos diários, mas fui percebendo que isso seria impossível. Me contentei com postagens semanais, repercutindo fatos e acontecimentos políticos e geopolíticos, e, em datas especiais, as publicações relativas à minha filha e ao cotidiano no qual eu vivia, sempre procurando mesclar as saudades que sentia dela, com o prazer de estar bem com minha família. Reforcei isso em meus textos, mesmo diante de uma certa acidez no olhar que eu tinha para a sociedade brasileira e para o sistema capitalista que movia o mundo.

O Blog Gramática do Mundo me fez muito bem, talvez tenha sido uma das melhores iniciativas que tive, no processo de superação após a morte da Carol. Atualmente o blog conta com 330 artigos, sendo que 95% de minha autoria, raramente publiquei um texto que não fosse meu. Aos poucos os artigos mais intimistas foram sendo reduzidos e intensifiquei as postagens de conteúdos críticos às condições sociopolíticas brasileiras e geopolítica. Durante o período pandêmico, com a disseminação do vírus SarsCov2 e o distanciamento social que nos colocou em quarentena, criei um canal no YouTube, principalmente porque áudio e vídeo se impunham a uma geração que se distanciava das leituras, infelizmente.

Um aspecto relevante, ao que considero, foi o fato de não querer precificar essa iniciativa. Então nunca procurei ganhar dinheiro com o blog, e até mesmo com o canal que criei. Não era esse o objetivo. Outra característica que sempre mantive foi de sempre deixar os textos de forma originais. Eventualmente eu refazia as leituras com o intuito de corrigir possíveis erros, mas jamais para alterar seus conteúdos. Praticamente todos estão como foram publicados originalmente, independentemente de haver um ou outro arrependimento por alguma frase posta de maneira exagerada ou ao sabor da radicalidade em terminado momento. Isso me

possibilita, sempre, retomar algumas dessas leituras não somente para a compreensão dos fatos passados, mas também para que eu tenha a dimensão de como eu estava me sentindo, e me posicionando, naqueles momentos.

Mas publiquei também no Blog Gramática do Mundo artigos que produzi vinculados aos projetos que eu estava desenvolvendo, ou textos de palestras apresentadas em eventos. Assim ele transcendeu seu objetivo inicial e aos poucos foi migrando para a abordagem daqueles conteúdos que direta, ou indiretamente, estavam ligados às minhas aulas de geopolítica, ao projeto de pesquisa sobre as questões hídricas e depois ao projeto de extensão que vim a criar para estudar as nascentes urbanas da região metropolitana de Goiânia. Um tema jamais deixou de estar contemplado, aquele que me fez mestre e depois doutor, a Guerrilha do Araguaia, pesquisa que mantenho viva até os dias atuais.

Assim, pelo que o conteúdo das minhas aulas impunha e pelo olhar crítico que eu tinha do mundo, fui transcrevendo isso e posso dizer que em muito daquilo que escrevi e que está registrado, e arquivado, no blog, se configurou como correto. Em janeiro de 2012 resolvi inovar, e produzi uma “Crônica de um mundo em transe”, uma série de seis artigos sobre análises internacionais e sobre o Brasil. Por meio deles procurei fazer uma abordagem profunda da crise econômica que afetava o mundo, ainda repercutindo e sendo consequências da crise que explodiu em 2008 nos EUA, a chamada “crise dos subprimes” ou a bolha imobiliária que afetou fortemente a economia dos Estados Unidos, levou muitas empresas bancárias e seguradoras à falência e quase quebrou todo o sistema financeiro não somente daquele país. Mas os reflexos seriam, como foi, embora amenizado por uma forte intervenção estatal, por todo o mundo. Os efeitos colaterais dessa crise se estendem até os dias atuais.

A repercussão das publicações, o *feedback* de colegas, alunos, alunas, amigos e amigas, e até mesmo de pessoas que eu não conhecia, foram me estimulando a produzir mais e de forma crítica. Logo no começo, ainda em 2010, esse estímulo me levou a organizar um minicurso, denominado “Decifrando o sistema capitalista -

Crises econômicas e o poder das grandes corporações”.³¹ Foi a partir dele que passei a trabalhar de forma mais constante com vídeos-documentários e filmes em minhas aulas e me dediquei ao estudo de trabalhos que focavam na Geografia e Cinema. Percebi que se adequava perfeitamente com a Geopolítica e isso passou a fazer parte da minha metodologia.

O curso foi um sucesso, e pudemos analisar uma crise que estava em andamento, projetando os possíveis cenários que o mundo iria enfrentar na década seguinte. Conseguimos elaborar análises corretas e as possibilidades se tornaram realidade. Mas não vislumbramos uma mudança política que se espalharia por diversos países nos anos seguintes, desde os EUA e alguns países europeus, nos afetando também: o avanço das ideias conservadoras e a organização de partidos de extrema-direita, com a ascensão de comportamentos bastante parecidos com os que se espalharam nos anos do nazifascismo nas primeiras décadas do século XX. Muito menos percebemos que por trás disso estivesse muito forte, como uma espécie de correia de transmissão, muitas igrejas evangélicas e alguns segmentos do catolicismo ultraconservador.

As “crônicas” desse mundo em transe foram inicialmente seis, postadas em janeiro de 2012. Mas com o acirramento das contradições, geradas pelos efeitos perversos da crise, fui acrescentando tempos depois outros artigos, procurando manter o viés que me levou à produzir aqueles primeiros textos.³²

Esses anos que sucederam a morte de minha filha não foram fáceis. Por mais que eu me esforçasse e desejasse produzir, pesquisar, dar aulas e lutar, para que eu mantivesse o sentido da vida, e de certa forma até tivesse obtido algum sucesso nessas atividades, como na pesquisa e na extensão, que relatarei a seguir, eu já não era mais o mesmo. Ao mesmo tempo que me empolgava com as atividades que resolvia assumir, me via também numa espécie de cobrança excessiva, como de alguma maneira eu tentasse me punir pela perda de minha filha. Até que resolvi me divertir

³¹ DECIFRANDO O SISTEMA CAPITALISTA – CRISES ECONÔMICAS E O PODER DAS GRANDES CORPORações <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2010/09/decifrando-o-sistema-capitalista-crises.html>

³² CRÔNICA DE UM MUNDO EM TRANSE – CAPITALISMO, UM SISTEMA FINITO (PRÓLOGO) <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2017/02/cronica-de-um-mundo-em-transe.html>

nas rodas de samba, em ambientes que passaram a surgir, alguns dirigidos por amigos, e assim, dessa forma procurar extravasar um pouco daquela tensão que apertava o peito e me prendia ainda às lembranças que pouco a pouco me consumia.

O primeiro caminho foi refluir na militância política. Eu não sentia mais aquele forte apelo dentro de mim, que me empurrava para os embates. E me sentia apático, embora compreendesse que havia um processo de desorganização sistêmica que provocaria ainda o acirramento das contradições sociais e aumentaria a crise em curso. No entanto, ideologicamente eu me mantinha fiel aos paradigmas que desde quando entrei na universidade resolvi seguir.

Uma segunda atitude, em parte já relatada aqui, foi o questionamento sobre o papel da universidade. Talvez meu dilema pessoal, tenha me feito ficar tão ácido nos meus olhares sobre a universidade, de qualquer maneira procurei me aprofundar por meio de leituras e discussões com colegas de outras universidades e fui me mantendo numa direção que culminou com a minha candidatura a reitor. Mas minhas críticas não eram destrutivas, pelo contrário, sempre foquei em abordagens que apontavam para a necessidade de fortalecer a universidade e levá-la para mais perto da sociedade. Além de combater o excesso de burocracia e de exigências que provocavam adoecimento em muitos de nós, professoras e professores. Eu queria uma universidade mais aberta, e a via cada vez mais fechada, dentro de uma enorme bolha. E acredito até que essa condição a tornou mais fragilizada nesse momento em que um governo ultraconservador mira na educação, na ciência, com as universidades como inimigos prioritários para atender às suas estultices negacionistas e anticientíficas. O distanciamento da universidade, na relação com a sociedade, impede que as pessoas possam compreender a importância dessa instituição, para o desenvolvimento local, regional e nacional.

Contudo, mesmo diante desses dilemas, entre o mundo real que me instigava e os devaneios provocados pela condição fortemente emotiva que me deixou profundamente abatido por pelo menos cinco anos, eu sempre tive na universidade

o meu recanto, e no ambiente de trabalho, no Instituto de Estudos Socioambientais, um porto seguro a me acalantar nos momentos mais difíceis.

Claro que minha vida nunca foi um mar de calmarias, creio que a de poucas pessoas consegue ser. Para além das perdas pessoais, nossas escolhas políticas terminam também por deixar algumas sequelas pelo meio do caminho em nossa atividade. No caso que relato, isso se deveu também a decisões internas da universidade, quando da elaboração de uma portaria do ex-ministro Paulo Renato, durante o governo Fernando Henrique Cardoso, que vetou as progressões por tempo de serviço, concedendo esse direito apenas aos que tivessem titularidade. Como pelas razões já descritas eu demorei a obter o doutorado, terminei ficando retido por anos como professor Assistente-IV. Só que portaria não tem o poder de substituir uma lei, e por ela eu, e tantos outros professores e professoras nessa mesma situação, tínhamos direito de progredir na carreira, embora não fôssemos ganhar como doutor, mas deveríamos, sim, poder ascender a Adjunto.

Nos restou, anos depois, por meio de ação jurídica no Sindicato contestar essa condição, ao nosso ver, ilegal. Como já acontecera com outros colegas, o processo judicial já com jurisprudência, era garantia de sucesso, o que terminou por acontecer. O desânimo, a crença de que já havia feito muito no tempo em que estive na universidade, me fez projetar a aposentadoria. Só que essa reviravolta, com a vitória judicial que me garantia a progressão na carreira e a promoção para professor Titular, prolongou minha permanência na universidade. Apesar do desejo da aposentadoria continuar, para poder garantir, por direito, minha ascensão a Titular, terminava também por ser mais um estímulo, e assim resolvi encarar uma nova realidade e me desdobrar para escavar do meu cérebro memórias que estavam escondidas, e poder buscar momentos que nos últimos anos estavam esquecidos. Nosso cérebro atua também de forma autônoma a nos proteger, e diante de certos traumas algumas lembranças fogem, mas não desaparecem.

Não estou, contudo, ainda concluindo. Procurei estender um relato nessa relação com a universidade antes do fim, mas quis também acrescentar um capítulo

à parte o que comecei a falar algumas páginas atrás. Meus projetos de pesquisa e de extensão, tendo como foco os recursos hídricos, a água, e as nascentes. Porque isso me completou como professor, docente e pesquisador, de uma universidade que temos orgulho em dizer que se firma no tripé: ensino, pesquisa e extensão.

Eu já tinha adquirido orgulho por ser professor, assumi a frente das lutas em defesa dos grupos PET, me tornei liderança quando por duas vezes estive à frente do nosso sindicato, dei minha contribuição técnica como superintendente de apoio e fomento à pesquisa da Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia, fui por duas vezes secretário regional da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, e, para além das pesquisas que me tornaram mestre e doutor, eu precisava, por coerência, desenvolver um projeto de pesquisa que marcasse minha trajetória de pesquisador. Quanto à extensão eu já tinha participado de diversos outros projetos, mas criei dois, um quando inscrevi o meu Blog Gramática do Mundo como um projeto de extensão; e o outro saiu de dentro das salas de aulas, embora por conhecimento de outras iniciativas já existentes em Estados como São Paulo e Minas Gerais, que tinha como objetivo identificar as nascentes no perímetro urbano da região metropolitana de Goiânia. Falarei sobre esses projetos a seguir.

Desde quando em 2006 tive acesso ao Relatório do Desenvolvimento Humano daquele ano compreendi que tinha um tema ali que despontaria para o século XXI como um dos mais importantes para os Estados-Nações. Aquele relatório, mesmo discordando de algumas de suas conclusões, me direcionava para uma linha de pesquisa que aglutinava grupos de pesquisadores ao redor do mundo, como o “Waterlat”,³³ em que tive oportunidade de participar e apresentar trabalho, em São Paulo, no Memorial da América Latina. Parte desse histórico eu já relatei, e o que me levou a ter a água como objeto de pesquisa, não somente como um bem comum, mas também como um recurso, e por isso com enorme importância estratégica. O projeto de pesquisa que inicialmente seria minha tese de doutorado viria a se tornar uma referência em meus trabalhos. Com algumas mudanças, a fim de poder concorrer em editais que exigem um foco mais específico, e voltado para a realidade do cerrado e do Estado de Goiás. Com isso consegui ver aprovado o projeto que mirava num município que passava por uma transformação econômica acentuada, com o crescimento do agronegócio, a ponto de em 2010 ter sido alçado à condição de primeiro lugar dentre os principais municípios com maiores PIBs agrícolas. E, embora nos últimos anos sendo superado por outros, se mantém na lista dos dez que mais se destacam nesse setor.

O diferencial é a quantidade de água disponível, a prática de construir barramentos para reter água e o número exponencial de pivôs centrais. A região possui maior concentração de pivôs centrais da América Latina, onde se situa Cristalina, entorno do Distrito Federal, mas próximo a Minas Gerais, com os

³³ <https://waterlat.org/pt/> - WATERLAT-GOBACIT é uma rede inter- e transdisciplinar de ensino, pesquisa e intervenção inter- e transdisciplinar no campo da política e da gestão da água. Aborda temas como a conflitividade social em relação as desigualdades e injustiças emergentes da implementação de megaprojetos hidráulicos, do extrativismo, da mercadorização dos serviços essenciais, ou do impacto dos grandes desastres hídricos.

municípios mineiros de Unaí e Paracatu lhes fazendo fronteiras exatamente pelo rio que nos propusemos a estudar: o Rio São Marcos.

Eu não queria ver a água somente como o bem comum que considero que seja, e que deva se manter nessa condição. Mas para além disso também como um recurso, essencial para todo e qualquer processo produtivo, para a dessedentação de animais, para a irrigação e, claro, o abastecimento humano. Os estudos e conclusões do relatório da ONU davam a dimensão de um problema mundial, e que, exatamente por se tratar do recurso mais essencial para a vida humana, a escassez de tal produto, já em curso por diversas regiões do mundo, se transformaria na maior crise que a humanidade poderia enfrentar no século XXI. Algo de difícil solução, porque a própria lógica de funcionamento do sistema capitalista, de caráter absolutamente expansivo, levará essa situação a um provável ponto de não retorno.³⁴

Com a preocupação de focar os estudos e as análises sobre a água sob um olhar estratégico, e tratar a escassez da água por meio da geopolítica, eu me entreguei a essa temática e fui por ela me apaixonando. E quanto mais eu me aprofundava nessa questão, mais aumentava as minhas preocupações e temores em relação às consequências que afetariam o mundo diante das negligências dos poderes estatais em uma questão crucial quando o assunto é a água: a gestão desse recurso vital.

Havia, no entanto, a necessidade de fazer um recorte espacial, na linha do que estava estabelecido pelo edital de pesquisa, por isso Cristalina surgiu como um ambiente adequado para isso. O que não me distanciava das preocupações iniciais, porque é na agricultura que se concentra a maior demanda pela água. Procurei assim elaborar uma abordagem que partisse do geral para o específico, como eu sempre buscava fazer em meus trabalhos, dentro de uma noção de totalidade. Como sempre me guiei a partir das metodologias marxistas, e depois me familiarizando com a forma como Milton Santos procurava direcionar suas análises. Com isso indiquei no meu projeto de pesquisa, e assim como também fazia no planejamento de minhas aulas de Geopolítica das Águas, no enfoque apresentado pelo relatório do

³⁴ <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2016/02/como-sobreviver-um-sistema-expansivo-e.html>

desenvolvimento humano da ONU de 2006, abordando a questão da água em sua dimensão macro, procurando a partir daí identificar os gargalos e problematizar nas especificidades de seus usos as dificuldades que se ampliavam na medida utilizações abusivas e sem controle desse recurso. Daí passar para o estudo do uso da água na região de Cristalina representava exatamente essa linha, de identificar esses diferentes usos e o quanto eles impactavam na exploração desmedida da água e com baixa fiscalização dos órgãos públicos.

Mas me deparei com uma constatação, para mim, historiador, não difícil de perceber. A importância da irrigação num mundo em que a crise alimentar se amplia, inclusive tendo como uma de suas causas a escassez hídrica. O método dialético, e a noção de totalidade, ajudava a compreender essa relação complexa. O olhar do historiador, de como no passado a irrigação contribuiu com o desenvolvimento das civilizações, e do melhor controle da agricultura; e da Geografia e dos estudos socioambientais para entender essa dimensão espacial e a territorialização das bacias hidrográficas e seus conflitos, aumentava a minha empolgação com o que eu tinha me debruçado a estudar.

Me dedicar ao estudo da água, dos problemas hídricos de uma maneira geral, a partir de um olhar geopolítico, me deu um novo ânimo, em um momento de uma certa crise e após o processo no qual eu me candidatei a reitor, restando ao final uma certa ressaca com a perda de perspectiva e a sensação de já ter encerrado o meu ciclo na universidade. Me reanimei e isso teve reflexo também nas minhas aulas. O que me possibilitou gerar um novo questionamento, que até então mesmo eu, que me aprofundava no estudo da água, ainda não tinha adquirido a real percepção. Afinal, de onde vem a água que forma os mananciais e segue em direção aos grandes rios, formando uma bacia hidrográfica?

Assim compreendi que, para além dos estudos estratégicos, eu precisava compreender de onde vinha, para onde ia e as condições das águas, fosse nos ambientes onde a natureza ainda estava mais exuberante, nas propriedades agrícolas e nas áreas urbanas. Daí ficou mais forte a necessidade de saber, onde nascem os

rios? Isso gerou o projeto de extensão “Caçadores de Nascentes – onde nascem os rios da região metropolitana de Goiânia”.³⁵ Passei a partir de então a estabelecer uma relação direta dos meus projetos de pesquisa e de extensão, com a disciplina Geopolítica das Águas. Percebi a importância disso quando compreendi que dessa forma eu firmava o tripé, “ensino, pesquisa e extensão”.

O projeto de pesquisa e o de extensão me empolgavam, e ainda havia a necessidade de atender a demanda pela outra pesquisa, a Guerrilha do Araguaia, em vias de completar 50 anos do seu começo (1972-2022), assunto que me prendia e me agradava, e do qual eu não podia me distanciar, pelo fato de ter publicado dois livros sobre o assunto. Eu me via no melhor momento da minha produção acadêmica, tendo até mesmo participado em 2019 de um Simpósio Internacional de Geopolítica na cidade de Alfenas, em Minas Gerais, sendo agraciado com a seleção do meu trabalho, apresentado juntamente com mais duas alunas, para publicação numa das principais revistas de geopolíticas, a revista franco-brasileira publicada pela USP, *Confins*.³⁶ Mas de repente tivemos que lidar com o inusitado, talvez não tanto inusitado assim, por ser nitidamente consequência da maneira como estamos tratando a natureza. A pandemia da Covid19, a partir da disseminação do vírus SarsCov2, nos obrigou a um distanciamento social e impactou fortemente na universidade, como por todos os cantos da sociedade, paralisando nossas atividades presenciais e nos afastando das pesquisas de campo por dois anos.

Me vi prejudicado, assim, de uma só vez, no desenvolvimento do projeto de pesquisa, porque impediu os trabalhos de campo previstos no plano de trabalho, mesmo conseguindo uma prorrogação de um ano para a conclusão da pesquisa. Ocorre que a pandemia durou mais do que o esperado e me forçou a cancelar duas viagens a Cristalina, e justamente as que pela previsão demoraria mais tempo em campo.

³⁵ CAÇADORES DE NASCENTES – ONDE NASCEM OS RIOS?
<https://gramaticadomundo.blogspot.com/2021/06/cacadores-de-nascentes-onde-nascem-os.html>

³⁶ Territórios africanos: colonização ímpia, descolonização cruel e globalização perversa
<https://journals.openedition.org/confins/37649>

Da mesma forma o projeto de extensão foi prejudicado, porque para que ele se completasse era necessário o funcionamento regular das escolas, principalmente as de ensino fundamental, e preferencialmente as públicas não privadas. A atividade com as escolas é um complemento fundamental ao projeto, porque elas se tornariam parceiras na identificação de nascentes próximas a elas, bem como envolveria os alunos e alunas em atividades educativas e de preservação, com um subprojeto denominado “Adote uma Nascente”.

O projeto de pesquisa não pode mais ser prorrogado, e tivemos que concluir os relatórios finais, com as limitações impostas pela pandemia. O projeto de extensão ainda está em andamento, tendo sido realizado um curso a fim de orientar as melhores formas de identificação das condições das nascentes. No tempo desde sua criação já analisamos, por meio de atividade a campo da equipe que compõe o projeto, em grupos divididos por regiões, mais de três dezenas de nascentes. Incluo nessa lista os trabalhos desenvolvidos nos anos de 2019 e 2020, em atividade de avaliação promovida na disciplina Geopolítica das Águas. Com isso já identificamos as condições de inúmeros mananciais e constatamos as condições degradantes não propriamente das nascentes, a maioria preservadas porque em torno delas foram construídos parques, em parceria com incorporadoras e construtoras, mas no que a partir delas os córregos se transformam, em verdadeiros esgotos a céu aberto. A identificação, clara, é que as cidades estão matando nossos mananciais, e dificultando cada vez mais a solução dos problemas gerados pela escassez de água. A maquiagem apresentada no entorno de muitas nascentes, nesses parques mantidos em grande parte pela iniciativa privada, esconde uma realidade para além do que se desfrutam as populações que acorrem para esses ambientes, cujas áreas são valorizadas despontando um grande adensamento populacional, com a multiplicação de prédios de apartamentos, em muitos casos de alto valor imobiliário.

O que se impõe a partir de agora com esse projeto, para além de continuar identificando as centenas de nascentes escondidas em meio a dutos e asfaltos, é o envolvimento das escolas, para que possamos completar a proposta do projeto e

inserir-las, de forma a educar uma geração que se preocupe não somente em identificar e preservar as nascentes próximas onde elas moram e estudam, mas também ao manancial que irá, ao final, completar as águas da bacia mais importante da região metropolitana de Goiânia, a bacia do Rio Meia Ponte, este também um rio tomado pela poluição de efluentes despejados por indústrias e por esgotos sanitários.

TODOS OS TEMPOS

Olhando o futuro pelo retrovisor

“Tudo que passou no tempo, morreu. Ficou em nossas lembranças. Um artista, que imortalizou sua obra; um líder revolucionário que deixou um legado ao seu povo; um pai, ou uma mãe, que nos deixou ensinamentos e lições. Mas também uma árvore que se foi, um animal de estimação que perdemos, uma oportunidade que passou, nossa infância, tantos amigos, momentos que não voltam. Tudo representa agora, afinal, momentos passados, que se foram. Morreram. Mesmo assim nos lembramos com alegria, apesar de não compreendermos jamais como lidar com a morte, eterna certeza a nos acompanhar... Olho no retrovisor para buscar, no passado, exemplos que me ajudem a seguir no presente por caminhos que me façam novamente sorrir com alegria, tendo sempre comigo a lembrança da minha eternamente pequena Carol”.

Esse é um trecho de uma das crônicas que escrevi no livro “Depois que você partiu”, dedicado à minha filha. E o título é o mesmo que está acima, “Olhando o futuro pelo retrovisor”.³⁷ Essas reflexões, em que eu buscava questionar o que seria mais importante em nossas vidas, se as lembranças do passado, se o presente em que a maioria de nós vive a lamentar, ou o futuro construído por ilusões, misticismos e desejos de prolongar nossas vidas sabe-se lá até onde, visto que sempre queremos nos afastar da morte, quanto mais nos aproximamos dela.

³⁷ <https://gramaticadomundo.blogspot.com/2017/11/olhando-o-futuro-pelo-retrovisor.html>

Eu me via em um labirinto, onde mesmo se eu andasse em qualquer direção, chegava sempre ao lugar da partida. O fato é que se não podemos mudar o passado, tampouco temos o poder de definir como será o futuro. Porque o imponderável, o acaso, ou como possam querer algumas pessoas, o destino, pode nos levar por caminhos não desejáveis. Ou até mesmo a morte, pode em algum momento interromper qualquer tentativa de pavimentar um caminho. Entendi que importava mesmo é saber como lidar com o presente. Nele podemos identificar os traços do passado, pelo que construímos ou pelo que deixamos de construir. Isso nos fez chegar ao nosso tempo presente. Então, da mesma maneira dita na frase já citada, muito repetida por Eduardo Galeano, se a utopia é isso, algo que está distante e que quanto mais caminhamos, mais ela se afasta, assim também é o futuro. Pois se vemos um ponto lá ao longe, que possa representá-lo, se atingirmos aquele lugar, o que temos é o presente, e assim sempre será.

É claro que a visão mística que embala as pessoas empurra a humanidade nessa direção, e na permanente crença que o futuro será radiante, melhor que o presente, seja nesta ou em outra vida. Isso de certa maneira torna-se uma espécie de estímulo, a fim de que as pessoas não desistam diante de alguma dificuldade, e assim possam superar as adversidades, acreditando que amanhã será diferente. Foi dessa forma que a humanidade conseguiu ir muito além do que se poderia imaginar, em termos de avanços tecnológicos, de transformações impressionantes na maneira de viver, de construir espaços edificados ultrassofisticados, de desenvolver técnicas e descobrir inventos que, por meio da ciência, são superados incessantemente.

No entanto, não se consegue transformar o mundo em um ambiente de igualdade, respeito e diversidade, com distribuição de rendas e condições de vida dignas para que cada um, ou cada uma, possa viver o presente, sem ficar à mercê do sonho de um futuro imponderável. A capacidade de elaborar ideias, e através delas, por meio das ferramentas construir o que sua mente ditava, fez do ser humano o centro do universo. E se isso foi um bem a ser comemorado, foi um mal na relação com a natureza. O antropocentrismo acentuou e acelerou a maneira como a ação

humana destrói a natureza para construir seus ambientes deslumbrantes arquitetonicamente e perversamente desiguais.

O que nos conta o presente não é a hipótese ou o que pensamos em construir pela frente, mas o que construímos no passado que nos trouxe até aqui. Penso que esse é o objetivo do Memorial que aqui estamos elaborando e prestes a ser avaliado, pelos que compõem uma banca avaliadora, e, depois, pelos que tiverem oportunidade de lê-lo. No entanto, nossa vida produtiva não se conta somente na Universidade, embora pela vivência e o tempo em que estamos nela, formatamos nosso jeito de ser e de olhar o mundo, a partir das observações, das elaborações, das construções e dos paradigmas que passamos a conhecer e que escolhemos seguir.

Como exposto nos capítulos que compõem esse Memorial me guiei por diversos paradigmas, em momentos distintos de minha vida. Na juventude o cristianismo me guiou. Não essas aberrações ditas de um cristianismo hipócrita em que se transformou várias seitas oportunistas e pregadores de caracteres duvidosos. Mas aquele cristianismo que tinha no pobre o seu olhar de permanente empatia, em contraposição aos gananciosos e usurários que exploram e se impõem sobre as fragilidades das populações oprimidas. Segui pela Teologia da Libertação, no rumo que indicava o caminhar da igreja com os oprimidos.

Rompi com esse paradigma, embora mantendo muitos de seus valores, e pelo enorme apreço e amor que eu nutria por minha mãe e sua irmã, minha madrinha, católicas fervorosas e pessoas maravilhosas que me inspiravam. Esse rompimento se deu quando no embate que acompanhava a guerra fria, a escolha de um Papa veio para combater o que se chamava de infiltração do marxismo nos ideais cristãos. Dessa forma os que professavam a Teologia da Libertação foram sendo perseguidos dentro da Igreja Católica, e alguns sendo punidos por meio do chamado “silêncio obsequioso”. Um desses propagadores dessa linha aqui no Brasil, o então frade Leonardo Boff, que eu conhecera pela leitura de seu livro “O Caminhar da Igreja com os Oprimidos”, foi punido dessa forma, optando por renunciar ao sacerdócio do que a se calar diante do rumo que a alta cúpula da igreja tomava, tornando-se um

instrumento da guerra fria a fim de fragilizar mais ainda uma União Soviética que já estava se desintegrando, bem como a ideologia que a movia.

A escolha do papa polonês Karol Józef Wojtyła, denominado João Paulo II, atendia a interesses geopolíticos, em um momento crítico da igreja, após a morte até hoje mal explicada, mas que se sabe por meio de envenenamento, daquele que seria papa naquele momento e ficou conhecido como João Paulo I, de perfil progressista, mas de curta vida nessa condição, somente por três meses. E assim mudou-se o rumo da igreja, principalmente na América Latina. Na perseguição à Teologia da Libertação, desde 1981, esteve o responsável pela Congregação para a Doutrina da Fé e sucessor de João Paulo II, Joseph Aloisius Ratzinger, que viria a se tornar Bento XVI, um dos papas mais conservadores do pós-segunda guerra mundial.

Foi exatamente na universidade que mudei meu paradigma. Na verdade, mudei minhas opções ideológicas, porque mantive o mesmo paradigma, pelo qual desde quando participava das comunidades eclesiais de base (CEB), na linha da Teologia da Libertação eu já seguia. Minhas escolhas político-ideológicas se misturaram por um tempo, entre a ainda compreensão da vida por um viés religioso, católico, e o marxismo, cujo discurso revolucionário já estava contido na linha que eu seguia, e reportava ao cristianismo primitivo, buscando romper com o modelo de sociedade em que uma minoria enriquece às custas do trabalho e da miséria da maioria da população, cada vez mais pobre e oprimida.

O rompimento que a igreja fez com a teologia da libertação, ao mesmo tempo em que eu me introduzia nos conhecimentos adquiridos pelas leituras marxistas, da dialética materialista e do materialismo histórico, me colocou em uma posição de forte contradição não pelo olhar revolucionário do mundo, mas pelos questionamentos que comecei a fazer à fé que me conduzia. Um novo paradigma filosófico-ideológico me seduzia, e juntamente com ele a dúvida entre a espiritualidade e a materialidade do mundo. Assim, me tornei ateu, numa transição que me levou a escolhas ideológicas anticapitalistas que iriam me moldar a partir dali

em toda a minha formação, com o uso de metodologias adotadas para meus estudos, análises e pesquisas.

Não me tornei, no entanto, um ateu radical. Nunca tive como objetivo transformar as minhas novas escolhas ideológicas em um embate com quem tem qualquer tipo de fé ou crença na espiritualidade do mundo, mas sim contra o mundo material que por meio das estruturas capitalistas constroem sociedades vergonhosamente desiguais. Além do que eu convivia com uma família católica, muito bem, e com um irmão evangélico, sem nenhum tipo de animosidade em função dessas diferenças ideológicas, como já citei nas referências à minha mãe e à minha tia e madrinha. Assim como também jamais intervi nessas escolhas pelos caminhos que meu filho e minha filha trilhavam desde pequenos, principalmente minha filha, influenciada pela avó, católica fervorosa.

Por isso insisti nessa parte em valorizar, pelo próprio objetivo que se propõe um levantamento de nossas vidas que recomponham nossas memórias, como se deu o meu percurso desde quando vivi na Bahia, até chegar a Goiás, e, principalmente, quando entrei na universidade e passei a lidar com um universo de estudos, conceitos, categorias, ideias e concepções filosóficas que eu desconhecia, em meio a alienação de uma rotina de vida anterior, marcada pela necessidade de sobrevivência e distante dos envolvimento políticos.

Assim, entendo que para ser coerente com o que venho escrevendo nos últimos anos, por toda reviravolta que minha vida teve, o que devo valorizar em minha vida é o meu passado e tudo que o envolve, entre tristezas e alegrias, entre decepções e conquistas. E o presente, que nos permite viver a vida, enquanto estamos vivos e envelhecendo a cada momento e a cada minuto que possam ser vistos como o futuro que chegou, mas que nem sempre planejamos ou desejamos. Daí o desafio de saber lidar com esse presente e com o que o passado possa nos ensinar.

Mas, há sempre um *mas*, a nos alertar para algo a acrescentar, ou aquilo que o imponderável nos forçou a mudar e precisamos ter a plena noção do que isso possa

significar. Certa vez, minha irmã que também gosta de escrever, e possui uma página em um site de poesias,³⁸ me disse, ela que sempre lê meus artigos, que eu usava o “mas” repetidamente. Passei a observar esse detalhe em meus textos, e a pensar que talvez isso fosse uma forma, mesmo que inconsciente, de sempre apresentar um óbice à minha maneira de ver as coisas, de, talvez, sempre apontar alternativas que pudessem completar aquele olhar. Seria isso também algum sintoma de insegurança naquilo que eu vivo, vejo e compreendo, em meio às adversidades, ou àquilo que de alguma maneira me contraria e que eu não tenha firmeza, convicção, em tratá-lo de maneira firme e objetiva? Quero nessas páginas finais, não conclusivas, deste memorial, tentar clarear essa questão.

Tudo indica que os tempos normais, ou pelo menos como pensávamos que eram assim, se esfumaram em meio ao recrudescimento de uma crise política, que, como sempre, decorre de crises econômicas e provocam dilemas sociais terríveis, e perversos para os mais fragilizados socialmente. Todo esse processo, aqui narrado como parte do meu tempo vivido, explodiu em 2019 quando surge um vírus mortal, não somente de alta letalidade, mas com uma capacidade de contágio impressionante. A rapidez com que se deu a disseminação desse vírus, o SarsCov2, decorre das condições nas quais a sociedade globalizada, capitalista, se encontra. Porque vírus mortais e pandemia não são novidades na história humana. O diferencial de nossa época é a rapidez dos deslocamentos, das pessoas e das mercadorias, numa proximidade dos distantes pela facilidade dos meios de transportes e da maneira como as pessoas se movem pelo mundo.

A pandemia da Covid19 afetou a economia capitalista, atingindo em cheio as cadeias produtivas, pela necessidade de distanciamento social, ou pelos *lockdowns* impostos como condição de reduzir o grau de contágios. No começo de 2020, quando fomos obrigados aqui no Brasil a entrar no processo de isolamento e praticamente paralisarmos as nossas atividades sociais, o que assim aconteceu na universidade, para mim, que já vinha acompanhando por meio dos meus estudos e

³⁸ Ana Campos – Recanto das Letras - https://www.recantodasletras.com.br/autor_textos.php?id=135213

pela necessidade exigida pela disciplina de Geopolítica, era visível que a crise mundial se intensificaria. E, pelas condições políticas de um país em pleno desajuste social e moral, com a mudança política tendo se endereçado para um governo sem empatia, antissocial, perverso no olhar sobre as desigualdades e as diferenças sociais, se reforçava a percepção que viveríamos anos de crise intensa e ampliação da pobre e da miséria.

Assim, eu tinha certeza quase absoluta sobre as consequências que adviriam das condições geradas pela pandemia, pela crise econômica mundial e pelo desajuste político interno. O que tínhamos era uma tempestade perfeita, com a combinação de circunstâncias que levariam o nosso país ao fundo do poço, ou próximo disso. Como não era uma situação específica do Brasil, e sim, afetaria boa parte do mundo, o agravante era muito maior, o que nos jogava num pessimismo e numa preocupação deprimente, porque nada se podia fazer de concreto. E assim foi por dois anos, embora não tenha ainda chegado a um fim.

Todavia, para quem via quase que se fechando o seu ciclo de atividade e permanência na universidade, por mais paradoxal que isso possa parecer, a pandemia e o distanciamento imposto pela necessidade de se combater a disseminação do vírus, me deu uma sobrevida em termos de estímulo para que eu permanecesse ativo e atento ao que estava acontecendo e as consequências daquilo. Afinal, eu vivia um momento drástico da humanidade, quando pela história já havia estudado situações parecidas. Estar em meio às turbulências sociais é diferente de somente analisá-las. Não se trata de estudar o que aconteceu, mas compreender o que está acontecendo.

Me entreguei com afínco à compreensão de uma realidade que, de repente, se transformou no seu oposto. Ou, melhor dizendo, ficamos de ponta-cabeça. Todo o ímpeto marcado por uma sociedade consumista e cada vez mais espetacularizada, onde a rapidez, a transformação tecnológica e a produção em escala acelerada é a marca principal, aliados a competição, fora freado por um vírus praticamente invisível. O impacto disso, não havia dúvida, seria brutal. E, como sempre, impactaria mais sobre os mais pobres, os vulneráveis socialmente.

Tão logo entramos em quarentena, porque a universidade paralisou por completo em suas atividades presenciais, entendi que precisava me adequar à lógica das mídias sociais e dos blogs e sites, bem como de plataformas que sequer conhecíamos, e que precisávamos agora conhecer e saber lidar com elas. Logo botei em funcionamento o meu canal no YouTube³⁹, que eu havia criado em 2011, na tentativa de difundi-lo como fiz com o blogger, mas não tinha seguido adiante. A pandemia fez com que eu tornasse o canal ativo, e por meio dele desenvolvesse algumas atividades como complemento de minhas disciplinas, ou com temáticas fora delas, mas importante nas linhas políticas e geopolíticas que eu trabalho.

Procurei também fazer cursos a fim de aprender a lidar com novas plataformas. Não propriamente novidades no ambiente virtual, mas muitos de nós da universidade não as utilizávamos. Por isso foi preciso que por meio de setores da própria reitoria esses cursos servissem para nos ajudar a lidar com o que passaria a ser, a partir de então, como uma nova rotina, chamado por alguns, com a minha divergência, de “novo normal”. O que vivíamos, e estamos vivendo, não é “novo normal”, não é anormal, tampouco é atípico, mas simplesmente consequência das transformações de um mundo em constante ebulição, e numa relação doentia com a natureza. Em certa medida já previsto por pesquisadores, diante do estrago protagonizado pelo ser humano, que acelera processos de extinção de diversas espécies e afeta rapidamente o equilíbrio ecológico, no fim da era antropocêntrica, conforme já indicado por estudiosos nessa área.⁴⁰

Assim fui me entronizando em um novo ambiente por mim desconhecido, embora já engatinhasse nele. Insisti com colegas que era preciso nos adaptarmos a essas plataformas, porque desde o começo da pandemia eu tinha a percepção que passaríamos um bom tempo naquelas circunstâncias. Encontrei resistências, e apesar disso reforcei esses instrumentos e passei a publicar artigos numa celeridade que eu tinha reduzido. Assim como participei ativamente de eventos remotos, muito pela visibilidade que passei a ter, com a insistência na divulgação daquilo que eu produzia.

³⁹ Canal Romualdo Pessoa - <https://www.youtube.com/user/ROMUCAPESSOA/featured>

⁴⁰ <https://www.nationalgeographicbrasil.com/meio-ambiente/humanos-sobreviverao-a-sexta-grande-extincao>

Também publiquei textos em revistas eletrônicas, seguindo as diretrizes exigidas para artigos acadêmicos, porque entendia que era fundamental analisar tudo aquilo que vivíamos sob os olhares da Geopolítica e da História. Mesmo com uma abrangência limitada, em termos de visualizações, eu considerava importante expor historicamente que não passávamos por uma situação inédita, mas que a humanidade já lidara com situações semelhantes em pouco mais de um século e até mesmo em décadas atrás.

As aulas remotas jamais substituirão as presenciais, assim como nenhuma pesquisa pode abdicar de trabalhos de campo, do contato pessoal com o seu objeto de pesquisa, embora isso vá sendo reduzido pela virtualidade que afeta a nossa vida e faz parte da intensificação das transformações tecnológicas. Mas percebi que o conteúdo de minhas aulas poderia ser plenamente adaptado a esse novo formato, inclusive com a utilização de vídeos documentários e filmes. Para além das disciplinas regulares, organizei grupos de estudos, no intuito de compreender toda a ebulição que elevava a temperatura política e geopolítica em diversos países, em meio à crise gerada pela pandemia. Fomos assim nos incorporando a uma situação forçada, da qual pouco podíamos fazer para alterar, a não ser reforçar a importância da ciência em momento de discursos negacionistas que procuravam confundir pelo medo, pelo desconhecimento e pela ignorância, a sociedade brasileira.

A universidade foi se adaptando a esses mecanismos e a essas metodologias que nos possibilitassem desenvolver nosso trabalho de formação acadêmica, e de pesquisa, procurando ao mesmo tempo evitar o alto número de desistência de estudantes em alguns cursos, numa evasão preocupante, que se mostrou real quando as atividades presenciais retornaram, potencializada por uma crise socioeconômica que se intensificava e afetava a juventude de diversas maneiras. E nos afetava também.

Em 2020 aumentei bastante a produção de artigos em meu blogger, e boa parte eram reflexões partidas das discussões nos grupos de estudos e no conteúdo das disciplinas. Eu tinha como foco a pandemia e suas consequências, mas também uma

crise econômica que eu via como estrutural no sistema capitalista. Não consegui repetir em 2021 o mesmo ímpeto, mas eu acreditava que tinha abordado as questões cruciais e o que eu viesse a seguir publicando seria, em boa parte, repetição do que eu já havia dito. Também porque o ambiente virtual já nos consumia em excesso e sentíamos falta das atividades presenciais. A ida à universidade me dava uma forte sensação de melancolia. A ausência de movimentação tradicional em um campus universitário, me deixava meio depressivo. Afinal fora ali, naquele espaço que superei muitos dos meus problemas angustiantes, em meio às tristezas, e onde me fiz docente pelos longos e aprazíveis 42 anos. Me doía muito ver o campus sem os estudantes, um ambiente triste repletos de folhas secas deixadas ali sem serem recolhidas, porque não importava tanto já que as pessoas estavam isoladas. Tão triste ver, quanto lembrar. E reconhecer que mesmo com o retorno à “normalidade”, ainda sentimos falta da agitação que faz da universidade um ambiente vivo e pleno de vitalidade, em todos os sentidos.

Não é fácil chegar ao fim desse relato, como um escrevinhador de memórias, mas também por um personagem que viveu intensamente cada momento nesse ambiente rico e fértil, que me transformou radicalmente e me possibilitou ser aquilo que tanto desejava, um professor de uma universidade. Lembrar dos momentos de avidez pelas lutas e manifestações, da intensidade de nossas relações, dos embates políticos e disputas ideológicas, da entrega para desenvolver uma pesquisa que me tornasse mestre, da ansiedade por um concurso que me desse oportunidade de virar professor, e dos vai-e-vem da vida, que oscila em diversas direções e faz do nosso percurso um tobogã, ou como na música de Lulu Santos, como uma onda, num vai e vem infinito. Sabendo, pelo que a vida nos levou a entender em sua dinâmica dialética, que nada do que foi será, de novo do jeito que já foi um dia.⁴¹

Quando fiz a opção por um Memorial, e não por uma tese, as opções que nos são postas para nossa promoção a professor Titular, meu querido amigo Eguimar Chaveiro, uma das pessoas com quem sempre mantive uma relação forte de respeito e amizade, e alguém que me deu apoio e conforto por meio de suas palavras e empatia nos anos que se seguiram ao meu calvário pós-morte de minha filha, em conversa aberta comigo alertou para o quanto é doído esse exercício de mexer com as memórias, quando temos traumas muitas vezes ainda não bem tratados. Ainda assim preferi esse caminho, até pela necessidade que eu sentia de contar a minha história para além da universidade.

Outros fatores me estimularam a fazer essa escolha, vou destacar um em especial, até porque é o que muitas vezes me entristece na relação com a universidade. Nosso ambiente é marcado pelo ingresso e o desenvolvimento de cada um de nós, e aqui construímos uma carreira, muitas vezes desvalorizada, e contra isso lutamos permanentemente. A partir dos anos 2000, com o advento desse novo século, bem

⁴¹ COMO UMA ONDA (Música de Lulu Santos) - <https://www.lettras.mus.br/lulu-santos/47132/>

como uma geração que se formou já numa transição complexa, num ambiente de advento da globalização e das ideias neoliberais, com o despontar também de um novo modelo de universidade, que se adequasse àquilo que o mercado exigia, nosso ambiente passou a ficar marcado pelo produtivismo. Não que isso seja de tudo condenável, não se trata de negar a importância disso, quando temos a responsabilidade de produzir os resultados de nossos estudos e trabalhos de pesquisas. Mas quando isso se torna um fim, ao invés da simples demonstração daquilo que produzimos, e de forma obsessiva passamos a ser marcados pela contagem de artigos publicados, abandona-se a valorização de nossa relação com a universidade, de como nossos alunos e alunas seguiram em frente a partir dos saberes que transmitimos e de nossa história para consolidar uma instituição historicamente atacada pelos setores conservadores.

Precisamos contar a nossa história, que se soma a história dessa universidade. A Universidade Federal de Goiás completou 62 anos de existência nesse ano de 2022. Desses anos celebrados eu participei de dois terços, exatos 40 anos, e boa parte deles em uma luta incessante pela qualidade do nosso ensino, pelo respeito às diversidades, no fortalecimento das entidades representativas de docentes, técnicos administrativos e estudantes, por uma educação pública e gratuita, pela autonomia de nossa universidade e em defesa da ciência. Onde tivesse essas lutas, eu estava presente. E em qualquer outra que dissesse respeito ao fortalecimento da UFG.

Mas os recém-chegados à universidade, como docentes, desconhecem essa história, e seus olhares são guiados pelo que aprenderam nos rigores de suas pós-graduação, do produtivismo que lhes é cobrado, e da adaptação a uma burocracia crescente que cada vez adoece mais pessoas dentro de nossa instituição. Resgatar essas memórias, e a história de nosso percurso nesse longo caminho de quatro décadas de UFG, somados às outras décadas que me trouxeram a essa instituição, desde os rincões baianos, é por demais importante para consolidar a minha carreira e para que eu possa registrar dos momentos difíceis às situações que alegraram e me trouxeram prazer de ter construído essa história de vida pessoal e acadêmica.

Não penso que a partir desse momento fecha-se minha história e encerra-se o presente com esse relato do passado. Pois que sigo olhando adiante, como a ver ao longe aquele ponto que para nós pode significar a utopia. Alguns verão que lá está o futuro. Eu vejo que aqui, no presente, ainda me restam muitos anos a viver, e se o imponderável não cessar essa caminhada, ou até quando ela se encerrar, ainda penso em ter mais coisas para escrever do passado que restará a ser relatado.

Como nas minhas veias correm o sangue materno de uma sertaneja, nordestina, que não desistiu nunca e sempre buscou forças em sua fé para superar os obstáculos, e pelo que minha herança genética paterna legou, da obstinação e do envolvimento político, prossigo assumindo responsabilidades diante de um momento que nos lembra aquele passado não tão distante, quando enfrentamos governos neoliberais que queriam destruir a universidade pública, cujo relato está registrado nesse memorial. Naquele momento eu era presidente do nosso sindicato, Adufg, pela primeira vez. Agora, ainda em meio a uma pandemia e diante de um governo destruidor da educação, mesmo durante a elaboração desse memorial, me dispus a mais uma vez participar dessa entidade, sendo eleito para diretor financeiro, numa gestão que se estenderá até o ano de 2025.

Para efeito do objetivo posto, a promoção para professor Titular, esse memorial se fecha. Mas não se conclui, porque a minha história na relação com a Universidade Federal de Goiás ainda prepara o epílogo, que pretendo escrever como fiz até agora, com luta e determinação, por uma universidade plena de capacidade e condições de se desenvolver com autonomia financeira e administrativa, continuando sendo pública, gratuita e de qualidade. E, ao mesmo tempo, acreditando que um outro mundo é possível.

REFERÊNCIAS

BRAUDEL, Fernand. Gramática das Civilizações. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CAMPOS FILHO, Romualdo Pessoa. *Depois que você partiu*. Goiânia: Kelps, 2014.

_____. *Guerrilha do Araguaia: A esquerda em armas*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2012. 2ª Edição.

_____. *Araguaia: Depois da Guerrilha, outra guerra. A luta pela terra no Sul do Pará, impregnada pela ideologia da Segurança Nacional*. São Paulo: Fundação Maurício Grabois, co-edição com Editora Anita Garibaldi, 2014.

HOBBSAWM, Eric. *Tempos Interessantes. Uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

MAIA, Juarez Ferraz de. e MENEZES, Kalyne. *O Sindicato ADUFG. 40 anos de história e resistência*. Goiânia: Kelps, 2021.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização. Do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

